

MUITOS SÃO OS CHAMADOS

*Um jovem médico. Um chamado da
espiritualidade. Um drama a ser vencido.*

Romance do Espírito

Antônio Carlos

Psicografado pela médium

**Vera Lúcia Marinzeck
de Carvalho**



petit

MUITOS SÃO OS CHAMADOS

Antônio Carlos; psicografado por
Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho.

Este livro foi digitalizado por Emanuel Noimann dos Santos. Corrigido por Fabiana Martins

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda.- 1992/1997

- 1- Edição/impressão - fevereiro/92 - 5.000 exemplares U
 - 2- Reimpressão - agosto/92 - 3.000 exemplares
 - 3- Reimpressão - abril/93 - 3.000 exemplares
 - 4- Reimpressão - agosto/93 - 3.000 exemplares
 - 5- Reimpressão - julho/94 - 5.000 exemplares
 - 6- Reimpressão - novembro/94 - 10.000 exemplares
 - 7- Reimpressão - junho/95 - 10.000 exemplares
 - 8- Reimpressão - março/96 - 10.000 exemplares
 - 9- Reimpressão - março/97 - 5.000 exemplares
 - 10a Reimpressão - agosto/97 - 10.000 exemplares
- Capa, Criação e arte final: Flávio Machado

Projeto gráfico e Editoração eletrônica Petit - Editoria de Arte
etit, 1996. - 133 p.

ISBN 85-7253-004-5

1. Espiritismo I. Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de. II. Título
'• CDU: 133.9

índices para catálogo sistemático:

1. Mensagens psicografadas : Espiritismo 133.9

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopiadora ou outro meio, você estará prejudicando: a editora, o autor e a você mesmo. Existem outras alternativas, caso você não tenha recursos para adquirir a obra. Informe-se, é melhor do que assumir débitos.

Impresso no Brasil no inverno de 1997

MUITOS SÃO OS CHAMADOS

- Romance -

Pelo Espírito Antônio Carlos

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho _

Correspondência para:

Caixa Postal 67545 - flg. filmeida Lima 3?>T3IO3J-1 C6P 03102-970 - São Paulo - SP

Outros livros psicografados pela médium Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Com o Espírito Antônio Carlos

- Reconciliação

- Cativos e Libertos Copos que Andam Filho Adotivo Reparando Erros A Mansão da Pedra Torta Palco das Encarnações

- Aconteceu talismã Maldito Com o Espírito Patrícia

- Violetas na Janela

- Vivendo no Mundo dos Espíritos

- A Casa do Escritor

- O Vôo da Gaivota ; .
- Com espíritos diversos
- Valeu a Pena
- Perante a Eternidade

Dedicamos:

A todos os servos de Jesus
que ajudam, curam, instruem
em nome do Pai,
chamando irmãos ao Reino de Deus
e com seus exemplos, incentivando
muitos a se fazerem escolhidos.

Aos nossos amigos, nossa gratidão.

João Duarte de Castro Antonina Barbosa Negro Anézia Alba Marinzeck Braghini
Minha homenagem com todo meu amor filial à minha mãe Amaziles Candiani Marinzeck,
que há tempo tem no Plano Espiritual sua moradia.
A Médiun

índice	1 O Diploma	11
2	Recém-Formado	18
3	A Doença	24
4	Esperança	30
5	No Centro Espírita	37
6	A Cura	44
7	O Inesperado	50
8	Pesadelo	58
9	À Beira da Loucura	65
10	Vagando	75
11	De Volta ao Lar	86
12	O Socorro	94
13	Aprendendo	102
14	A Visita	109
15	A Excursão	117
16	Muitos São os Chamados	126

Diploma

Palmas ainda se ouviam pelo auditório da Universidade. Grupinhos se formavam, eram os formandos que conversavam alegres com familiares e amigos, recebendo cumprimentos.

os formandos que conversavam alegres com familiares e amigos, recebendo cumprimentos.

Marcos estava com seus familiares, quando Romeu, seu amigo e formando, abraçou-o alegremente, e apresentou-o à noiva:

- Esta é Mara - disse sorrindo. - Não é linda? Este é meu amigo Marcos.

- Oi! - saudou sorridente Mara.

- Muito prazer! - Marcos respondeu, observando-a. Um outro grupo de formandos se aproximou, Romeu se

voltou para conversar com eles. Marcos não conseguiu desviar os olhos da noiva do amigo, estava encantado com sua beleza exótica; loira dos olhos verdes, lábios bem feitos, estava vestida com muito bom gosto e elegância. Mara também observou o amigo

do noivo, com um sorriso misterioso.

Romeu despediu-se dos amigos e voltou novamente para perto da noiva. Nesse instante, aproximou-se do trio Rosely, a namorada de Marcos.

Novas apresentações. já conhecia São Paulo? indagou Rosely à Mara.

- Oh, sim! Já vim várias vezes à Capital paulista, fico os dias na casa de minha tia, que mora na Casa Verde, logo ali...

Mara falou devagar o endereço olhando para Marcos. Mara, vem, querida, quero despedir-me de outros colegas. Romeu estava delirante, amava a profissão que escolhera, sempre tirara as melhores notas. Moço agradável, simpático, de cabelos muito negros como os olhos, não era muito alto, mas o mais novo da turma. Sua família morava no interior de

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

São Paulo, e ele viera estudar Medicina na Capital do Estado. Ele e Marcos se tomaram grandes amigos.

- Vamos! - exclamou Mara, não deixando de corresponder aos olhares de Marcos.

Abraçaram-se os jovens formandos desejando, um ao outro, sucesso. Foram anos, juntos, de estudo puxado e agora se viam coroados de êxito com o diploma recebido.

Todos contentes. Muitas conversas, vai-e-vem de pessoas. Marcos procurava ter à vista Mara, e seus olhares cruzaram-se várias vezes. Marcos sentiu-se fascinado por aquela vênus loira, e Mara, dengosa, correspondia com olhares e sorrisos a insistência muda do amigo do noivo.

Só Rosely percebeu, mas se manteve discreta como sempre, procurando ficar mais perto do namorado.

A família de Marcos estava orgulhosa e, com suas melhores roupas, participava da conversa num grupinho de amigos e conhecidos.

O salão e o pátio foram se esvaziando, os formandos retiravam-se com os familiares. Marcos aproximou-se de Romeu para as despedidas. Deram-se um forte abraço. Marcos aproximou-se de Mara, enquanto o amigo despedia-se de Rosely.

- Espero, Mara, vê-la mais vezes, encantei-me com sua beleza e graça.

- Falei o endereço de onde estou hospedada. Recorda?

- respondeu a moça em tom baixo e sorrindo.

- De cor - falou baixinho.

E, porque Romeu se aproximasse deles, Marcos continuou a falar, como a completar um assunto:

- Não vá maltratar meu amigo, cuide bem dele. Tive muito prazer em conhecê-la.

Separaram-se. O pai de Marcos, sr. Dílson, se aproximou do filho.

- Vamos embora, Marcos; Tércio foi buscar um táxi. Conforme determinara sua mãe, d. Adelaide, iriam

embora de táxi, pois aquela era uma ocasião especial, não ficaria bem ir de ônibus com aquelas roupas de gala, e também porque já era tarde.

- 12 :

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Rosely voltou junto, morava perto do apartamento de Marcos. Eram namorados há doze anos. Isto fazia com que ouvissem gozações dos amigos e vizinhos. Rosely era graciosa, morena clara com grandes e expressivos olhos castanhos e cabelos longos. Trajava um bonito vestido, ao contrário da namoradinha de Marcos, que era simples demais para chamar a atenção.

Chegaram. O prédio era simples, subiram todos ao apartamento e conversaram animados, trocando comentários sobre a festa.

Marcos estava distraído, pensava na noiva do amigo, e suspirou:

- Estou cansado, desculpe-me, Rosely, vou dormir.
- Com tantas emoções, só pode estar exausto, vá descansar, querido - disse a mãe do rapaz, que não parava de olhá-lo com a bata negra de formando, alugada tão caro.
- Boa-noite! - disse alto uma senhora, entrando na sala. Era d. Carmem, avó materna de Marcos, que morava no apartamento ao lado. Tinha nas mãos um embrulho.
- Marcos - disse a senhora, muito contente -, isto é para você. Desculpe-me por não ter ido à solenidade. Estou velha e estas festas me cansam tanto!
- Obrigado, vovó, não precisava me dar presente. Abriu, contente, adorava ganhar presentes. Era uma bonita

e cara camisa. Com a chegada da avó, novos comentários sobre a formatura. D. Carmem aproximou-se do neto:

- Marcos, já agradeceu a seus pais?

Marcos riu, e pensou: "Agradecer a meus pais? Só minha avó mesmo para ter esta idéia. Eu que estudei tanto..."

- Marcos - continuou a simpática senhora -, você sabe quantas horas trabalharam Dílson e Adelaide para formá-lo? Deve sua formatura a eles. Tantos jovens querem estudar e não o conseguem, pois tudo é tão caro: livros, escolas etc.
- Compensá-los-ei mais tarde. Quando ficar rico, eles se aposentarão, a senhora irá ver.
- Se você pensar só em enriquecer, não será bom médico, eu...

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

- Vovó, vovó! - Marcos interrompeu-a. - Amo a Medicina e já sou um bom médico.

A senhora olhou-o, penalizada; Marcos se incomodou com a censura muda e saiu de perto dela. Gostava da avó, mas, para ele, já estava mesmo velha.

Todos conversavam animados, todavia Marcos sentiu vontade de ficar sozinho.

- Boa-noite! vou descansar - disse, alto.

- E Rosely? - indagou Solange, a irmã caçula de doze anos. - Como vai ela embora? Já são duas horas da madrugada!

- Acompanho-a. Levo você para casa, vamos. "Tárcio, meu irmão, quebrou o galho" - pensou Marcos

despedindo-se da noiva com um simples "tchau".

Retirou-se da sala e foi para seu quarto. Pensou:

"Gosto dela, mas não sentia vontade de levá-la para casa e conversar sobre os mesmos assuntos."

Parou na frente do espelho e viu sua imagem refletida. Com aquela bata negra parecia mais alto e musculoso. Sorriu satisfeito: era bonito, pele morena, cabelos negros e olhos azuis escuros; enquanto sorria, deixava aparecer os dentes claros e perfeitos.

Olhou para seu diploma:

"Um pedaço de papel escrito e desenhado, bonito, mas só um pedaço de papel". Entretanto, representava a confirmação de anos de estudo e de que estava apto a exercer a profissão de médico.

Marcos repartia o quarto com o irmão Tárcio e, naquele momento, torceu para que ele demorasse, para poder desfrutar alguns momentos a sós.

"Meu irmão deve estar com inveja" - pensou.

Tárcio prestara vestibular para Medicina por vários anos e não passou; desistiu e fazia no momento Bioquímica. Embora fosse mais velho que Marcos dois anos, Tárcio se formaria no ano vindouro.

"Eu, não!" - Marcos falou, enchendo o peito de ar, a demonstrar orgulho. "Passei, na primeira vez em que prestei o vestibular."

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Colocou o diploma em cima da escrivaninha.

"Fica aqui por hoje" - pensou. "Mamãe irá levá-lo para colocar moldura e seu destino será um gabinete de luxo."

Marcos gostava de falar consigo mesmo ao estar a sós. Monologava e, com prazer de escutar sua própria voz, disse satisfeito:

"Mamãe e papai ficaram emocionados."

Reconhecia que seus pais tinham dado duro para formá-lo. Seu pai, sr. Dílson, era dono de uma pequena padaria, a dois quarteirões do apartamento em que moravam. Levantava todos os dias às três horas da madrugada, trabalhava às vezes até a noite, menos aos domingos, que para ele eram sagrados, quando ia sempre à Igreja, pois era presbiteriano. Marcos via sempre o pai cansado, mas nunca a se queixar.

A mãe, professora primária, lecionava na parte da tarde e, pela manhã, cuidava dos afazeres do lar, sempre ajudando a todos e facilitando as tarefas dos filhos. Católica, não ia muito à Igreja a não ser na Semana Santa e em alguns domingos.

Os filhos às vezes iam à Igreja com o pai, ou com a mãe, porém não discutiam religião em casa, isto era-lhes proibido.

Só Gabriela, sua outra irmã, seguia a religião do pai: casara com Flávio, um presbiteriano convicto, e tinha dois filhos.

Solange era a caçula da família, "temporona", como costumavam chamá-la. Jovem inteligente, bonita, parecida com Marcos e muito estudiosa.

"Tenho uma bonita família" - suspirou, feliz.

Escreveu o endereço da tia de Mara no seu caderninho de anotações.

"Logo cedo, estarei lá. Preciso vê-la. É tão linda!"

Os olhos encantadores da noiva do amigo lhe vieram à mente. Trocou de roupa, deitou-se, estava deveras cansado, e adormeceu pensando nela.

Eram oito horas quando acordou. Tércio dormia tranqüilo. Recordou a noiva do amigo e se levantou. Iria ver Mara; banhou-se, tomou o desjejum cantarolando e saiu.

Pegou dois ônibus para chegar ao endereço que recebera. Localizou a casa e, sem hesitar, tocou a campainha. Uma senhora

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

veio atendê-lo. Quando Marcos perguntou por Mara, foi observado de cima a baixo.

- vou chamá-la - respondeu a mulher, secamente. "Ufa!" - suspirou. "Ainda bem que acertei o endereço. E

agora, que vou dizer a ela?"

Mara veio à porta, estava com roupa clara e esportiva. Marcos achou-a mais bonita ainda.

- Oi, você veio! Entra.

A conversa desenrolou espontânea, parecia que se conheciam há tempos.

Marcos acabou ficando para almoçar e, às dezesseis horas, se retirou, porque Romeu iria buscá-la logo mais, para passear. Marcaram encontro para o outro dia, passariam o domingo juntos.

Marcos voltou para casa pensando nos acontecimentos: "Por que tanto ele como Mara estavam escondendo estes encontros de Romeu?" Porque sabiam que não eram encontros de amigos, estavam fascinados um pelo outro. Sentiu ciúme de Romeu, que logo estaria com ela e era seu noivo. Teve raiva do amigo de tanto tempo, com quem tantos favores havia trocado e feito tantos trabalhos e pesquisas.

"Mas mulher é à parte" - concluiu. "Gostei dela e tenho a certeza de que ela se interessou por mim. Acharemos uma solução."

Não saiu naquela noite de sábado, ficou em casa pensando em Mara. Foi dormir cedo, esquecendo-se do encontro com Rosely, que o esperaria como tantas vezes.

Na manhã seguinte, Marcos levantou-se cedo e tomou o desjejum com os pais. O sr. Dílson convidou-o:

- Não quer ir à igreja comigo? Venha agradecer ao Senhor, pela formatura.

- Não dá, papai, para o senhor agradecer a Deus por mim? Tenho um encontro marcado com os colegas que voltarão às suas cidades. Mamãe, não virei almoçar.

- Precisa de dinheiro?

Marcos afirmou com a cabeça e a mãe lhe deu, não era muito, mas daria para levar Mara a um pequeno restaurante.

-16

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Ninguém vai comigo orar? Só Gabriela e meus netos. queixou-se o sr. Dílson.

- Hoje vou à missa - falou d. Adelaide -, alguém vai comigo?

Ninguém respondeu. Marcos saiu logo e num instante chegou ao ponto de ônibus. Os amigos iriam reunir-se num restaurante perto da Universidade, para se despedir. Romeu também havia confirmado presença, mas Marcos iria encontrar-se com Mara que, para ele, era muito mais importante.

Mara atendeu à porta, seu coração disparou. Achava-a linda, inteligente, sedutora; tinha tudo o que lhe agradava.

Passearam, andaram pelas ruas, sentaram num banco de uma praçinha, almoçaram num restaurante simples. À tardinha, levou-a para a casa de sua tia.

Recém-Formado

e Mara

encontraram-se todos os dias daquela semana. Cada encontro era esperado com ansiedade por ambos. Ele contava os minutos que o separavam daquela moça envolvente e sedutora. No sábado, Mara despediu-se, pois voltaria à sua cidade na manhã seguinte.

Horas depois, Marcos se amargurava de saudade, de vez que o sorriso encantador de Mara não lhe saía da mente. Ficou carrancudo, sério e pensativo.

Rosely veio vê-lo na tarde de domingo.

- Marcos, você sumiu a semana toda! Não foi me ver! O moço sentiu uma ponta de remorso e inventou uma mentira.

- Estou preocupado com meu futuro. Quero especializar-me em Pediatria. Gostaria de fazer a especialização nos Estados Unidos ou na França. Não tenho dinheiro! Devo ir amanhã a vários hospitais tentar arrumar emprego. Certo mesmo é meu trabalho no Hospital do governo, onde fiz o teste e passei. Espero resposta de um luxuoso hospital, mas o salário não será muito. Para ganhar bem é necessário ser conhecido, ter um belo e bem localizado consultório. Mas, para isto, necessito de dinheiro.

À medida que foi falando, Marcos se empolgou. Há tempos, decidira pela Pediatria, porque gostava de crianças, mas estava encontrando muitas dificuldades.

- Calma, Marcos - Rosely procurou animá-lo -, sabia que teria essas dificuldades. A fama será fruto de sua dedicação e capacidade. Podemos adiar nosso casamento. Depois, posso continuar trabalhando e ajudar você.

18

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Trabalhar depois de casada, nunca! Que diriam meus amigos, vendo minha mulher trabalhar como simples balconista? Se ao menos você tivesse uma profissão, um diploma!

- Marcos, sou gerente da loja, meu trabalho é honesto e... - Rosely respondeu sentida.

- Eu sei, eu sei, desculpe-me. Estou nervoso. Levo você para casa.

- Tão cedo! Poderíamos ir ao cinema, andar um pouco.

- Outro dia, Rosely.

Levou-a para casa e voltou logo. Rosely não representava mais nada para ele. Comparou as duas: a antiga namorada lhe pareceu tão sem graça, enquanto Mara era demasiadamente interessante. Teve a certeza que estava apaixonado pela noiva do amigo. Trancou-se no quarto e escreveu uma longa e carinhosa carta à Mara, confessando seu amor.

Acertou seus empregos. Trabalharia, pela manhã, num Hospital afamado e particular, na Pediatria, e daria plantões noturnos três vezes por semana. O ordenado não era muito, mas compensava porque seria uma forma de ficar conhecido entre pessoas de posses e, também, para conquistar futuros clientes para seu sonhado consultório, que abriria logo que juntasse dinheiro. Na parte da tarde, trabalharia na Pediatria de um Hospital do governo, perto de onde morava. Sabia que trabalharia muito, mas valeria a pena e, quando tivesse seu consultório, largaria o emprego público.

Começou a trabalhar naquela semana e esperou ansioso pela resposta da carta enviada para Mara.

Aproveitou, por estar muito atarefado, para afastar-se de Rosely. Parecia-lhe tão sem graça que, ao estar com ela, ou se queixava do trabalho ou ficava em silêncio, a pensar em seu novo amor.

Dias depois, recebeu a resposta de Mara, a confessar que o amava também. Sentiu-se feliz e lhe escreveu, em resposta, longa e apaixonada carta. Assim, por dois meses, eles se corresponderam com palavras ardentes e apaixonadas.

- Marcos, necessito falar com você - disse Tércio, entrando no quarto. Vendo o irmão já deitado, indagou:

- Incomodo-o?

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

- Se não for assunto demorado, fala. Estou cansado.

- Cansado até de Rosely?

- Por que me pergunta isto?

- Até um bobo perceberia que não liga mais para ela. Não mais se encontra com ela, anda distraído e ansioso por umas cartas... Que está acontecendo, meu irmão?

- Tércio, não se intrometa em minha vida.

- Não é com sua vida que me preocupo, mas sim com a de Rosely. Ela é uma moça simples, sincera e trabalhadora, está a esperá-lo todos esses anos.

- Não a obriguei, esperou porque quis.

- Esperou porque a namorava. Você é um ingrato! Tércio abriu a porta do armário. - Suas roupas, as melhores, quem as deu? Foi ela, com seu trabalho. Quem sempre pagou suas despesas, quando saíam? Será, Marcos, que sua doce namorada de infância merece ser enganada? Será que Rosely não merece uma explicação? Ou, primeiro, vai se casar com a outra e avisá-la depois?

- Não é bem assim, Tércio. - Marcos contou ao irmão o que se passava e finalizou: - Não planejei nada, aconteceu. Mara é linda e apaixonei-me por ela. Gosto de Rosely, porém não a amo. No coração não se manda.

- É certo que no coração não se manda. O que não é certo é você enganar Rosely.

- Que faço?

- Use de honestidade, termine com Rosely, embora sinta que esteja jogando uma jóia rara fora. Ela seria uma companheira, uma esposa amiga. Está sofrendo com sua indiferença.

- Sofre?!

- Está abatida, você não notou?

- vou acertar tudo isso.

Marcos se levantou e escreveu uma carta a Mara, pedindo que viesse a São Paulo, para conversarem e acertarem a situação. Não dava mais para esconder o amor que sentiam.

Mara veio dias depois. Ao ficarem a sós, na sala da casa de sua tia, abraçaram-se, trocaram beijos apaixonados e muitas juras de amor.

• 20

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Combinaram desfazer naquela semana o namoro e o noivado, depois dariam um tempo e anunciariam o namoro deles.

Mara ficou dois dias em São Paulo, e Marcos passou todas as horas livres ao lado dela. Ela concordava com a ambição do recém-formado e ele se encantava com a descoberta de sua "alma gêmea". Tinham as mesmas idéias, sonhos e gostos. Poderiam conversar horas sobre assuntos interessantes.

Mara partiu. No dia seguinte, Marcos foi esperar Rosely na saída do trabalho. A gerente da loja se alegrou ao ver o namorado à sua espera, mas ele sentiu até mal-estar por ver a moça feliz.

Marcos convidou-a para ir até uma sorveteria, onde conversariam sossegados. O médico tomou metade de seu sorvete em silêncio. Rosely, no princípio, tentou conversar com ele, porém, vendo-o silencioso, calou-se e esperou. Marcos tentava adquirir coragem, pois seriam desagradáveis as explicações que teria de dar à namorada de tanto tempo. Enfim, falou:

- Rosely, estou apaixonado por outra. Não é justo continuar este ridículo namoro, espero que você entenda. Sinto muito.

Rosely não respondeu de imediato, desconfiava que o namorado pudesse estar tendo alguma aventura. Não acreditava que fosse algo sério, nem que ele terminasse o namoro daquela forma grosseira. Esforçou-se por não chorar, suspirou, e disse olhando para ele:

- Poderia ser mais delicado, sr. Doutor. Quem é ridículo é o senhor, e não o nosso namoro. Deveria ser mais educado com esta idiota que lhe dedicou tanto tempo e juventude. Mas fique tranqüilo, não estou a cobrar nada, você não teria como pagar. Há quanto tempo está apaixonado por outra? Há quanto tempo me engana? Você é um cínico! Seja infeliz com ela! Desejo a você tudo o que fez comigo.

Levantou-se. O rapaz teve a intenção de acompanhá-la, entretanto ela o parou e disse:

- Poupo-lhe este ato ridículo: um médico não deve estar na companhia de uma honrada mulher... mas simples balconista!

Rosely saiu apressada. Marcos voltou a sentar-se, enxugando o suor do rosto.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

"Ufa!" - pensou. "Foi difícil, mas sinto-me aliviado. Estou livre para Mara. Será que ela já terminou o noivado com Romeu?"

Tranqüilamente foi para casa e chegou quando seus familiares estavam jantando. Aproveitou-se por estarem todos juntos e disse:

- Comunico a vocês que Rosely e eu terminamos o namoro. Foi definitivo.

Todos se espantaram, pois Rosely era querida por todos e o casamento deles era dado como certo. Marcos não esperou que o susto passasse, continuou:

- Peço-lhes que não interfiram, porque não adiantará. Estou apaixonado por outra e espero que a aceitem, de vez que vou me casar com ela, vocês querendo ou não.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Marcos saiu, era sua noite de plantão.

Depois dessa comunicação, Marcos passou a ficar cada vez menos em casa. Se alguém tocava no assunto do namoro desfeito ou no nome de Rosely, saía de perto, não permitindo intromissões ou conselhos. Não viu mais a ex-namorada e nem quis saber como estava.

Mara também terminou o noivado sem muitos problemas. Romeu a amava, mas estava prevendo o rompimento, pois sentia a indiferença da moça.

Mara, após duas semanas, viajou a São Paulo, e eles ficaram noivos. Conforme planejaram, esconderam o fato, dando um tempo para anunciar o compromisso. Um dia após Mara ter regressado à sua cidade, Marcos, ao dirigir-se ao hospital, defrontou-se com Romeu, que o esperava.

- Não me conhece mais, Marcos? Ou, depois de tomar minha noiva, ignora-me?

- Oi! - respondeu Marcos, recompondo-se do susto.

- Como vai?

- Bem. E você, miserável?

- Calma, Romeu. Nós não planejamos traí-lo, aconteceu...

- Era meu amigo, e ela, minha noiva!

- Sua ex-noiva.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Que seja! Vocês se merecem. Vim só para olhar sua cara de sem-vergonha, traidor!

- Não deve me ofender. Sou seu amigo.

- Amigo? Você é tudo, menos amigo. Você ainda vai precisar de mim!

- Você logo esquecerá, você...

- Claro, não se preocupe. Mara é frívola, traidora, não me interessa mais por ela. Quem fica com dois, pensa em três. Por ela ia deixar de especializar-me por dois anos nos Estados Unidos. Agora vou, parto amanhã. Espero não vê-los mais. Desejo a você, meu falso amigo, muita infelicidade e poucos anos de vida. Até nunca!

Romeu virou-se, andou rápido e tomou um táxi. Marcos ficou olhando-o.

"Que imbecil!" - pensou. "Está despeitado!"

Marcos e Mara passaram a encontrar-se mais, de vez que ela vinha sempre a São Paulo, e ele, também, passou a ir à casa dela. No início, a família dela deixou claro que Romeu era o preferido; aos poucos, porém, foram aceitando-o.

Marcos só pensava em Mara e no trabalho. Ficou indiferente com seus familiares, e não tinha tempo nem para com eles conversar. Os dois planejaram se casar logo, deixando o consultório para depois.

A Doença

Quatro meses se passaram. No final de novembro, durante um plantão, Marcos se sentiu mal e desmaiou. Ficou minutos sem sentidos. Outro médico, seu colega, o examinava, quando voltou a si.

- Dr. Marcos, vejo necessidade de você fazer vários exames.
- Isto é só estafa, dr. Guilherme. Tenho trabalhado muito.
- Não penso assim. Faça os exames, para nossa tranquilidade.

Marcos deu uma olhada nos exames pedidos.

"Brincadeira!" - pensou. "Dr. Guilherme acha que estou mal. Eletros, exames de sangue! Bobagem! O desmaio é porque estou trabalhando demais, não voltará a acontecer."

Passados dois dias, como não sentisse mais nada, rasgou os pedidos de exame. No outro dia, porém, novo desmaio; desta vez em seu apartamento, quando se preparava para o jantar. Os familiares tudo fizeram para reanimá-lo. Não conseguindo, levaram-no para o hospital do bairro onde trabalhava. O dr. Guilherme o socorreu. Marcos voltou a si após duas horas, com forte dor de cabeça.

- Não fez os exames que lhe pedi, não é, dr. Marcos?
- Não, pensei que não iam ser necessários, eu...
- Veja os medicamentos que administrei para reanimá-lo. Isto não é estafa! Deve procurar sem perda de tempo um neurologista.
- Tenho meu professor, ou melhor, meu ex-professor da Universidade.
- Ótimo, marque uma consulta.

Depois de tomar um analgésico, Marcos voltou para casa com os pais, que não conseguiram esconder suas preocupações.

-- 24 •

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Ele se esforçou para tranquilizá-los, dizendo ser só cansaço. Porém, ele também estava preocupado.

Logo pela manhã, telefonou para a residência de seu ex-professor, contando-lhe o ocorrido e pedindo que o examinasse.

Dr. Marcondes, assim se chamava seu ex-mestre, mandou que fosse imediatamente ao seu consultório, e que o atenderia antes da primeira consulta marcada.

O dr. Marcondes era calmo, tranqüilo e de grandes conhecimentos. Examinou Marcos, entre conversas e risos, falando sobre os tempos em que ele estudava. À medida que o examinava, foi se inquietando e se esforçou para não parecer preocupado.

- Marcos, necessito de exames para dar o diagnóstico. Passemos para a outra sala, onde faremos radiografias e eletroencefalogramas.

Marcos, um tanto apreensivo, acompanhou o professor. Ao terminar o eletro, dr. Marcondes examinou-o concentrado, calado. Marcos foi até ele e tentou olhar o resultado.

- Alterações?! - perguntou.

- Deixa que eu examino. Só poderei dar o diagnóstico com todos os exames prontos. Deve voltar daqui a dois dias. Vá tranqüilo e não se preocupe.

Marcos voltou para casa, não conseguiu se acalmar: o que vira no eletro não era nada bom, deveria estar realmente doente e talvez fosse algo grave.

No outro dia, como Marcos demorava para levantar-se, sua mãe foi acordá-lo e o encontrou desmaiado. Despertou logo, porém sem saber o tempo que estivera sem sentidos. Não conseguiu levantar-se, de tanta dor de cabeça; aí vomitou, e eram vômitos em jatos, sem náuseas.

Dois dias demoraram a passar. Marcos contava as horas, quando deveria estar novamente com o dr. Marcondes.

Muito nervoso, lá estava antes da hora marcada, e foi recebido com carinhoso abraço.

- Marcos, que é isto? Nervoso? Não deve ficar assim. Que poderá ter de grave com um moço tão forte? Veja os exames.

VERA LÚCIA MARINZEK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

Com naturalidade, o dr. Marcondes mostrou-lhe os exames.

- Um tumor encefálico?! - Marcos exclamou, empalidecendo. - Por isso minha cefaléia matinal, meus vômitos em jato, sem náuseas.

- Está localizado numa área delicada do cérebro, porém aconselho uma cirurgia, e o mais breve possível. Poderei operá-lo, se quiser. Ficaré bom, não deve se preocupar.

- Pode ser um tumor maligno! Um câncer!

- Pode não ser! Aposto com você que não é. Confio que não seja grave. Fica com os exames, estuda-os e esteja à vontade para mostrar a outros profissionais.

- Não existe outro médico melhor na sua especialidade, professor. Admiro-o.

- Obrigado. Poderá ser operado no hospital da Universidade, assim não gastará nada e estará entre amigos.

- Isto é bom! Confesso que não tenho dinheiro para tal problema, nem minha família.

- Pense, Marcos. Quando chegar a um resultado, telefone-me, ou se encontre comigo, na Universidade, sempre às dezesseis horas. Marcaremos tudo.

Marcos foi para o hospital trabalhar, e procurou fazer tudo rápido, para ter tempo de pensar e rever com atenção os exames. Só teria chance se operasse. Pediu licença do trabalho à tarde, e foi encontrar-se com o dr. Marcondes, na Universidade. Resolveram. Marcos submeter-se-ia à cirurgia, e a marcaram para dali a dois dias.

Marcos teve licença nos dois empregos e foi para casa. Contou aos familiares, mas procurou esconder sua apreensão, pedindo-lhes para não se preocuparem e que a cirurgia seria simples, contudo necessária.

No dia seguinte de madrugada, com a intenção de não regressar tarde, foi visitar Mara, a fim de colocá-la a par da situação. Ficou ela muito preocupada. Marcos tentou acalmá-la, conversando sobre assuntos que apreciavam. Ao sentar-se para almoçar, sentiu tudo rodando e caiu: a cabeça doía-lhe terrivelmente.

Acomodaram-no no sofá, e ele pediu que lhe aplicassem um analgésico. O farmacêutico foi chamado e lhe deu uma

MUITOS SÃO os CHAMADOS

injeção, Marcos desmaiou. Chamado o médico da família, Mara lhe contou o acontecido e o clínico procurou reanimá-lo. Ele voltou a si, uma hora e quarenta minutos depois, e vomitou.

Temendo que voltasse sozinho, o pai de Mara e ela o trouxeram de carro a São Paulo. Seu genitor regressou no mesmo dia, todavia Mara ficou, porque queria estar perto do noivo na cirurgia.

Marcos ficou acamado até a hora de ir para o hospital. Estava esperançoso e animou a todos. Confiava no dr. Marcondes e sabia o tanto que era competente.

No outro dia cedo, acompanhado de Mara e de seus familiares, Marcos dirigiu-se ao hospital. Após os preparativos, levaram-no para a sala de cirurgia. Um grupo de estudantes assistiria à cirurgia. Com votos de felicidade e sorte, da turma, Marcos adormeceu com a anestesia.

Horas se passaram...

Sentia vultos perto, teve vontade de abrir os olhos, tentou falar, mas só saiu um murmúrio, quando sentiu apertarem levemente sua mão e escutou a voz carinhosa de sua mãe.

- Tudo bem, filho! Já está operado e no quarto. Tudo correu bem. Vai ficar logo bom. Nada de grave.

Sentindo-se mais tranqüilo, adormeceu. Acordou com o dr. Marcondes examinando-o.

- Marcos, você está bem! A cirurgia foi um sucesso,,

- Diga-me, professor, é câncer? ""

- Não. Os exames acusaram um tumor benigno. Ufa! Que bom!

Em todos os horários de visita, Mara esteve com Marcos, animando-o e distraíndo-o. Dizia-lhe, brincando:

- Você está horrível, careca. Se não nascerem cabelos, não me caso com você.

A família de Marcos, ao ver a moça tão paciente e amorosa, passou a vê-la com mais simpatia.

Marcos teve alta e foi para casa. Lá, todos procuravam ajudá-lo, principalmente sua mãe, que se desdobrava em cuidados e carinhos.

Após duas semanas, Mara voltou para casa, mas vinha vê-lo todo final de semana. Rosely não o visitara. Marcos

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

preferiu assim, embora não entendesse o porquê de tanto ressentimento.

Quando já se sentia bem e forte, dr. Marcondes permitiu que voltasse ao trabalho, mas sem dar plantões noturnos.

Marcos e Mara oficializaram o noivado, numa pequena recepção na casa dela, ocasião que serviu para as duas famílias se conhecerem. Casariam assim que Marcos se organizasse novamente.

Seis meses se passaram.

Marcos conseguira juntar pequena quantia de dinheiro, pois pensava comprar um carro para lhe facilitar a vida. Também, poderia ver a noiva com mais comodidade, e ela estava acostumada com esse luxo.

Pouco tempo depois, começou ele a sentir novamente dores de cabeça, entretanto não contou a ninguém. Após uma crise mais forte, preocupou-se e marcou uma consulta com o dr. Marcondes.

No caminho para a consulta, Marcos desmaiou no ponto de ônibus e foi levado para um Pronto-Socorro. Acordou com uma enfermeira medindo sua pressão e outra lhe fazendo curativos, de vez que, ao cair, machucara o queixo e o braço esquerdo.

- Pode deixar, obrigado, sou médico.

Dizendo isso às enfermeiras, quis levantar, contudo não conseguiu, porque sua cabeça doía terrivelmente. Só depois que o analgésico fez efeito, foi que pôde tomar um táxi e chegar ao consultório, para a consulta marcada.

Após cumprimentar dr. Marcondes, Marcos narrou-lhe o acontecido.

- Doutor, o senhor acha que esta dor pode ser outro distúrbio? Ou novamente o tumor... - perguntou Marcos um tanto nervoso.

- Marcos, você é médico, e foi bom aluno. Creio que já o enganamos bastante. Veja, aqui estão seus exames. Tem câncer. O tumor está localizado numa área perigosa. Pouco podemos fazer. Mandeí cópias dos exames ao melhor e mais aparelhado hospital da América do Norte, e eles são da mesma opinião. Não é aconselhável operar mais..
Tiramos um bom

MUITOS SÃO os CHAMADOS

pedaço dele, mas não ele inteiro. Sinto muito por não ter conseguido curá-lo. Consideramos melhor você ficar sem drogas, porque elas, no seu caso, só iriam fazê-lo sofrer mais.

Marcos abaixou a cabeça, sentiu estar flutuando, pois não queria acreditar no diagnóstico. Sabia, porém, ser verdade. Iludira-se. Acreditara tanto na cura, que anulou seu raciocínio de médico. Ecoavam fortes em sua mente as palavras do cirurgião. Os exames ficaram soltos no seu colo, de vez que não teve ele coragem de olhá-los. Após silenciosa pausa, dr. Marcondes voltou a falar:

- Marcos, sinto muito. Agora não tenho como mentir, porque você é um profissional.

- Alguém mais sabe?

- Só seus pais. < ; -Esconderam bem. - •

- i - Foi melhor você não saber.

- Agradeço-lhe por tudo. Não sei o que fazer agora. Que me aconselha?

Se quiser fazer algum tratamento...

- Seria inútil. Quanto tempo tenho?

- Quem sabe dizer? Se acreditasse em Deus, diria que só Ele sabe. Não quero fazer uma previsão. O tempo que estive sem sentir nada foi além de nossa expectativa. Leve os exames, estude-os, estarei aqui para ajudá-lo no que quiser. Marcos, sabe como medicar-se, mas aqui está a receita. Deve deixar seus empregos.

Marcos pegou os exames e saiu sem se despedir, estava revoltado, teve vontade de xingar todas as pessoas que via. Conteve-se para não insultar o dr. Marcondes por não ter tentado um tratamento logo após a cirurgia, por ter lhe escondido o resultado. Foi para casa desanimado, tudo parecia cinzento o que antes via tão bonito.

Pegou um táxi para voltar à sua casa. O apartamento estava silencioso, todos haviam saído. Marcos se trancou e tratou de estudar, em seu quarto, todos os exames que o dr. Marcondes lhe entregara. Verificou que estava vivo por milagre. Não tinha muito tempo de vida e nada se podia fazer. Qualquer tratamento só o maltrataria além de custar muito dinheiro.

Antes do horário em que a mãe costumava chegar, abriu o quarto. Não querendo no momento conversar com ninguém, tomou um sonífero, acomodou-se no leito e adormeceu.

Como a depressão influi na doença, ou melhor, no doente, no outro dia os pais se assustaram ao vê-lo: estava abatido, de olheiras, curvado, havia emagrecido.

Marcos se levantou, aproveitou que estavam todos juntos para o desjejum e narrou o que lhe ocorria, com voz pausada e de cabeça baixa. Pediu que tivessem paciência com ele, mas não piedade. Seus irmãos se assustaram, esforçando-se para não chorar, mas os pais, que sabiam de tudo e estavam angustiados na espera da recaída, não agüentaram e choraram muito.

- Podemos implorar sua cura a Deus, meu filho, faremos promessas - disse a mãe.

- Não se devem chantagear favores. Adelaide, devemos pedir graças, mas não trocá-las com promessas - falou o sr. Dílson.

- Deus! Deus não é justo, mamãe, não é? Tantas pessoas inúteis, vadias e logo eu é que fico doente?! Eu, que começo a exercer uma profissão para a cura de tantas pessoas!

- Não diga isso! - falou o pai. - Tenho e devemos ter esperanças. Nossa vida pertence a Deus e acredito na Sua justiça, embora não a entenda.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Não me lembro de Deus. Nesses anos todos, não pensei nele. Será que irá se preocupar comigo?

Todos se calaram. Com a intenção de contar à Mara, telefonou-lhe, porém não teve coragem. Esperou sua vinda, no final de semana.

Afastou-se dos empregos e ficou em casa, sem coragem nem vontade de sair. Como combinado, na sexta-feira, Mara veio, e se assustou ao vê-lo. Marcos contou-lhe tudo, sem esconder nada.

- Desfaremos o noivado, Mara. Adoro-a, mas desde agora você já é livre.

- Não e não! Estarei sempre com você!

Ficou, como sempre, por dois dias e passou-os com Marcos, porém, não agia mais com aquela espontaneidade. Mara o tratava como moribundo, pois não sabia ao certo o que fazer. Sentia-se aliviada na hora de ir embora. Começou então a afastar-se do noivo!

Marcos pensou em trabalhar para se distrair, mas podia desmaiar a qualquer momento e, também, não sentia ânimo para nada, de vez que se alimentava pouco e as dores já eram constantes. Passaram-se duas semanas e estava fraco, parecia outro. Dr. Marcondes o internara, para fortificá-lo com sangue e soro.

No hospital, colocaram-no numa cadeira de rodas, para ser conduzido ao quarto. Observava os corredores distraído, por onde passara tão cheio de sonhos e ansioso de poder. Esforçou-se para não chorar. A enfermeira, ao conduzi-lo, parou para conversar com uma outra que abrira a porta. Marcos olhou para dentro da ala infantil, ali estavam os infantes doentes. Sem dúvida, iria tratar deles, se não estivesse doente. Havia muitas crianças, algumas dormindo parecendo tristes, outras chorando de dor ou pela falta dos entes queridos.

"Engraçado" - pensou -, "vejo-as de modo diferente, não como médico; sinto compaixão por elas, vejo-as como pessoas que, do mesmo modo que eu, sofrem."

- Morreu!

A voz de espanto da moça que o conduzia fez com que Marcos prestasse atenção nelas.

.-

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

- Sim, o menino morreu. Dr. Rui lutou para salvá-lo, mas não conseguiu.
- Como é a vida! Alguns pais são tão amorosos, deixam em pranto os filhos aqui internados, outros... Quanto desamor, surrar uma criança assim.
- Além do traumatismo craniano, teve outras fraturas!
- Será que o pai vai ser preso?
- Ora... não tenho conhecimento de um pai ou mãe preso por surrar filhos, ainda mais que é um figurão.
- Estava bêbado?
- Sim! Dizem que foram a uma festa e deixaram a criança sozinha, e quando voltaram de madrugada o garoto pôs-se a chorar de medo; para que se calasse, o pai o surrou.
- Tomara que nunca mais eles consigam dormir, pais irresponsáveis. Que laudo deram?
- Que o menino caiu.
- Se fossem pobres...
- Ora, Mercedes, não é a primeira vez que isto acontece, já tivemos muitos casos e com crianças mais pobres ainda.
- Sei, mas revolto-me. Tantos querendo ter filhos, e outros os têm e os matam, e com pancadas. E sempre acham desculpas para seus atos: porque os pequenos choram muito, ou por não terem dinheiro, ou ainda por brigas entre eles, cônjuges. Descontam nos filhos suas frustrações e, assim, são realmente assassinos.
- Dia chegará em que entenderão o que fizeram e sofrerão as conseqüências dos seus erros.

A enfermeira continuou seu caminho, entrando num quarto: Marcos foi colocado no leito e ali ficou a sós a meditar, enquanto lentamente lhe ministravam sangue e soro.

Marcos chocou-se com o que ouvira: tantos a lutar pela vida, e outros a destruí-la, como aquele pai inconstante.

"Estou ficando sensível" - pensou.

Mara lhe fazia falta. Deu mil desculpas e não foi vê-lo naquele final de semana. Entendia o procedimento da noiva. Eram eles parecidos. Como ele não seria capaz de se dedicar

MUITOS SÃO os CHAMADOS

com amor a um doente, ela agia assim também: ambos amavam a vida, a beleza...

Acabou chorando.

"Oh!" - pensou. "Se Deus me desse outra oportunidade, mais tempo! Iria dedicar-me à profissão com amor. Seria, para as crianças pobres, o alívio, o consolo, a cura. Não pensaria mais em enriquecer. Trataria dos doentes com mais carinho."

Esses pensamentos passaram a acompanhá-lo. Mudaria sem dúvida, se não morresse.

Voltou para casa sentindo-se fortalecido. No lar, tinha tempo de sobra para pensar, ler, ver televisão. Às vezes, tinha vontade de pegar seus livros e estudá-los.

"Para quê? Que me adiantarão mais estudos?"

Mas acabou pegando-os. Lia-os com atenção e carinho, recordando as aulas e as brincadeiras da turma toda.

Rosely veio visitá-lo: estava tranqüila, bem aparentada e risonha. Quando chegou, sentiu-se um pouco embaraçada, mas depois o assunto veio naturalmente sem se mencionar a doença.

- Meu bem Tércio disse a ela -, vamos?

Marcos percebeu que o irmão e ela se entendiam... namoravam. Há tempos, não prestava atenção nos problemas familiares, vendo somente os seus. Nem se importou com Rosely, todavia ela não lhe guardava rancor. Estava alegre por vê-lo.

- Meu irmão! - exclamou Tércio. - Há tempo, gosto de Rosely. Quando vocês romperam, conversamos muito e vimos o quanto temos em comum. Namoramos, espero melhorar meu ordenado para nos casarmos.

- Você me abriu os olhos, Marcos. A convivência nos enganou, pois pensei que o amava, mas ao conhecer melhor Tércio foi que descobri o amor. Ele é o homem de minha vida!

Marcos sorriu e se esforçou para aparentar alegria, ao despedir-se de sua ex-namorada. Ao ficar a sós, meditou:

"Que bem fiz na minha vida? Muito pouco! Nem amigos tenho. Pensei só em mim, aí está a colheita. Mesmo Rosely, que julguei me amar, se enganara. Mara está tão distante e prefiro assim, de vez que estou virando um farrapo humano e sei que vou piorar; ela amou o jovem cheio de vida e de

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

entusiasmo que fui. Sinto saudade, mas não a quero por perto; vê-la seria um tormento."

Escasseavam as visitas da noiva e, quando estavam juntos, pouco conversavam. Ela não sabia o que dizer e ele temia que ela tivesse somente pena dele.

Marcos lembrou de Romeu. Certamente seu ex-amigo sofrerá com sua traição. Recordou-se do ódio dele no último encontro.

"Seria bom que me perdoasse e que estivesse feliz!"

Num impulso, escreveu aos pais dele, solicitando seu endereço nos Estados Unidos.

"Quando o obtiver, escreverei pedindo desculpas. Afinal, não quero deixar mágoas por aqui" - falou baixinho.

A porta do quarto se abriu num empurrão.

- Achei uma solução!

D. Carmem entrou, seguida de sua mãe e Solange. Sua avó estava entusiasmada, corada pela excitação, e falou gesticulando. Todos prestavam atenção nela, e a boa velhinha não se fez esperar, para a explicação:

- Encontrei, hoje, na cidade, Flora, uma amiga que mora no Brás. Há tempos que não nos víamos, conversamos muito. Conteí a ela, então, que você está doente. Flora então me deu uma grande esperança de solução. Francisco, seu esposo, estava com câncer no esôfago e desenganado pelos médicos, quando ficaram sabendo de um centro espírita, no interior de São Paulo, onde ocorriam curas milagrosas. Foram até lá e gostaram muito. Francisco foi operado lá, espiritualmente, e se curou. Vive bem até hoje, já faz três anos!

- Meu filho, num centro espírita!! Imagine!

- Calma, mamãe - falou Marcos, interessado. - Continue, vovó.

- Se quiser saber de tudo com detalhes, meu neto, amanhã poderei ir à casa de Flora e obter informações, inclusive endereço e tudo o mais que nos interessar. Tenho certeza de que aí está a resposta às nossas preces. Acredito que Deus sempre permite um filho d'Ele ajudar a outro, mais necessitado. Agora, você é o necessitado. Busque e achará. Deus permite que Seus

- 34

MUITOS SÃO os CHAMADOS

filhos se ajudem, é um irmão auxiliando outro. O Pai-Amoroso não deixará de ajudar-nos, pois tenho orado tanto! O doente comoveu-se e abraçou a avó.

- Obrigado, vovó, por sua preocupação e carinho. Quero, sim. Vá amanhã e, se possível, traga-me os exames do sr. Francisco.

- Vai mesmo, filho, a um centro espírita? Você não acredita nisso!

- Nem desacredito. A Medicina não pode me curar. Por que não tentar outros meios? Comentávamos muito na Universidade casos paranormais em que se realizavam curas. Eram curas comprovadas, e se aconteceram por auto-sugestão ou pela força mental de certas pessoas não se sabe, o fato é que podem acontecer. Fui educado, mamãe, entre duas religiões e amo as duas, isto me fez entender que Deus está em todas. E por que não no Espiritismo?

- Eles mexem com os mortos! - sua mãe exclamou, abaixando a voz.

- Bobagem! Usam uma parte do cérebro que poucos conseguem usar, só isto. E mortos não são pessoas também? Não vejo nada demais. Mamãe, arrependo-me por não ter seguido nenhuma religião. Nada melhor que sofrer, tendo o conforto de uma religião e se ligando a Deus porque acredito no Absoluto, no Criador do Universo.

- Nunca ouvi você falar assim! - exclamou Solange, que até aquele momento escutara em silêncio.

- Nunca me vira doente...

- Tem razão - disse d. Adelaide -, devemos tentar, se não fizer bem, mal não fará.

- Estamos combinados, amanhã cedo irei à casa de Flora. Estou tão esperançosa!

Marcos estava com muitas dores, por isso pediu para ficar sozinho, quando tomou o remédio para amenizá-las, e pensou:

"Que bom seria se eu sarasse!... Ajuda-me, meu Deus! Se ficar bom novamente, trabalharei com dedicação e amor. Sanarei dores em Teu nome."

Pela primeira vez, sentiu esperanças.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS Adormeceu.

O almoço não tinha sido servido, quando d. Carmem regressou. Viera contente, entrou no apartamento com tanto entusiasmo, que todos foram à sala para vê-la. Trouxera o sr. Francisco, que há tempos a família não via. Após os cumprimentos, o sr. Francisco disse, dirigindo-se a Marcos:

- Meu filho, tive câncer e realmente sarei. Fui operado por duas vezes no Hospital do Câncer, e sofri muito nestas cirurgias sem ter melhora. Estava marcado para morrer em breve, pois o câncer me consumiria. Sabendo das curas realizadas no Espiritismo, fomos duas vezes ao centro espírita e deu resultado. Curei-me lá, sem dores nem sangue. Graças a Deus estou bem, gozando de excelente saúde. Trouxe meus exames, analise você mesmo, pois é médico. Estes são os de antes de ser operado no centro espírita e esses os que fiz depois, comprovando a cura.

Marcos pegou os papéis e examinou-os. À medida que os lia, enchia-se mais ainda de esperança.

- Então, Marcos, que me diz?

- Tem razão, sr. Francisco, o senhor está curado e a Medicina terrestre não soube explicar o que aconteceu.

- Você também ficará curado!

Essas palavras permaneceram na mente de Marcos e foram tomando força: "Você será curado! Eu sarei!"

- Vovó, quero ir! Por favor!

- Não é tão fácil assim - falou d. Carmem. - Lá não se cobra nada, tudo é feito com amor e caridade. Há dias certos para atendimento e terei de conseguir uma consulta.

- Consulta?!

- Marcos - explicou sr. Francisco -, o médium que opera e as pessoas que o ajudam são cidadãos comuns, que têm seus afazeres, trabalho e família. Atendem os doentes três vezes por semana. Uma vez é para consulta, quando se analisa o que o doente tem; na segunda, é operado e, na terceira, recebe o receituário e passes.

- Passes? - indagou Marcos, curioso.

- Energias curadoras - esclareceu o sr. Francisco.

- Quero ir!

• 36

No

Centro Espírita

Dona Carmem organizou tudo sozinha e viajou para o interior. Encontrou o Santuário Espiritual Ramatis da cidade de Leme e marcou consulta para o neto, voltando mais entusiasmada ainda com os casos que ouvira.

No dia certo, saíram cedo de São Paulo. Marcos não se sentia bem, pois tinha dores e fraqueza. Fez viagem desconfortável no antigo automóvel do cunhado, que gentilmente o emprestara para esse fim. Não se queixou, porque estava esperançoso e sua vontade de sarar era grande.

O trabalho espiritual só iria começar à noite. Foram então procurar alojamento num pequeno e simples hotel da cidade.

Antes da hora marcada, lá estavam. Marcos gostou do lugar, de vez que a casa espírita era cercada por um bonito e singelo jardim, e o salão era grande e simples.

Marcos, curioso, observou tudo: na parte da frente, no centro, onde havia plantas e flores, e na parede, em que se via um lindo e encantador quadro com Jesus Nazareno de braços abertos, distribuindo graças.

Teve início o trabalho espiritual e deixaram acesas somente as luzes da frente; o salão ficou com uma claridade suave e agradável, convidando à meditação e oração. Os médiuns que ali auxiliavam, entraram, destacando-se um senhor simpático, que Marcos veio a saber que se chamava sr. Waldemar. Falou ele aos presentes com voz firme e todos prestavam atenção. Marcos se emocionou e procurou entender a mensagem. O que guardou dela foi mais ou menos o seguinte:

- Irmãos, muitos são os chamados e poucos fazem por serem escolhidos. Aqui estão à procura da cura de seus males. Depois de curados, são chamados por Jesus para uma vivência mais espiritual, mais humana, lembrando que somos todos irmãos e que Deus é Pai de todos.

37

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

Porém, há muitos aqui, que, curados de seus males físicos, esquecem este apelo, este chamamento, e voltam à vida fútil. Que temos de fazer para sermos escolhidos? Exemplos Jesus nos deu e estão aí nos Evangelhos. Amem a todos, todos sem distinção, são eles o nosso próximo. Façam, meus irmãos, o bem; evitem os abusos e o mal. Despertem para as coisas de Deus. Muitos irmãos nem querem ser chamados; outros, chamados, deslumbram-se mas esquecem logo. Vocês, aqui presentes nesta simples e humilde casa do Pai, estão sendo chamados. Façam por merecer serem escolhidos. Despertem para uma nova vida, mudando os hábitos maus por costumes bons, vivendo no amor, no bem e para o bem.

Quando o sr. Waldemar acabou, o silêncio continuou a reinar. Separaram-se: os médiuns foram para as salas ao lado, e ficaram no salão os que iam ser consultados e seus acompanhantes.

Marcos ficou meditando no que ouvira, até ser chamado a entrar em uma das salas.

O lugar era modesto, simples. O sr. Waldemar estava presente, e observei que a fisionomia do médium mudou um pouco, estava tranqüila irradiando amor e paz.

- Que tem, meu filho?

A voz era diferente, com sotaque estrangeiro, dando uma enorme confiança nos consultados.

- Sr. Waldemar, eu...

- Por favor, meu filho, sr. Waldemar é o aparelho, o médium; agora, é um médico quem lhe fala.

- Tenho câncer. Silêncio.

Após um minuto, Marcos escutou, surpreendendo-se:

- Um tumor encefálico.

O médium colocou a mão na cabeça de Marcos, no lugar exato da localização do tumor.

Falou alto a uma senhora que estava tomando notas, o que Marcos tinha com exatidão e, voltando-se a ele, disse:

- Os médicos encarnados já o operaram e não conseguiram curá-lo. Confie, filho, peça ao Pai sua cura.

_ 38

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Marcos foi encaminhado a outra sala. Entrou, sentou-se e foi rodeado por médiuns.

Dois deles começaram a falar, em transe. Marcos, porém, prestou atenção no que um dos médiuns, um moço, falou:

- Ora, para que curá-lo? Por que vocês se preocupam com pessoas ruins, egoístas? E ainda querem tirar suas dores! Ele não presta! Só pensa em si mesmo. Roubou a noiva do amigo! Tem que morrer! Demorei para achá-lo e agora querem que o deixe. Somos inimigos de outras eras. Esperava uma oportunidade para maltratá-lo. Foram dois encarnados que, conosco, desejaram isso. Ele merece! Tenho aval, ele nesta encarnação não melhorou. Pisa em que o atrapalha.

Um outro médium, um senhor, conversou com o espírito e lhe disse da necessidade de perdoar e ir embora para o mundo espiritual, onde seria feliz, e que deveria deixar os encarnados em paz.

Os médiuns voltaram ao normal e Marcos foi convidado a sair. Encaminharam-no para a frente da sala, onde estava o quadro de Jesus. Outros médiuns impuseram-lhes as mãos e todos oraram o Pai-Nosso. Marcos orou com fé:

"Meu Jesus, hoje fui realmente chamado, cura-me e tudo farei para ser escolhido."

Novamente sentou-se em seu lugar. Após todos serem atendidos, os médiuns se reuniram novamente no centro, e uma senhora recitou uma oração gloriosa que muito o emocionou. A Prece de Cáritas, conforme falaram depois para Marcos.

Acenderam-se as luzes, ele recebeu um papel que marcava, em caráter de urgência, sua operação para segunda-feira próxima.

Voltaram ao hotel e Marcos dormiu bem a noite toda, fato que há tempos não ocorria.

No dia seguinte, comentaram os acontecimentos da noite anterior e concluíram que não haviam entendido muito.

D. Adelaide voltou para São Paulo, permanecendo, com Marcos, seu pai e a avó, para retomarem na quarta-feira pela manhã.

Na tarde de sábado, ajudado pelo pai, saíram do hotel, indo a uma pracinha. Perto de uma banca de revistas, Marcos

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

viu um senhor e reconheceu ser da equipe de médiuns do Centro Espírita "A Caminho da Luz".

- Boa-tarde - Marcos cumprimentou-o e apresentou-se. O médium respondeu educadamente apresentando-se

também e sentaram-se num banco à sombra das árvores.

- Por favor, sr. Netinho, fale-nos um pouco sobre o trabalho espiritual de vocês. Explique-nos o que ocorreu comigo.

- Nada há que possa espantar, meu caro jovem, tudo é tão simples e explicável. Assim como se exerce a Medicina com amor, aqui como encarnado, poderá, se se quiser, exercê-la desencarnado. Quem faz o bem aqui, poderá fazer melhor do lado de lá. A Medicina espiritual é bem mais evoluída e melhor equipada, por isso puderam localizar com precisão o tumor de que é portador. São muitos os desencarnados de boa vontade que nos ajudam. Quanto ao que viu e ouviu na outra sala, foi a doutrinação de entidades ignorantes que o acompanhavam. Aqui, dr. Marcos, fazemos amigos e inimigos, e estes muitas vezes nos seguem; amigos ajudando-nos, e inimigos prejudicando-nos. As duas entidades que ouviu, perseguiam-no, sabendo o que ocorria com você, e procuravam agravar seus problemas. Orientadas, foram para o lugar que lhes é devido e, assim, sem essas companhias indesejáveis, pôde você sentir-se melhor e dormir bem.

- Sr. Netinho, que aconteceu, quando impuseram as mãos sobre mim? Senti-me tão bem!

- Você foi beneficiado por um Passe de Irradiação. Procuramos fortalecê-lo e anular a energia negativa em forma de doença do seu organismo. Você, meu jovem, poderá entender melhor se estudar a literatura Espírita.

Conversaram mais um pouco, tendo Marcos anotado algumas obras espíritas que poderiam esclarecê-lo, indicadas gentilmente por aquele senhor, e prometeu a si mesmo adquiri-las e estudá-las. Despediram-se, em seguida.

Marcos compreendeu que os acontecimentos na casa espírita tinham lógica e não se chocavam com seus conhecimentos.

Esperou ansioso pela noite de segunda-feira.

O início e o término dos trabalhos eram parecidos nos três dias em que a eles assistira.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Naquela segunda-feira, novamente o médium curador se fez ouvir. Marcos prestou bastante atenção:

- Estamos sempre pedindo graças ao Pai. E estes pedidos, serão bons somente para nós? Devemos analisar o que pedimos e somente implorar a Deus o que é bom a nós e aos outros. Vocês, irmãos, aqui doentes, pedem a cura de seus males. E devem pedir com fé, porque é pela fé que obtemos o que almejamos. Não têm fé? Deixem, então, crescer esta sementinha lá no fundo de suas almas e cuidem bem dela. Para fortificá-la é necessário estudar e compreender os ensinamentos de Jesus, com a luz da razão e do entendimento. Não se crê, somente por crer. É necessário entender e sentir. A fé raciocinada ajuda-nos a viver, a compreender e a pedir as graças de que necessitamos, para nossa felicidade e evolução. E, para racionalizar a fé, devemos buscar conhecimentos nos livros espíritas, nas obras de Allan Kardec. Jesus curou muitos, quando esteve encarnado, e disse: "Virão outros que farão o que eu faço e muito mais. Onde estiverem dois, três ou mais reunidos em meu nome, aí estarei presente". Ao curar o corpo físico, cuide-se para não adoecer o espírito com as más tendências e vícios. Mente sã e consciência tranqüila no bem significam corpo sadio e perfeito. Muitos de vocês serão curados. E estas curas realizam-se pela vontade de Deus. Nada acontece a não ser por vontade dele. Fez pequena pausa e prosseguiu:

- E quem muito recebe, muito deve ser agradecido. Sejam, irmãos, agradecidos e analisem o muito que receberem. Se não formos gratos, com que coragem iremos pedir novas graças? Não estamos sempre necessitados da Bondade do Pai? A Ele, ao Pai é que tudo devemos: nossa gratidão e amor!

Marcos ficou meditando no que ouvira, até ser chamado, quando, então, foi encaminhado a uma das salas. Estava tão emocionado, que tremia ligeiramente. Deitou-se em uma mesa e procurou relaxar, como uma senhora lhe recomendara.

Estava no local o médium, sr. Waldemar, mediunizado, e outros médiuns para ajudar. Marcos fechou os olhos e acompanhou mentalmente a oração do Pai-Nosso que uma senhora recitou em voz alta.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

Sentiu algo frio na sua cabeça, que fora molhada com éter em algodão. Percebeu algo lá do fundo de seu cérebro, e teve a sensação de que estava com o crânio aberto; depois sentiu uma dor aguda e passageira, bem no local em que fizera a cirurgia material. Com duração de três minutos, aproximadamente, havia acabado a operação espiritual!

Uma senhora lhe fez um curativo com esparadrapo e gaze, que sentiu estar molhada com éter.

De novo em seu lugar, teve a sensação de que fora anestesiado, e se sentia bem e tranqüilo. Quando todos foram atendidos, encerraram-se os trabalhos, com a recomendação de que repousassem até o outro dia e, à noite, voltassem para receber passes.

Marcos dormiu a noite toda e esteve sonolento durante todo o dia. Não sentiu dores, mas somente uma fraqueza de convalescente após uma cirurgia.

Na noite de terça-feira, o salão estava repleto, Marcos notou que muitas pessoas da cidade e da redondeza ali vinham para receber o passe.

O sr. Waldemar novamente pôs-se a ensinar. Ali recebiam remédios para o corpo e para a alma. Reinando grande silêncio, falou o médium:

- Irmãos, largo é o caminho da vida mundana, das facilidades e das ilusões terrenas. Estreito é o caminho do bem, e quando por ele caminhamos, devemos abandonar a prática de coisas que agradam ao corpo, mas adoecem a alma. Estreito é o caminho da Vida Eterna. Muitos se recusam a ouvir o chamamento do Pai, não reconhecendo Jesus como o Pastor, e não querem fazer o mínimo sacrifício e seguir pelo estreito caminho que nos leva à salvação. Aqui vieram para ter o alívio de seus males, e estão sendo chamados para o entendimento de uma vida objetivando a Espiritualidade. Peçam também ao Pai coragem para se tomarem melhores, porque esse corpo para o qual buscam a cura é perecível, mas o espírito é eterno. Muitos se esquecem desse fato tão importante e dão mais valor ao corpo, que veio da Natureza e a ela voltará. Aqueles que ouvem e não seguem os ensinamentos de Jesus, são os

MUITOS SÃO os CHAMADOS

imprudentes que construíram sua casa sobre a areia e, por basearem sua existência nas ilusões do corpo, vem a morte física e é grande sua ruína, sua decepção e sofrimento. Por que dar mais valor ao material que é perecível? Vamos mudar para o bem, curando o espírito das chagas, dos vícios e das maldades, para termos o espírito são e o corpo com saúde. Porque, meus irmãos, se não sarar o espírito, cura-se o corpo hoje, mas amanhã poderá adoecer novamente. Cura-se o espírito, com as receitas da boa moral e do bem viver, contidas nas lindas lições dos Evangelhos.

Finalizando, pediu que se formasse fila para receber os passes.

Marcos gostou muito de tomar passe. Ali de pé, em frente da pintura lindíssima do Nazareno, sentiu um calor, uma energia boa e pura entrando em sua cabeça, fazendo-o sentir-se melhor e com mais ânimo.

No final, recebeu um receituário homeopático e dois vidros de remédios elaborados com plantas, sem produtos químicos, com a recomendação de que voltasse após trinta dias.

Os operados pareciam com outra disposição, e os comentários e Yam de otimismo. Sr. Dílson gostou e d. Carmem estava entusiasmada, comentando tudo com alegria.

Regressaram na manhã seguinte a São Paulo. E Marcos, além da esperança, tinha a fé que lhe dava a certeza de sua cura.

43

A Cura

Marcos começou a melhorar. O apetite lhe voltava aos poucos e tinha menos dores, além de mais espaçadas. Com o tratamento da Medicina terrena, tomou transfusões de sangue e aplicações de soro, que estavam prescritas e lhe fizeram muito bem, acabando em parte com sua fraqueza e fazendo-o sentir-se melhor.

Recebeu o endereço de Romeu e lhe escreveu uma carta sincera, pedindo desculpas e contando sobre sua doença.

Nesse período, Mara o visitou por duas vezes, com seus familiares, mas evitava ficar sozinha com ele. Estava a noiva muito bonita, embora tristonha e indiferente. O desinteresse dela doía em Marcos, mas ele a compreendia: não fora ela feita para velar doente, mas para enfeitar a vida...

Marcou-se a segunda operação espiritual. Na segunda -feira pela manhã, dirigiram-se para o interior. Ansioso, Marcos esperou pelo início dos trabalhos.

Tudo decorreu como da primeira vez. Só que, enquanto esperava, Marcos sentiu as aplicações anestésicas e, quando estava sendo operado, sentiu que extraíram algo de dentro de seu cérebro, bem no local onde ainda lhe doía, não houve cortes físicos nas cirurgias.

Na outra noite, após os passes, recebeu outros remédios, e marcaram seu retorno para daí a trinta dias.

O jovem médico estava eufórico, pois sentia a saúde dentro de si. Alimentava-se bem, tinha vontade de conversar e o bom humor lhe voltara. Com novas transfusões de sangue e soro, tornou a ser um jovem saudável, corado e risonho. Dr. Marcondes espantou-se ao vê-lo e concluiu que não necessitava mais de transfusões. Seu ex-professor pediu-lhe que fizesse novos exames. Marcos, porém, não quis, pois preferia esperar pela alta do centro espírita. Raramente tinha

MUITOS SÃO os CHAMADOS

dores, e eram tão fracas que não necessitava de remédios para contê-las.

Comprou e passou a ler obras espíritas. Lia-as com atenção e estudava suas lições. Encantou-se com a clareza dos livros de Allan Kardec, principalmente com os esclarecimentos de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

"vou ter sempre este livro comigo, vai ser o meu livro de cabeceira" - dizia Marcos, entusiasmado. "Quero seguir o Espiritismo."

Em sua casa, todos estavam contentes com sua melhora, mas não faziam comentários. Seu pai estava cada vez mais calado. A mãe, um tanto descrente, procurava desconversar quando o filho falava sobre Espiritismo, principalmente perto de outras pessoas. Solange era a única que escutava com atenção os comentários entusiasmados da avó e do irmão.

Mara, ao vê-lo melhor, se encheu de esperança e passou a visitá-lo mais, conversando como antigamente e tomaram a tecer sonhos. Marcos sentiu-se feliz, porque não só recuperava a saúde, como também a noiva.

Recebeu carta de Romeu. Nela seu ex-colega escreveu educadamente que o desculpava. Dizia que desculpas não anulavam os fatos, mas tudo estava esquecido. Que já sabia da doença dele e sentia muito, fazendo-lhe votos de melhoras. Contou também que estava gostando muito do curso, e estava noivo de uma médica americana e planejavam casar logo.

Marcos ficou intrigado: "Já sabia". Como o amigo de longe poderia ter sabido de sua doença? Mas a carta foi posta de lado. Tão animado estava com sua recuperação que nada merecia preocupá-lo.

Dr. Marcondes foi visitá-lo em seu apartamento.

- Pelos meus cálculos, meu ex-aluno, você deveria estar em fase terminal ou mesmo falecido. É espantosa sua recuperação!

Marcos sentia-se curado, contentíssimo, quando foi para sua terceira operação, desta vez em companhia somente do pai. D. Carmem não pôde ir.

Seu coração batia forte ao ser encaminhado para a sala e acomodado na mesa.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

- Você é médico, meu filho?

Perguntou a entidade incorporada no médium, com sotaque diferente, porém não menos agradável.

- Sou - Marcos respondeu, emocionado.

- Também sou, exerci a Medicina quando encarnado, e exerço-a com mais amor agora, desencarnado. Que acha de sua melhora?

- Estou assustado, mas muito feliz. Pelos cálculos da Medicina terrestre já deveria estar desencarnado, porque ela nada pôde fazer a meu favor. Entretanto estou melhor a cada dia e sinto-me bem e sadio. Só uma Medicina com mais conhecimentos, como a espiritual, pôde melhorar-me.

- Filho, nestas operações que fazemos, desmaterializamos a doença e extraímos-la do corpo. Você não tem mais nada. Está curado! O câncer foi extirpado de seu organismo.

- Que Jesus seja louvado!

Foi o que Marcos conseguiu dizer, controlando-se para não chorar de emoção e felicidade. Ao ser ajudado a descer da mesa, não conseguiu se conter e as lágrimas rolaram, molhando-lhe o rosto. Então, a entidade lhe disse:

- Lágrimas lavam a alma, e quando são de gratidão, fortalecem a fé. Vá em paz e lembre-se: tudo foi feito pela vontade de Deus, nosso Pai.

De volta ao seu lugar, Marcos pensou:

"Aqui reúnem-se encarnados e desencarnados de boavontade, para ajudar irmãos necessitados, curando corpos doentes e chamando-os a sarar o espírito."

Voltou eufórico da viagem, falando o tempo todo, pois sentia-se muito bem. Seu pai sorria contente, ao vê-lo recuperado.

Dois dias depois de regressar a São Paulo, Marcos foi fazer os exames que o dr. Marcondes pedira. Sentiu medo, uma ponta de desconfiança o amargurava.

"E se a cura for só aparente?" - falava a si mesmo. "Se for uma simples melhora?"

Sabia, porém, que, no seu caso, não era possível uma melhora e esforçava-se por animar-se.

- _ 46

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Nessa agonia é que buscou os exames. Dr. Marcondes recebeu-o com grande alegria, abraçando-o.

- Você está curado! Veja seus exames: sangue, radiografia, eletros. Não acusaram anomalias. Seu câncer sumiu! Comprove você mesmo!

Marcos pegou os exames com as mãos trêmulas, olhou-os, teve vontade de pular; entretanto ficou parado, não conseguiu dizer nada e acabou chorando.

- Eu também, no seu lugar, choraria; fique à vontade. Sua alegria é minha também. Você nasceu de novo!

- Desculpe-me, eu...

- Marcos, observe estas radiografias. Há sinais da operação que fizemos e outros sinais. Estes aqui não fui eu quem fez, tenho certeza disso, e não me arriscaria a extirpar o tumor nesta área tão perigosa. Entretanto, os sinais aí estão e o tumor foi extirpado totalmente. Sua cura não se deu por autosugestão. Não se pode extrair um tumor canceroso assim, só pela vontade. Você foi realmente operado, e a cirurgia feita com conhecimento e precisão! E deixaram sinais desta maravilhosa façanha. O que você narrou deste centro espírita encabulou-me. Tenho sido um ateu convicto, de vez que minha esposa, há anos, tenta me convencer da existência de Deus, da continuação da vida após a morte do corpo. Agora, Marcos, com os resultados de seus exames, sinto que o ateísmo me cansa, e não responde a tantas indagações e dúvidas que surgem. Sua cura é um acontecimento que não sei explicar, mas vou procurar as explicações, vou pesquisar: começarei lendo os livros que me indicou, sinto que neles encontrarei as respostas. Espiritismo é também uma Ciência, e amo conhecer com sabedoria. Percebo, meu ex-aluno, que estas respostas me levarão a Deus. Marcos, sua cura está dando fim ao meu ateísmo já moribundo.

- O Espiritismo é fantástico! Começo a ler sobre esta Doutrina que abrange não só ciência, mas também religião e até parapsicologia. Estou tentando entendê-la.

- É isto aí, menino! Dê valor ao que o curou, porque nem eu, nem a Medicina que tanto estudamos, pudemos

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

ajudá-lo. Deve realmente existir algo mais elevado e poderoso do que o homem, que nem curar-se de certas doenças consegue. É Deus, certamente.

- Bem, dr. Marcondes, não quero tomar mais seu tempo. Agradeço-lhe. Se tivesse de pagar seus préstimos não teria como, porque tudo o que tinha, o que havia guardado, foi gasto só em remédios. Obrigado!

- De nada, foi pouco o que fiz. Espero, Marcos, que você morra de velhice.

- Obrigado, desejo-lhe o mesmo. Abraçaram-se contentes.

Felicíssimo, chegou em casa contando alto a novidade. Todos se alegraram, e seus pais e a avó choraram de emoção. Telefonou e contou a Mara, que ficou muito feliz.

No outro dia, Marcos procurou os hospitais onde trabalhava e recuperou seus empregos. Com muito vontade, começou a clinicar, dias depois.

Não deixou de ler os livros espíritas; entretanto, agora não tinha tempo, passou a estudá-los menos. Porém, todos os dias pela manhã, lia um texto do Evangelho e procurava meditar por minutos a página lida. Gostaria de comentar sobre os livros, todavia não tinha com quem fazê-lo, pois somente a avó e Solange lhe davam atenção, quando falava sobre eles. Mara, por sua vez, não gostava e procurava sempre mudar de assunto.

O ex-doente planejou freqüentar um centro espírita, para estudar e conhecer a Doutrina, porém pequenas dificuldades fizeram-no desistir: um centro espírita era longe e, em outro, o horário não coincidia com seu tempo livre, etc.

Um dia, ao chegar de um passeio com Mara, ouviu a mãe dizer a uma vizinha:

- Marcos nunca teve câncer, foram só comentários, pois os primeiros exames estavam errados. O que teve foi um tumor benigno, senão não sararia.

Marcos nada disse, entrou no apartamento e sua mãe veio logo após.

- Mãe, por que mentiu? - indagou. - Por que disse que os exames estavam errados? O dr. Marcondes não errou!

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Quem está isento de erros? Não poderia o dr. Marcondes ter errado? Com tantos exames... Depois, como iria dizer a esta faladeira que você sarou num centro espírita? Iriam falar e até seríamos ridicularizados. Eu, tão católica, levar meu filho a um lugar assim!...

- Mãe! Como a senhora é tão católica?

- Bem, imaginam.

- D. Adelaide tem razão - interferiu Mara. - É desagradável dizer que sua cura se deu num centro espírita. Para minha família e amigos disse também que erraram nos exames.

- Mara, você também?!...

- Meu bem, com que cara diria a eles que você sarou num lugar como esse, de pessoas ignorantes? Não sei como você acredita. Eu não acredito! O mais certo é que os exames falharam, foram trocados, etc. Sabe que isto pode ter acontecido.

- Não no meu caso. Eu mesmo os examinei. E o Espiritismo não é para ignorantes, porque requer, para entendê-lo, muito estudo. Fui realmente curado lá no Santuário Espiritual Ramatis

- Por favor!

Mara falou de mansinho, fazendo o biquinho que tanto lhe agradava e continuou com voz sentida:

- Acalme-se, meu bem. Sua mãe e eu pensamos assim, pense você e acredite no que quiser. Mas reserve-nos o direito de julgar o que é certo. Vamos esquecer este assunto e não tocar mais nele. Não faz diferença. O que importa é que você está bem e curado!

Marcos ia responder, porém Mara, dengosa, arrastou-o até o sofá e o beijou. Passaram a falar do futuro e Marcos se entusiasmou, planejando sobre a realização de seus sonhos materiais.

Os pais de Mara ofereceram ajuda para que se casassem logo. Marcos hesitou, mas como Mara insistisse, marcaram a data do matrimônio.

O casamento foi na cidade onde residiam os familiares de Mara, e eles se casaram numa cerimônia bonita.

Freqüentar um centro espírita, estudar a Doutrina, ficou para depois, e o assunto foi sendo esquecido.

49

Cinco anos se passaram. Marcos orgulhava-se da casa em que moravam.

Certo dia ao levantar-se, cedo ainda, abriu a janela e olhou rapidamente o bonito jardim que circundava sua moradia.

Preparou-se para ir trabalhar e foi pegar sua maleta no escritório, que era a parte da casa que mais lhe agradava: mobiliado com gosto, tendo alguns objetos de arte e muitos adornos.

Mara veio ao seu encontro para despedir-se, como fazia todas as manhãs.

- Meu bem - disse ela, sorrindo -, vou com Paula e o corretor hoje à tarde ver uns terrenos no Morumbi. Comprando um bom terreno, daqui a dois anos poderemos construir uma linda mansão, com piscina e quadra de tênis.

- Será que seus pais não ficarão aborrecidos por vendermos e mudarmos desta casa? Afinal, foi presente deles!

- Ora, Marcos, para nos instalarmos em outra melhor? Claro que não. Mamãe vai adorar. Você já vai, querido?

- Está na hora.

Duas lindas crianças entraram gritando e pularam no pescoço de Marcos: eram Isabela e Rodrigo, seus filhos de quatro anos e dois anos e meio.

- Tchau, papai.

- Tchau, papai, traga balas para mim.

Marcos, após beijá-los, se dirigiu à garagem onde a empregada lhe abriu o portão. Entrou no carro esporte último tipo e rumou para sua Clínica. Ia sempre pela manhã ao hospital, onde era pediatra de clientes abastados e, à tarde, dava consultas no seu consultório, situado numa pequena Clínica ao lado do hospital. Naquele dia ia passar primeiramente em seu consultório, para ver um sobrinho que estava adoentado. Marcos

50

MUITOS SÃO os CHAMADOS

gostava e se orgulhava do seu consultório e da elegante Clínica, onde era sócio com mais três médicos de renome.

Naquele dia estava pensativo, dirigiu devagar, recordando o sonho que teve com sua avó. A ocorrência se repetia há alguns meses: sonhava com ela e os sonhos eram parecidos.

D. Carmem estava sempre muito bonita, abraçava-o, beijava-o e interrogava: "Que fez você, meu neto, dos livros que tanto queria ler? E suas crianças pobres?"

Ao parar num semáforo, passou a mão na cabeça e ali estava a pequena cicatriz da operação material, que não conseguira curá-lo. O Espiritismo foi esquecido e sua cura espiritual ficou sendo assunto proibido. Para seus novos amigos, nunca esteve doente. Esqueceram-se seus familiares do fato, e ele, de sua estranha cura.

"Que será que minha vó quer me dizer nesses estranhos sonhos?"

Sua avó morrera há dois anos e não falavam dela, nem mesmo dela se lembravam, nem ele mesmo sabia por que tinha esses sonhos.

"Ora, sonhos!"

Lembranças do que lera nos livros espíritas vieram-lhe à mente. E sonhar com os mortos da carne, mas vivos em espírito, pode ser encontro com eles. Porque, quando dormimos, o espírito fica mais livre, podendo ter encontros e conversar com os que partiram primeiro para o plano espiritual.

"Será que encontrei com minha avó?"

Marcos balbuciou como sempre fazia, quando estava preocupado. Mara ria sempre, dizendo que falava sozinho. Mas este era um dos seus costumes que não podia evitar.

"Livros?"

Aos poucos foi desinteressando-se dos livros que ficaram na parte oculta da estante, sendo que agora nem os via mais. Mara certamente dera fim neles, pois ela não gostava nem de vê-los.

"Os livros foram esquecidos, Para que se casassem logo, os pais de Mara deram a eles aquela bela casa com jardim, e aos poucos foram decorando-a. Mara trouxera seu carro. Porém o que ganhava não dava

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

para sustentar o luxo a que a moça estava acostumada e, assim, passou a trabalhar muito.

Amava o emprego no hospital do governo, atendendo com carinho as crianças pobres das enfermarias; continuava também com o emprego no hospital particular, onde estava até hoje. Nessa ocasião, surgiu uma vaga na Clínica, onde hoje trabalhava. Foi um primo de seu sogro que o indicara.

"Meu bem" - lembrava-se da voz suave da esposa, que a usava sempre quando queria algo -, "você não pode perder esta oportunidade! Necessitamos de tantas coisas, pois nossa casa está vazia e envergonho-me de receber visitas. Como se recusa a ganhar mais? Temos Isabela e teremos outros filhos. Pense em nós, em nosso bem-estar. Ganhar mais é sua obrigação! Tenho me privado, desde que me casei, de tantas coisas! Depois, meu bem, quando tiver seu trabalho reconhecido e ganhar muito melhor, poderá clinicar gratuitamente para um orfanato. Não é uma boa idéia? Você cuidará de crianças pobres e abandonadas!"

Conversaram muito e ele se deixou convencer. Não abandonaria suas crianças pobres, só as deixaria por uns tempos, visto que cuidaria delas no futuro. Arrumaria sua vida primeiro, dando conforto aos seus, e depois iria cuidar de alguns orfanatos.

Agora já ganhava bem, mas gastavam muito. A casa estava decorada, todavia já se tomara pequena. Tinham dois carros, contudo Mara queria um motorista. As crianças tinham tudo o que queriam. Viajavam todas as férias, porém Mara sonhava com viagens ao Exterior.

Agora, sonhavam com uma casa nova e compras de imóveis para garantir o futuro.

Chegou à Clínica, foi logo ver o sobrinho. Rosely esperava-o.

- Como está grande! - exclamou ao ver o garoto.

- Cresceu sim, há tempos que você não o vê - respondeu a cunhada .

Via pouco sua família. Rosely se casara com Tércio e eles se davam muito bem. Seu irmão tinha um bom emprego. Eles moravam perto de seus pais que viviam, como sempre,

- 52

MUITOS SÃO os CHAMADOS

agora só com Solange, que estudava e trabalhava. Sua mãe aposentara-se e ajudava o marido na padaria.

Atendia os sobrinhos, quando necessitavam, de graça; e só fazia isto pelos seus familiares, o que, para Mara, era o suficiente.

Marcos respondeu à cunhada, desculpando-se:

- Sabe como é, morar longe dificulta as visitas, depois, como você sabe, trabalho demais.
- Seus pais sentem falta de vocês, principalmente d. Adelaide, que quase não vê os netos.
- Vamos lá no domingo.

Visitavam pouco os pais e eles também raramente iam à sua casa, assim quase não via seus irmãos. Quando casou, insistia com os seus para visitá-los. Mas Mara os tratava com frieza e, por isso, discutiam. Como não gostava de brigar com a esposa, não mais os chamou. Quando alguém de sua família os chamava para ir visitá-los, respondia sempre: "No domingo, iremos". Mas no domingo Mara sempre organizava programas, ou passeios com as amizades novas que julgava importantes.

"Marcos" - dizia Mara -, "devemos nos relacionar e ter amizades com seus sócios da Clínica. É tão bom conviver com pessoas importantes!"

Examinou o sobrinho pensando na esposa, parecia que a via ali.

- Que tem, Marcos? - indagou Rosely. - Parece preocupado!
- Não tenho nada. Estou bem. Dê a ele estes remédios que logo estará bem. É uma simples amigdalite.

Rosely se despediu, agradecendo.

Marcos tomou um café e pensou nos pais.

"Domingo, iremos lá. Preciso avisar Mara logo, antes que arrume um compromisso."

Lembrou-se do café de sua mãe. Ninguém fazia igual, nem tão gostoso. Recordou-se do irmão Tarcio, sempre o ofendera, pegava suas coisas, ele sempre paciente, o desculpava. Gostava do irmão e há tanto tempo não o via.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

"Bem, vou ao hospital." ••< • r.-.ot r

As recordações acompanhavam-no naquela manhã. Lembrou-se de sua infância no apartamento pequeno, mas tranqüilo, de sua juventude sempre com pouco dinheiro, porém feliz, dos seus estudos, dos amigos e colegas.

"Como estará Romeu?"

Tivera notícias dele há tempos, que viera dos Estados Unidos para o Rio de Janeiro, e que clinicava adquirindo fama na sua especialidade.

Ao entrar no hospital, lembrou-se do outro, o do governo, e das suas enfermarias; comparou os clientes: ali, crianças abastadas; no outro, as pobres que ele abandonara.

"Pobres crianças!" - disse, entre dentes.

- Que disse, doutor? - perguntou sua assistente.

- Nada, nada. Hoje estou saudoso, estranho e pensativo. Isto não é bom. Vamos ao trabalho.

Examinou seu primeiro paciente. Ao sair do quarto deveria, como de costume, entrar no outro, porém rumou para a cantina, deixando sua assistente a esperá-lo.

- Um café...

Marcos caiu. A moça da cantina tentou ampará-lo e, não conseguindo, gritou por socorro.

Marcos sentiu uma tremenda dor no peito e na cabeça e sentiu tudo sumir. Apenas percebia com dificuldade a movimentação exterior, os gritos da moça, enfermeiros e médicos se aproximando, depois, nada mais viu.

Sentiu-se acordar, mas um acordar estranho, tentou raciocinar e entender onde estava, não conseguia se mexer. Percebeu que respirava com a ajuda de aparelhos. Escutou:

- Dr. Marcos sofreu um derrame cerebral violento. Quase morreu!

Tentou novamente se mexer, todavia não conseguiu. Tinha as pálpebras semi-abertas e pôde observar onde se encontrava: reconheceu a U.T.I., do hospital, e estava em um de seus leitos.

Ao seu lado, permaneciam sua mãe e Mara, abatidas, preocupadas e chorosas.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Se viver, d. Adelaide, não ficará perfeito - comentou Mara, baixinho. Os médicos me disseram. Está vivo devido aos aparelhos, e porque teve o derrame aqui no hospital.

- Confiemos, filha, ele é tão moço! Ele não sentia nada? Não se queixava?

- Não. Parecia tão bem! É uma desgraça! Planejávamos construir uma casa no Morumbi, estava tão entusiasmado!

Calaram-se. Marcos pôde escutar e sentir os aparelhos, teve vontade de gritar. Esforçou-se, entretanto não conseguiu mexer nem um músculo. Desesperou-se e teve vontade de chorar. Sentiu as lágrimas saírem de seus olhos e a mão de sua mãe acariciando-lhe o rosto.

- Parece que chora! - disse d. Adelaide.

- Está em estado de coma. Bobagem, nada vê nem ouve.

A mãe pegou um lenço, enxugou o rosto de Marcos e fechou suas pálpebras.

O desespero de Marcos aumentou, e ele nada mais viu, ficando na escuridão e, naquele silêncio, só escutava os aparelhos. "As duas se calaram ou foram embora" - pensou. Ficou só, com seus pensamentos. Lembrou-se dos filhos, amava-os tanto e eram tão pequenos! Isabela, a mais velha, parecida com Mara, era uma boneca, cheia de vivacidade e encanto; Rodrigo era esperto, muito inteligente, forte e robusto. Queria ter mais filhos, Mara, não.

"Dois é bom" - dizia ela sempre. "Temos um casal."

Ali, imóvel, sem saber o que lhe ocorria, sentiu falta deles, porém quase não tinha tempo para os seus. Quem cuidava deles eram sempre as babás. Atualmente, Madalena, uma senhora, era quem tomava conta deles. Mara não tinha paciência e saía muito, de vez que tinha muitas amigas e estava sempre organizando chás e jogos.

Marcos, por sua vez, brincava pouco com eles, pois estava sempre trabalhando ou cansado, e os filhos cresciam rápido. Mas e agora? Que seria deles? Eram tão pequenos para ficar sem o pai...

Às vezes, sentia que dormia ou ficava numa estranha sonolência e via vultos estranhos, que lhe pediam para ter

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

calma e confiança. Parecia escutar a voz carinhosa de sua avó a pedir-lhe que se arrependesse de seus erros e orasse.

Mas não orava e, quando saía dessa estranha modorra, tentava se mexer, mas nenhum músculo lhe obedecia. Esforçou-se tanto que conseguiu abrir um pouquinho as pálpebras e, com alívio, conseguiu ver alguma coisa, saindo do escuro.

Assim, pôde ver as rápidas visitas de amigos e parentes, e ouvir os comentários, em voz baixa, que eram sempre os mesmos: a,

- Coitado, tão moço! m

- Como foi acontecer-lhe isso? .rio

- Será que morre? já Desesperado, tentou reagir e achar uma solução! "Sou jovem!" - pensava, aflito. "Sou jovem! Só tenho

trinta e dois anos! Não quero morrer! Pensem em algo para me salvar! Quero viver!"

Lembrou-se então da outra vez que rogou por sua vida a Deus. Pediu, prometeu que se vivesse ia ser bom, dedicar-se aos pobres e doentes. Recordou-se da palestra que escutara no centro espírita: se não forem gratos, como pedir nova graça?

"Que fiz, meu Deus, da vida que me deste? Mas não quero morrer agora. Tenho filhos! Necessito criá-los! Não é justo morrer agora!"

Novamente a modorra e os vultos e vozes a pedir-lhe calma. Não queria ter calma, não queria entender nem apelar a Deus, porque Ele não estava sendo justo. Era ele um médico, um ser útil.

A lembrança de sua avó veio-lhe forte à mente. D. Carmem sempre tão boa!

"Ah, se ela estivesse aqui! Certamente me levaria a um centro espírita e me salvaria. Por que ninguém se lembra disso? Se sarei lá uma vez, curar-me-ei de novo. Por que não pensam nisso? Esqueceram-se todos? Ah! Também esqueci! Participei deste esquecimento. Nem quando Rui, meu grande amigo, estava com câncer, falei a ele. Guardamos segredo, como se nos envergonhássemos de minha cura num centro

- 56

MUITOS SÃO os CHAMADOS

espírita. Há tempos, ninguém falava mais sobre isso. A culpa é minha! Vovó! Vovó, é a senhora que está aqui? Meu Deus, que fiz à senhora, vovó?"

Pensava, pensava... Parecia rever os fatos, lugares e pessoas. Às vezes, desesperado, tentava mexer-se, mas não o conseguia.

"Minha avó! Que saudade! Foi a senhora quem descobriu aquele lugar que me curou. Foi a senhora quem arrumou tudo para levar-me. E o dinheiro? Gastara em viagens e hospedagens. Nunca soube, nem perguntei como arranjava dinheiro! Se a senhora estivesse aqui, levar-me-ia de novo, mas já morreu!"

D. Carmem ficara doente, acamada um ano e cinco meses. Marcos foi poucas vezes visitá-la e com visitas muito rápidas. Não quis tratar dela, por não ser doença de sua especialidade.

"Ingrato! Ingrato que fui! Perdão, vovó! Perdão! Poderia ter levado a senhora ao Santuário Espiritual Ramatis, para ser curada. Não tive tempo! Tempo? Não quis! Ia me dar trabalho! Não a ajudei nem com dinheiro. Não sobrava do nosso supérfluo. Porém sei com certeza que, se estivesse aqui, lembrar-se-ia e me levaria até lá. Agora, ninguém lembra e quero tanto ir! Sinto que lá sararia novamente!"

Pesadelo

Não sabia nem calculava o tempo que estava daquele modo. Desesperava-se, acalmava-se, pensava e pensava... Tentou se mexer novamente, e nada. Começou a sentir frio, sentia-se gelar e parou de ouvir sua respiração. Apavorou-se ao ouvir:

- Morreu! Meu Deus, dr. Marcos morreu! - exclamou uma enfermeira, olhando-o aflita.

"Não! Não!" - Marcos tentou desesperadamente gritar. "Está louca, não morri!"

Sentiu que desligavam os aparelhos e, para seu espanto, continuou a respirar. Viu muitas pessoas a seu lado, inclusive dr. Ernesto a examiná-lo.

- Acabou! É sempre triste não poder salvar um amigo e colega!

"Meu Deus!" - Marcos pensou, desesperado. "Que faço? Enlouqueceram todos! Estarei sonhando? Não morri! Tive algum ataque e pensam que estou morto!"

Mas sabia que não estava tendo ataque nenhum, e que dr. Ernesto não se enganaria, porque o eletroencefalograma não se engana, e os aparelhos foram desligados.

"Que aconteceu, então? Que aconteceu?"

Saíram todos, ficou só, Marcos tentou calcular o tempo, mas não conseguiu. Aproximaram-se dele dois enfermeiros e levaram-no para outro local. Não conhecia a sala onde foi deitado numa mesa, todavia compreendeu que era a parte do hospital, onde preparavam os cadáveres. Foi despido. Colocaram-lhe roupas: um terno de que gostava muito, e camisa de seda. Os enfermeiros conversavam animados, por estarem acostumados com o trabalho. Marcos, nervoso, sem poder fazer

58

MUITOS SÃO os CHAMADOS

nada para chamar-lhes a atenção, para demonstrar-lhes que não estava morto, apenas os escutava: comentavam sobre o futebol do dia anterior, pentearam-lhe os cabelos, fecharam-lhe a boca com esparadrapo, deixando os olhos, para seu alívio, como estavam, semi-abertos.

Pronto! Mais um pronto! Tem mais hoje? Três, somente. Bonitão este, não? aooieM

- E a esposa! Uma gata! Elegante. Todos morrem, meu caro!

- Se morrem! Deixemo-lo aí, logo virão buscá-lo.

.o: Colocaram-no em outro lugar. Marcos achou que era em outro leito, e sentia muito frio e sede. Fecharam a tampa, e então compreendeu que estava numa urna mortuária. Nada mais enxergando, na escuridão, desesperou-se, tentou gritar e se apavorou.

"Ai de mim! Estou num caixão! Me enterrarão vivo!"

Sentiu ser transportado.

"Levam-me a outro lugar. Engraçado, estou respirando normalmente." (1)

Pareceu que muitas horas se passaram e, não, poucos minutos. Sentiu que o colocaram num lugar e a tampa foi aberta. Percebeu um cheiro forte de flores e escutou uma choradeira. Confuso, notou pessoas colocarem mais flores em sua volta, e mais aliviado, viu Mara. <"....<••

"Ela saberá que não morri!"

Decepcionou-se; Mara, chorosa, beijou-lhe a face.

- Meu Marcos! Por que morreu?

!soC(viu seus pais e seus irmãos chorando à sua volta, e também amigos, conhecidos e colegas. Sua mãe chorava e gritava:

- Meu Deus, por quê? Não o meu filho! Tão jovem! Por que não me levou no seu lugar?

Foi amparada por parentes, viu seu pai, que se aproximou quieto e silencioso, como sempre fora.

(1) A desencarnação procede de várias formas. Podemos dizer que é uma colheita. A reação da ação da vivência encarnada. Para muitos é um sono tranquilo e despertar maravilhoso, para outros um pesadelo de que lhes parece não mais acordar. Não sendo iguais, cada um tem a desencarnação que fez por merecer.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

Mara sentou-se ao lado do caixão e Marcos achou-a linda num vestido preto e branco. Chorava o tempo todo e era consolada pelas pessoas, amigos e parentes. Suspirava, reclamando:

- Era tão moço! Amávamo-nos tanto! Fomos tão felizes! Que vai ser de mim, agora? Como viverei?

"E eu, sem vocês? Não pensam no que vai ser de mim?"

- Marcos indagava aflito. "Por que será que pensam sempre neles? E eu? Que faço, aqui?"

Num puxão, foi-lhe tirado o esparadrapo da boca, mas não sentiu dor, só o frio o incomodava, era um frio terrível.

"Que frio! Se pudesse, bateria os dentes" - pensou aflito.

Sem nada poder fazer, porque não conseguia fazer nada nem sabia como agir, ficou prestando atenção nos comentários. Para todos, ele era jovem, bom, bonito, etc.

Quando alguém orava por ele, sentia-se melhor e via vultos que lhe pediam para ter calma e confiança.

"Não quero calma, nem confiança! Preciso sair daqui ou irão enterrar-me; quero acordar deste pesadelo!"

Num "ai que dó", exclamado por um dos presentes, viu a babá com seus filhos. Isabela, séria, depositou um beijo na sua face, e Rodrigo ficou no colo de Madalena.

- Não quero! - gritou o caçula. - Papai está frio e quieto! Quero ir para casa!

Começou a chorar alto.

- É melhor levá-los - disse d. Adelaide -, são tão pequenos! Que vão entender?

Muitas exclamações: "Tão pequenos sem o pai! Coitados! Tão lindos!"

- Leve-os, d. Madalena. Cuide deles para mim, por favor

- Mara falou sentida e começou a chorar alto.

Marcos escutou muitos choros.

"Que choradeira! Meus filhos foram embora! É a última vez que os vejo! Será que não acordo deste pesadelo? Nunca vi sonho durar tanto! Que está acontecendo comigo? Por que não consigo demonstrar que estou vivo?"

- D. Adelaide, ele está com os olhos semi-abertos, é tão feio!

60

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Escutou o infeliz comentário e sentiu a mão de sua mãe acariciando seu rosto, dizendo-lhe:

- Marcos, feche seus olhos! Feche-os, meu filho.(2> Os dedos de d. Adelaide forçaram-lhe as pálpebras e o

escuro novamente se fez.

"O escuro não! O escuro não, meu Deus!"

- Que hora faleceu?

Reconheceu a voz do dr, Marcondes. Sem saber o porquê, ficou com a atenção somente na voz do seu ex-professor, pois sentia que ele não falava alto, mas pensava, orava, e com isso foi se sentindo mais aliviado e até acompanhou sua oração:

"Deus, meu Pai, permita que seus bons espíritos ajudem a este irmão! Fazei com que ele possa ser desligado da matéria e possa reconhecer seu estado de desencarnado. Ajudem-no, bons espíritos, socorram-no nesta hora em que tanto necessita. Marcos, calma, paciência, aceite o auxílio que amigos querem lhe dar, seja humilde, procure ter paz e não se revolte."

Marcos acalmou-se, a oração sincera o ajudou muito, por isso pôde ver vultos novamente, e um deles pegou-o pela mão e deu-lhe um puxão, que o fez sentar-se. Abriu rápido os olhos, alegrou-se por poder abri-los. Enxergar foi um alívio, porque não tolerava mais ficar na escuridão. Viu, então, que estava numa sala cheia de pessoas, flores e reconheceu seus familiares.

Novamente outro puxão, e ficou de pé ao lado de uma grande vela.(3) Sentindo-se tonto, confuso e fraco, sentou-se numa cadeira vazia.

(2) Na Espiritualidade não se segue regra geral. Nem todos os cadáveres com os olhos semi-abertos passam pelo que aconteceu com o personagem da história.

(3) Com o pedido sincero que dr. Marcondes fez pelo amigo em oração, uma equipe de socorristas desligou Marcos espírito, do corpo morto; às vezes, muitos imprudentes ficam unidos aos corpos e sentem o sepultamento. Orar com fé pelo desencarnado é de muita ajuda. Se Marcos orasse, teria sido socorrido. A oração é uma das maiores forças de que dispomos a nosso favor e a favor de outros. Infelizmente, Marcos pôde ser somente desligado e não socorrido. ""

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

"Que sufoco! Ainda bem que vejo!" - falou devagar, ninguém o olhou e teve a impressão que nem o escutavam.

Tonto, parecia que tudo girava. Sentia muito frio e um tremendo mal-estar.(4) Ficou quieto e, minutos após, um senhor chegou perto da cadeira em que estava sentado, com a intenção de sentar-se. Marcos se levantou e o homem sentou.

"Que mal-educado! Quase que senta em cima de mim! Será que não enxerga?"

Arrastando-se, sentia os membros duros e frios e saiu da sala. Aproximou-se de um vitrô e respirou o ar puro que lhe fez bem e, assim, sentiu-se menos tonto.

"O cheiro das flores me fez mal!"

Ali ficou encostado, escutando as conversas. Comentavam sobre tudo: futebol, doenças, mortes, cozinha, costura, festas, escândalos, etc.

Começaram a orar alto e Marcos tentou acompanhar e orar também, pois se sentia atordoado, mas ficou olhando as pessoas, tentando entender o que fazia ele ali.

As pessoas foram saindo.

- Fecharam o caixaão! - Pobrezinho, vai ficar tão só!

- falou alguém ao seu lado.

A voz era sentida, Marcos se comoveu e as lágrimas caíram pelo seu rosto. Ficou vendo as pessoas passarem, algumas de cabeça baixa, mas todas em silêncio; se falavam, era baixinho.

- Que descanse em paz!

- Coitado! Que a terra lhe seja leve! -ug

- É tão triste! un

- Que Deus o ajude a reconhecer seu estado de desencarnado! - era a voz do dr. Marcondes e esta frase pareceu a Marcos que era dirigida a ele. Pensou nela por um instante, sem contudo entendê-la.

Saíram todos. Marcos, arrastando-se com dificuldade, foi atrás. Não podia se aproximar demais, havia muitas pessoas e uma senhora quase lhe passa por cima.

(4) Sem saber que desencarnara, ficou sentindo as sensações do corpo.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

"Parece que não me vêem! Que lugar é este? Será um cemitério?"

As pessoas foram saindo, indo embora. Marcos, vendo seus pais abraçados à Mara, quis se aproximar e abraçá-la também, mas não teve tempo, porque eles saíram com as outras pessoas, indo embora também.

Ficou sozinho. Aproximou-se do lugar em que estavam seus pais com Mara, e viu uma carneira.

"Que é isto? Parece um túmulo!"

Mais confuso ainda, caminhou de volta à sala onde esteve, mas agora estava vazia; sentindo-se só, tremendamente só, sentou-se numa cadeira e chorou alto. Lágrimas abundantes molharam-lhe o rosto, todavia o choro lhe fez bem, aliviando-o e, assim, sentiu-se melhor.

Outras pessoas começaram a entrar na sala e eram indivíduos estranhos, a maioria chorando. Marcos escutou em tom zombeteiro:

"Mais um que morre!"

Levantou-se e saiu, pois sentia muito frio e um mal-estar que o incomodava muito. Andando com dificuldade, pois todo seu corpo doía e as pernas pareciam-lhe pesadas, procurou um lugar para sentar-se e viu uma torneira aberta; aproximou-se, sedento. A água parecia cristalina e fresca e, com dificuldade, absorveu com as mãos um pouco d'água, sem entretanto matar a sede, pois só a amenizou. Sentindo-se muito cansado, sentou-se num degrau no chão.

"Esta roupa me incomoda. Não sei por que estou vestido assim, com o terno novo, camisa de seda e gravata italiana.

Que estarei fazendo aqui? Por que será que não acordo deste pesadelo? Será que tudo isto é sonho?"

- Não é sonho, você morreu mesmo! ..:• ; - É bem grã-fino o rapaz!

- Oh! Idiota! Observe bem, você está morto! Mortinho!

- Calma, rapazes, o grã-fino parece "guardado", pois não podemos nos aproximar, senão iríamos pegá-lo e nos divertir muito.

- Você está morto! É defunto!

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

Uma turma de mal-encarados, a alguns metros dele, zombava e ria. Marcos olhou-os bem, mas não os conhecia; estavam vestidos de forma estranha, maltrapilhos, sujos, e as mulheres muito enfeitadas. Com expressões zombeteiras, divertiam-se, vendo-o ali perturbado e temeroso. Marcos apavorou-se e falou baixo:

- Que faço? Devem ser bandidos e da pior espécie. Devo chamar a polícia!

- Que polícia! - disse um deles, que estava com um rolo grande de pau nas mãos.'5'
Nenhum guarda o vê. Você, beleza, morreu! Almofadinha covarde, tem medo! Se não fosse esta luz a protegê-lo...

- Socorro! Socorro!

Eles riram mais alto, achando graça e se divertindo com a aflição dele.

- Lá vem ele! - exclamou um deles e, nisso, correram todos, um em cada direção. Marcos olhou, olhou, não viu ninguém que pudesse ter posto os malfeitores em fuga.

"Já que não acordo deste estranho pesadelo, vou me embora. Que loucura!"

divertindo-se. Mesmo sendo maus, aqueles que tem conhecimentos, podem plasmar qualquer objeto. É comum vê-los com armas e objetos de tortura.

«i'ü;';A.-', O

A Beira da Loucura

Marcos estava com o corpo gelado e seus membros pareciam endurecidos e, assim, caminhou arrastando-se para um grande portão, onde viu um estacionamento e um jardim.

"Que sorte, lá estão os táxis!"

Aproximou-se do primeiro táxi e viu um senhor limpar o carro com um pano, assobiando contente.

"Por favor, pode levar-me? Posso entrar? Está livre?"

Nada do senhor responder-lhe. Parecia surdo, pois continuava a assobiar, sem lhe dar atenção. Marcos lembrou que não deveria ter dinheiro e, procurando pelos bolsos, nada encontrou, estavam vazios.

"Faça a corrida, amigo; em casa, pago-lhe. Não confia? Pagarei sim, pois sou boa pessoa, sou médico. Faça o favor de prestar atenção, seu mal-educado. Não quer nada com a dureza, hem? Nada de freguês?"

Tentou abrir a porta do carro, não conseguiu.

"Trancada, vou até o outro."

No outro táxi, um moço lia o jornal sentado no banco da frente. Novamente ele tentou abrir a porta.

"Trancada também! Moço, faça a corrida que lhe pagarei quando chegar. Não quer? Por quê? Duvida que lhe pague? Não sou um qualquer, deveria reconhecer pelas minhas roupas. Vocês são um bando de vagabundos, pois rejeitam fregueses. Por que não larga o jornal? Nem me responde..."

Foi até ao último.

"Está trabalhando?" - Marcos perguntou esperançoso a um senhor de meia-idade, que estava encostado no táxi. "Também não fala, é surdo?"

- Pode subir, está livre.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

"Até que enfim!" - Marcos suspirou.

Mas... O chofer abriu a outra porta e uma senhora entrou no táxi.

"Cheguei tarde. E agora? Que faço? Será que consigo ir andando?"

Viu um orelhão.

"Não tenho fichas. Aqui parece que desconfiam de estranhos, mas também com tantos vagabundos..." - pensou no bando de malfeitores que o cercara. "Será que estou ainda sonhando? Estranho este sonho, não acaba e tudo dá errado."

Não estava muito longe de sua casa e, com calma, poderia ir andando. E, assim, foi.

"Que situação! Sem dinheiro, bem arrumado e tendo de andar a pé. Parece que todos ficaram loucos!"

O exercício que fazia, esforçando-se por andar, estava fazendo-lhe bem. Sentindo-se um pouco melhor, ia atento ao trânsito, onde as pessoas passavam por ele, apressadas.

"Que frio! Engraçado, parece que as outras pessoas não me sentem."

- Olá, bonitão! Aonde vai?

Uma moça esquisita, muito enfeitada, olhando-o fixamente, falou dirigindo-se a ele. Marcos achou-a estranha, mas, como era a única que parecia vê-lo e lhe dirigia a palavra, parou e respondeu:

- Para casa. Não tenho dinheiro para um táxi, esqueci-o...

- Também não tenho. Não precisamos disto. Não entende? Não sabe?

- Obrigado, mesmo assim. Se tivesse, poderia devolvê-lo com gratificação. Devo ir-me...

- Por que não pega um ônibus? É interessante. Vem! Uma voz que Marcos não sabia de onde vinha falou-lhe:

"Não vá! Não vá! Continue andando!"

- Não, obrigado, tenho que ir andando.

- Está com medo de mim, fofo?

- Não, é que tenho que ir mesmo.

A moça ia puxá-lo, tentou segurar sua mão.

^^jjfj

^^^wwpl

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Ai! Por que não disse logo que é protegido? Seu banana!...

- Eu... ora, sua louca, deixe-me. Continuou andando e a moça sumiu.

"Acho que não darei confiança a mais ninguém. Que cansaço! Pensei que fosse mais perto."

Passando por uma pracinha, Marcos foi até lá e se sentou num banco, ao lado de duas garotas. As mocinhas conversavam animadas, mas, assim que ele se sentou, se calaram.

- Vamos mudar de banco, Laís, aqui ficou frio de repente.

- Vamos!

k Saíram rápido.

9 Marcos foi olhar as horas, e procurou o relógio.

"Até sem relógio! Perdi ou me roubaram. Acho que foi isto, assaltaram-me. É..."

Tentou recordar, mas sua cabeça girava, sentiu-se cansado e com sono.

"vou indo, lá em casa descansarei. Deve ser tarde e logo será noite, aí esfria mais..."

Viu outro táxi e acenou para que parasse, mas não conseguiu. Tentou mais três vezes, mas nada, pois passavam como loucos e pareciam não vê-lo.

Com muito esforço, continuou andando. O alívio foi grande, quando viu sua casa.

"Até que enfim! Que bonita! Como é bom estar em casa!"

O portão estava trancado, procurou pelas chaves, todavia os bolsos estavam vazios. Tocou a campainha, bateu palmas, esperou. Veio a empregada.

"Ué!" - exclamou ela olhando para os lados. "Parece que ouvi bater!"

Falou alto e abriu o portão. Marcos entrou.

"Sou eu, sua tonta! Onde estão todos?" ^q -

"Todos já foram dormir, vou também" - falou a empregada, resmungando. "Estou impressionada com estes acontecimentos."

Fechou o portão e Marcos acompanhou-a pelos fundos, porque a parte da frente estava com as luzes apagadas e toda fechada.

67

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

"Estão dormindo, não quero acordá-los."

Marcos muitas vezes chegava tarde em casa, entrando silenciosamente para não acordá-los e, se era muito tarde, ia dormir no quarto de hóspedes, para não incomodar a esposa. Ao ver seu quarto trancado, foi para o de hóspedes acomodar-se no leito.

"Que cansaço! Que frio!"

Dormiu logo e sonhou com sua avó.(1) í

"Marcos, juízo" - dizia ela -, "agora estará sozinho, vou embora, tenho que ir. Preste atenção, meu neto, tenha cuidado. Lembre-se de Deus! Ore! Até logo!"

"Que estranho estar com minha avó! Que sonho esquisito! Que recomendações ridículas! Que frio! Que faço no quarto de hóspedes?"

Tentou lembrar, mas estava confuso.

"O assalto! Levaram-me tudo. Entretanto não me lembro do assalto! Fui mesmo assaltado? Cheguei tarde e todos dormiam. E estas roupas? Por que dormi com elas? Deveria estar no hospital. Que confusão! Será que acordei? Ou estou sonhando dentro de outro sonho? Será que enlouqueci? Estarei doente?"

Levantou-se, foi ao banheiro, porém não conseguiu abrir a torneira.

"Estará estragada?"

A porta do quarto estava semi-aberta e escutou barulho, vozes, então arrastou-se até o corredor e viu Mara, pálida, dando ordens às empregadas.

- Cuidem bem das crianças e façam o que elas querem, pois não sinto ânimo para nada. Estou tão cansada!

"Pobrezinha!" - disse Marcos indo ao seu encontro.

- A morte é tão triste! - Mara disse para as empregadas.

- Por que os jovens morrem?

Sentou-se no sofá chorando alto.

>T|J>Q1

(1) Quando nos iludimos, as sensações da ilusão nos acompanham. Marcos não quis aceitar a morte do corpo, e agia como encarnado, tendo todas as necessidades de um encarnado. Descansando no leito, vê d. Carmem e fala com ela, lembrando-se somente do mais importante.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

"Quem faleceu? Seu pai?" - Marcos indagou-lhe, sentando ao seu lado. "Ele não era tão jovem e seu coração, fraco. Mara, por que está sofrendo assim!"

- Marcos! Meu Marcos!

"Aqui estou, meu bem. Não chore assim!"

- Que frio! - Mara exclamou. - Madalena, feche a janela, está frio.

- D. Mara, hoje está quente. Será que a senhora tem febre?

"Deixa-me ver" - Marcos estendeu a mão colocando-a na testa da esposa.

Mara levantou-se num pulo, indo para o outro lado da sala.

- Mamãe! Mamãe!

Marcos sorriu, quando seus filhos entraram na sala e foram abraçar Mara.

"E para o papai, nada?"

- Mamãe, o papai não volta mais? - indagou Isabela.

- É verdade o que Madalena falou?

- Papai morreu, meu bem. Foi morar com Deus - Mara respondeu, séria.

- Por que, mamãe, ele não gosta daqui? - quis saber o caçula.

- Rodrigo, você é pequeno para entender.

"É mentira! Estou aqui!" - Marcos gritou. Entretanto ninguém pareceu escutá-lo.

- Que frio está fazendo aqui! Mamãe, podemos brincar lá fora? - indagou Isabela.

- Madalena, por favor, vá com eles.

As crianças saíram, e Marcos dirigiu-se à esposa:

"Mara, quero falar com você seriamente. Que significa o que disse às crianças? Você disse que morri? Fui morar com Deus. Está com raiva de mim?"

Levantou e se aproximou dela. Nisso, Mara se queixou em voz alta:

"Há um mês apenas saiu de casa, como sempre fazia. Passou na clínica para ver o sobrinho e, a caminho do hospital, teve aquele maldito derrame. Há treze dias, enterramo-

lo

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

naquele lugar horrível e lá ficou sozinho. Por que cemitério é tão triste?"

"Brincadeira tem hora! Ontem fui ao hospital e agora estou aqui. Espera lá!" - Marcos se apavorou. "Enterrou-me? Pare com estas brincadeiras! Você, Mara, está perturbada com a morte de seu pai. Você está doente?"

Nesse instante, a porta se abriu e os pais de Mara entraram.

- Papai! Mamãe! Sofro tanto!

- Filhinha!

Marcos olhou-os, assustado. Então não era o pai de Mara quem morrera. Ali estava o sogro, forte como sempre. Teve a intenção de cumprimentá-los, mas eles, orgulhosos, fingiam não vê-lo; ficou quieto, escutando.

- Filha, devemos tomar algumas providências. ,

- Já, papai? meio'

- Claro, tem dois filhos para criar. ', •

- Receberei a pensão?

- Deve ser bem pouco e isto me preocupa. Preciso examinar os papéis de Marcos. Mara, seu jovem marido, como todos nós, não esperava ir tão cedo e, por contribuir pouco, a pensão será insignificante.

- Papai, que vou fazer para viver?

- Calma, meu bem. Talvez tenha de diminuir as despesas, ou mesmo vender um carro.

- Como sou infeliz!

- Mara, lembre-se das crianças, você precisa de coragem

- disse sua mãe.

- Só me preocupo com elas, e é pelas crianças que tento ser forte, senão iria com Marcos.

"Barbaridade! Parem com esta brincadeira!" - Marcos gritou.

- Que sala fria! Abra a janela para entrar ar. vou até ao escritório ver os papéis do meu genro - disse o sr. Leandro, saindo da sala e se dirigindo para o escritório.

"Meu sogro não iria brincar assim! Ele é sempre sério!"

- Marcos pensou. "Parece que todos estão realmente tristes e sérios. Que está acontecendo?"

70 MUITOS SÃO os CHAMADOS

Sentiu-se triste, cansado e foi para a cozinha. Ao ver a empregada tomando café, sentou-se e tomou também. Sentiu-se, então, mais fortalecido.'2

"Esta aí é outra que finge não me ver. Como estou cansado! Deve existir uma loucura coletiva aqui em casa. Será que acabei louco também?! Ou será que sou eu o louco? Bobagem, estou muito bem e minha mente está ótima. Estou somente cansado, porque trabalho demais; mas tenho frio, acho que vou ter uma gripe."

Entrou em seu quarto, deitou-se e dormiu.

Acordou e, ao ouvir conversas na sala, levantou e se dirigiu para lá.

"Boa-tarde, César!"

Saudou-o contente, indo ao encontro do amigo e sócio da clínica. Este nem o percebeu e continuou a falar:

- D. Mara, as despesas do consultório continuam: o aluguel, o telefone etc. Se ceder a sala de Marcos ao dr. Fábio, terá despesas a menos. Vendendo os móveis, lucrará, sem dúvida. Que fará de tudo aquilo?

- Está certo, dr. César, Mara deve vender e logo. Imagine o senhor que o meu genro só contribuía com dois salários para a aposentadoria? Mara receberá muito pouco, de pensão. Agradecemos ao senhor por ajudar-nos.

- Também estou pagando pouco para a aposentadoria, acho que aumentarei. Então, d. Mara, tudo certo? Ótimo, trarei o cheque amanhã.

- Dr. César, agradeço-lhe e amanhã cedo irei à clínica, para pegar somente os objetos

peçoais de meu marido.

- Mara, vou deixar tudo arrumado para você, antes de irmos embora. Sua mãe tem razão, é melhor diminuir as despesas e cortar tudo o que é supérfluo.

- Papai, está sendo tão difícil! Amanhã despedirei as duas empregadas, e ficarei só com a cozinheira e Madalena.

121 Pensando estar encarnado, Marcos se alimentou dos fluidos dos alimentos que a empregada ingeria, sentindo-se fortalecido por ter sugado energias dos alimentos, e da encarnada. São vários os livros espíritas que citam passagens semelhantes.

71

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

- Tudo dará certo, filha, cuide você das crianças, assim se distrairá. Você não deve ficar triste como está.

- O dinheiro que recebi não dará para as despesas...

- Dará, se não gastar muito; senão, terá de mudar desta casa e alugá-la.

- Isto, não! Amo esta casa! Mudaria só se fosse para outra melhor.

- Já faz um mês que Marcos se foi, Mara, seja realista. "Um mês?! Eram treze dias! Tudo neste sonho, ou passa

rápido ou demora muito. Será que dormi tanto?"

Marcos sentou-se perto do sr. Leandro, mas este logo reclamou estar sentindo frio e que ali estava esquisito.

Marcos começou a ter dúvidas.

"Será que morri mesmo? A morte seria esse pesadelo? Ninguém me ouve, nem me vê; falam de mim no passado, como alguém que se acabou. Será que, num ataque de loucura, imagino tudo isto?"

Ficou ali pela casa: comia com os familiares e dormia no seu leito, encostado em Mara, para sentir seu calor. Mas não conversava mais, só escutava.

Um dia, ouviu Madalena falar à Isabela:

- Menina, preste atenção, você não deve perguntar de seu pai à sua mãe, porque ela chora. Seu pai, querida, morreu. Todos morrem. E ele deve ter ido para o Inferno. Ingrato, orgulhoso! Tratou do meu Benito, quando ele estava doente, e descontou seus préstimos no meu salário! Não deve estar em bom lugar.

"Eu, não! Nem sabia disso! Deve ter sido Mara!" Marcos falou, indignado.

- Meu pai não foi para o Inferno! - Isabela reclamou.

- Claro que não, mas sua boneca está chorando, vá pegá-la.

Isabela pegou a boneca e saiu correndo.

"Isto não fica assim. Que maneira de falar com uma criança!" - Marcos saiu à procura da esposa.

"Mara! Mara! Está aí lendo e não vê o que esta babá fala à nossa filha?"

MUITOS SÃO os CHAMADOS Mara largou o livro e ficou quieta. Está me ouvindo? Acertou tudo, papai? Nesse instante entrou seu sogro. Começará a receber daqui a quarenta dias, no máximo; infelizmente é só isto mesmo. Terá que diminuir as despesas, pois o dinheiro da venda do carro não é muito e vocês não tinham nada guardado.

- Com o que tínhamos, paguei as despesas funerárias.

- Vamos embora amanhã. Não dá mais para estar longe de casa. Mandarei a você uma quantia em dinheiro, todos os meses.

- Agradeço-lhes, pois sei que tudo o que era possível, vocês fizeram por mim. Papai, vou ao médico, porque não estou me sentindo bem, pois sinto frio e muitos arrepios. Ainda há pouco, antes de o senhor chegar, parecia que alguém me chamava. Os últimos acontecimentos mexeram com meus nervos!

Marcos, ao escutar, sentiu uma tristeza enorme, e entrando no quarto de hóspedes, chorou muito. Lembrou-se de que só a moça na rua e o bando de malfeitores o viram e falaram com ele.

"Por que aconteceu tudo isso? Será que devo sair? Ir a um hospital? Estarei doente? Devo trocar de roupas?"

Tentou abrir a porta do armário, porém não conseguiu, pois parecia trancada. Quis trocar de roupa, porque ainda estava com o terno e com a camisa de seda.

Voltou ao quarto de hóspedes e ficou a pensar nos acontecimentos, quando, ao tentar sair, não conseguiu, porque a porta estava trancada. Por três dias ficou preso, sentindo-se fraco e triste, até que Madalena abriu o quarto para limpá-lo.

- Isabela, vem! - disse a empregada. - Que quarto frio! Estranho!

Abriu a janela, e Isabela, com um pano na mão, entrou no quarto. Espírito atravessa a matéria densa facilmente, porém necessita conscientizar-se desse fato e aprender a fazê-lo.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

"Filhinha, como está linda! Você não deveria ter ido à escola?" - Marcos indagou, mesmo sabendo que não iriam responder-lhe. Porém, a menina indagou alto à babá: por que não vou mais à escola?

- Isabela, as coisas não andam bem, sua mãe precisou tirá-la da escola por uns tempos. Como, também, para diminuir as despesas, dispensou as outras empregadas. Por isso, este quarto ficará trancado e só o limparei uma vez por semana.

Marcos ao ouvir isto saiu rápido, temendo ficar trancado novamente.

Andou o mais rápido que conseguia, pois sentia os membros endurecidos e, atravessando a casa vazia, passou pelo portão aberto e ganhou a rua. Viu que nada mudara: a rua e a casa pareciam como antes.

"E eu? Estou louco? Estarei com alguma doença mental? Por que tudo está tão confuso? Ou serei eu o confuso?"

Onde vou agora? Marcos continuou a pensar. Talvez deva ir a um hospital, assim saberei o que se passa comigo. Se não estou bem, devo tratar-me. Um sanatório?... Não, isso é tão triste! É melhor ir aonde conheça e seja conhecido."

Foi andando distraído, não tentando mais pegar táxi, e prestava atenção somente ao atravessar as ruas. Andou por horas, até que chegou. Passou pela portaria, sem que ninguém o visse, e andou pelos corredores. Aí, viu dr. Urias, antigo benfeitor daquele hospital.

"Credo! Dr. Urias faleceu há anos!" - Marcos exclamou, assustado. "Como pode?! Acho que o estou confundindo com outro, mas vou cumprimentá-lo."

- Boa noite!

Boa noite! respondeu-lhe sorrindo com voz agradável. Responde? Você me vê? É o dr. Urias? Sou. Claro que o vejo. Como está, dr. Marcos? Nada bem, tenho visões e.. Dr. Marcos, já está na hora de analisar-se e entender o que lhe ocorre.

- Hum... Por que fala comigo, se já morreu?

- Por que você também já fez sua passagem. Ousadia! Fala que morri também?! Dr. Urias estendeu-lhe as mãos, Marcos saiu correndo e

só parou quando se viu fora do hospital. Quando nos iludimos, é difícil abandonarmos as imagens que criamos. Não aceitando, não querendo a realidade, envolvemo-nos de tal forma nesse engano, que não ouvimos argumentos em contrário. Chegamos mesmo a temer, por vermos pessoas que sabemos que desencarnaram, e pensamos estar vendo fantasmas.

75

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

Sentou-se no chão cansado pelo esforço da corrida e pensou:

"E se ele vier atrás de mim?"

Levantou-se e pôs-se a andar sem rumo.

A noite era escura, sem estrelas, por isso Marcos procurou andar bem perto das paredes, para não ir de encontro às pessoas. Viu uma pracinha e foi até lá, onde um grupo de pessoas ria alto e, entre eles, viu a moça com quem conversara outro dia.

- Hei! Oi! - Marcos disse abanando-lhe a mão.

- Você? Ainda assim? - a moça aproximou-se dele, sorrindo. - Bonitão! Venha cá, apresentarei a turma a você. Como se chama?

- Marcos.

- Eu sou Tereza. Hei! Turma, este é o Marcão, este aqui é...

Falou o nome de todos. Pessoas estranhas e esquisitas. Marcos não gostou deles, mas sentia-se tão sozinho e estava com tanta vontade de conversar, que ficou com eles.

- Estamos planejando uma farra, vamos sair, beber e nos divertir. Vem conosco?

Tereza não deu tempo para que ele pensasse e, puxando-o pela mão, entraram num carro em que estavam pessoas também estranhas. Amontoaram-se. O outro grupo que estava antes no carro, parecia ignorá-los, porém estavam também ávidos de prazer.(2)

Entraram numa boate de baixa categoria e começaram a fumar, beber e dançar. Marcos logo sentiu o efeito do álcool. Ficou embriagado, por momentos, e sentiu-se alegre. Viu que bastava encostar nas pessoas para sentir o sabor de bebidas. A turma dançava e gritava, incentivando outros a fazerem o mesmo. Tiraram-lhe o paletó, e Marcos ficou olhando-os abobalhado, confuso, pois era empurrado de um lado para outro e, afinal, foi atirado em um canto, onde adormeceu. Eram pessoas encarnadas, que se afinavam com o grupo desencarnado.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Acordou mais tonto ainda, sem forças para nada. Tentou reconhecer onde estava, e notou estar escuro, e que só dava para ver o que se achava perto. Via-se deitado no chão úmido, lodoso, fétido, e estava sem camisa, com as calças rasgadas e muito sujo. Sentiu nojo, pois parecia que nada ali era limpo.

Sentou-se com dificuldade, e tentou coordenar seus pensamentos, que eram muito confusos. Não teve forças para levantar-se, de vez que se sentia fraco, doente e com muita dor na cabeça. Arrastou-se de gatinhas, sentindo náuseas do chão. Pôde ver que não estava só, e que outras pessoas, em situação semelhante, se aglomeravam pelo chão. Tentou indagar, para saber onde estava, mas a cada indagação sua recebia por respostas monossílabos e gemidos. Pareciam-lhe abobalhados, tristes e sofridos.

Marcos sentou-se num canto. Às vezes, arrastava-se tentando sair daquele lugar horrível, todavia só conseguia se locomover por alguns metros. Gemidos ouvia a toda hora, sendo que ele mesmo passou a gemer de fraqueza, fome e sede, além do frio que muito o castigava. Não conseguiu calcular o tempo, nem mesmo se era dia ou noite, porém parecia que muitos anos se passaram, sem que se amenizasse seu sofrimento. De vez em quando, um bando de malfeitores, pessoas de expressões estranhas e más, passava por ali, provocando pânico em todos. Quando iam embora, a fraqueza era maior e a tristeza também.

Após um tempo que, para Marcos pareceu ser eterno, já quase não pensava, nem mais conseguia sentar-se, somente se arrastava pelo chão, chorando e gemendo. Vagamente, lembrava-se dos acontecimentos e aí sentia saudade de seus familiares, de sua casa, de tudo o que lhe pertencia. Revoltava-se, achando que era injusto seu sofrimento. Matava a sede em filetes d'água e comia ervas sujas do chão. Às vezes, chegava perto dos outros, que pareciam farrapos humanos, pois Marcos estava nas furnas, no Vale de Sofrimento no Umbral. Nem no sofrimento, porém, lembrou-se do Pai Misericordioso; revoltou-se, agravando seu estado.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

não- conversavam, nem entendiam. Apenas, todos muito sofriam. Marcos já nem tentava mais saber onde estava; e, como queria sair dali, pensou em seguir o bando que os visitava, mas, quando este passava, não agüentava nem se arrastar. Começou, então, a temê-los, como a seus companheiros.

- Marcos, é você?

Olhou assustado para o vulto que o chamava. Uma moça em pé olhava-o, examinando-o. Ele a reconheceu.

- Tereza! - exclamou esperançoso. - Ajuda-me. Não consigo me levantar.

- Não sei se posso. Tentarei. É isto o que dá não acreditar na verdade. Você morreu, bonito, seu corpo morreu e você vive agora em espírito. Apóie-se em mim, assim... força! vou ajudá-lo, vamos devagar. Que sorte a sua eu estar passando por aqui!

Tereza segurou-o pela cintura, Marcos apoiando-se nela e, com dificuldade, os dois foram andando. Não se despediu dos companheiros e estes nada falaram: só se ouviam gemidos.

- E eles? - Falou Marcos com dificuldade, quis saber sobre os companheiros de infortúnio.

- Sairão um dia, preocupe-se agora com você, somente, meu caro.

Marcos teve a impressão de que passavam por labirintos, mas a paisagem mudava pouco, pois tudo era semi-escuro, fétido, frio, feio e triste. Esforçou-se ele para caminhar e Tereza seguia cautelosa pelas trilhas escorregadias. Andaram um bom tempo, só escutando gemidos e pragas.

- Ânimo, Marcos, falta pouco - Tereza animou-o. Saíram daquele estranho lugar. Ele, aliviado, viu as ruas de São Paulo. O ar lhe fez bem, e respirou forte. Via agora tudo claro e, ao sentir o calor do sol, emocionou-se.

- Obrigado, Tereza.

Marcos não conseguia ficar em pé sozinho. Tereza colocou-o então no meio de outras pessoas.

- Vamos, Marcos, puxe energias, observe como eu faço. Vamos!

Marcos fez o que lhe recomendava e logo se sentiu melhor, pois as forças lhe voltavam.

- 78

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- E isto aí, garotão! - Tereza incentivou-o.

Marcos pôde ver então o quanto ele estava feio, sujo e em farrapos. Observou Tereza, que estava enfeitada, como sempre.

- Preste atenção, garotão, e aprenda. Observe estes aqui, são diferentes de mim e de você, porque são encarnados, estão vivos no corpo de carne. Você e eu somos desencarnados, vivos em espírito, de vez que tivemos o corpo morto. Entendeu? Não se iluda mais, senão sofrerá de novo. Você não quer voltar às furnas, quer?

- Eu?! Não! Por que fui para lá?

- Você deve ter sido aprisionado por algum bando que lá o deixou para sugar suas energias.

- Isto é justo?

- Justo é só Deus. Lembrou-se d'Ele lá? Aqui se vive como pode.

- Você não teme ser pega e jogada lá nas furnas?

- Não, pertenço a um bando que se protege mutuamente. Não é aconselhável ficar sozinho.

- Tudo é tão estranho! há muitas vantagens, você se acostuma. Como você morreu? Morrendo, ora, não gosto de falar nisto.

Marcos estava entre dois senhores que começaram a se inquietar, reclamando de frio e cansaço.

Saíram, e Marcos já conseguia andar sozinho, sentindo-se mais aliviado. A moça gentilmente guiava-o pela mão, e assim andaram um pouco, para entrar num pequeno bar. Novamente Tereza colocou-o perto de um moço que tomava, distraído, um café. Marcos sentiu-se tomar também; o café fortaleceu-o, esquentando-o um pouco.

- Olhe aquele ali! - Marcos exclamou indo de encontro a um senhor que saboreava um copo de leite, porém, para seu espanto, foi lançado longe, como se levasse um forte empurrão.

- Este, não! - exclamou Tereza. - Não vê que é protegido? Terei que ensinar muitas coisas a você. Agora vamos, vou arrumar-lhe umas roupas.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

Marcos, sentindo-se mais forte, andava com mais facilidade, embora estando todo dolorido. Mas, comparando com o que sentira nas furnas, estava muito bem. Tereza levou-o a uma pracinha.

- Marcos, sente-se aí, aqui é nosso ponto de encontro. Pertencerá à nossa turma. Espere-me aqui, vou arranjar roupas para você.

Tereza voltou logo e trouxe-lhe umas roupas estranhas, mas ele achou-as preferíveis a nada; vestiu-as.

- Ficou bárbaro! Você agora parece com a turma Tereza falou alegre.

A turma de Tereza foi chegando, e a moça o apresentou, pedindo para que ele fizesse parte do grupo. Foi aceito. Assim, Marcos passou a viver com ela e sua turma, junto com homens e mulheres briguentos e estranhos. Marcos fazia tudo para se dar bem com todos, ficando quieto, sem provocar ninguém. Aprendeu rápido as leis de sobrevivência de um morto-corpo, como se chamavam. Aprendeu a alimentar-se e a embriagar-se para esquecer suas mágoas.

Raramente lembrava de seus familiares. Não falou a ninguém quem era, nem quem fora, e assim só sabiam que se chamava Marcos. Entendeu que morreria, que seu corpo morreu e deveria viver de outra forma. Seguiu a turma por onde ia, mas ainda sentia frio, pois parecia que nada o aquecia. Sentia dores de cabeça e muita tristeza, porém não reclamava, porque sabia, por experiência, que existiam maiores sofrimentos.

Um dia, um dos membros da turma avisou: teriam, no outro dia, uma reunião. Todos se ajeitaram, não beberam, e se arrumaram para ir à afamada reunião de interesse comum.

- O Grande Mestre não gosta de indisciplina nas suas reuniões, nem de bêbados - Tereza explicou a Marcos.

Marcos fez o que os outros fizeram, evitando falar, porque entendeu que ali era melhor falar menos e ouvir mais, como aliás deve ser em qualquer lugar. Na hora marcada

MUITOS SÃO os CHAMADOS

partiram ordeiros, entrando no Umbral, onde caminharam por estranhos caminhos. Marcos tremeu, arrepiou-se assustado, pois não gostava nem de ir, a passeio, ao Umbral. De mãos dadas, Tereza e ele andaram um bom pedaço.

- Feio aqui, hein? - cochichou ao ouvido de Tereza.

- Cale-se! Nada é feio, você é que não se acostumou. É um lugar como outro qualquer. Se existe, é útil.

Marcos não ousou comentar mais nada. Chegaram e se defrontaram com uma construção grande, de cor acinzentada, com alguns enfeites de cores fortes, lembrando um estádio de futebol. Estava iluminado por estranhas lanternas, e ali o ar não era tão fétido nem tão úmido.

Havia muitas pessoas nas filas e ordenadamente - fato que Marcos estranhou, pois sua turma era arruaceira. Deveriam temer realmente o chefe do lugar. Entraram por um portão e foram fiscalizados por guardas de ambos os lados, e por uma espécie de roleta eletrônica.

- É para evitar intrusos - Tereza explicou-lhe, baixinho. Por dentro, a construção parecia um teatro antigo, tendo

à frente um palco. Sentaram-se e aguardaram em silêncio. De repente, tocaram trombetas bem alto e surgiu, no meio do palco enfeitado, uma bizarra figura. Palmas, urros, gritos de salva dos presentes que, por minutos, aplaudiram o Grande Mestre.

Aquele estranho homem a quem chamavam de Grande Mestre, vestia-se todo de preto e com uma enorme capa que se arrastava pelo chão. Começou a falar, discursando com voz forte, e foi aplaudido várias vezes.

- Temos necessidade de tudo fazer para não perder fatia no mercado. Os servos do Cordeiro não descansam, e nós devemos fazer o mesmo. Muitos encarnados, em busca da verdade, estão rompendo com o passado culposo e servindo ao bem. São pessoas comuns que interferem em nosso trabalho e a quem precisamos combater com ação eficaz, incentivando-os à vaidade, acenando-lhes com qualidades que não possuem, fazendo-os orgulharem-se do que fazem. Se não der certo, incentivem-nos ao contrário,

81

%

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

martelando seus cérebros, fazendo-os sentir que nada são, que nada fazem certo, que suas ações são nulas e, desse modo, eles as deixam de fazer. Não desistam! Se não der certo, motivem-nos com a ânsia de ganhar mais, façam com que trabalhem mais materialmente, esquecendo o trabalho espiritual, insinuando que isso nada lhes rende. E, se falharem, tentem o sexo, tão em moda. Sugiram-lhes o prazer da renovação sexual e a modernidade do amor-livre. Assim, companheiros, anularemos os trabalhos dos servos do Cordeiro, que tanto nos atrapalham.

O Grande Mestre fez uma pausa, e Marcos observou-o bem, e viu que não era feio, somente desagradável. Instruído, falava bem, pronunciando certo. A platéia se comportava, todos estavam atentos e ordeiros. Guardas se postavam de pé entre as bancadas, atentos para alguma eventualidade. Os convidados da reunião se sentavam em cadeiras rústicas, mas confortáveis.

Marcos observou também os assistentes, pessoas esquisitas, desencarnadas, sendo a maioria muito enfeitada e de expressões más, vestindo-se de várias formas, até à moda antiga. Teve uma certeza: todos respeitavam o Grande Mestre. E ele continuou:

- Temos necessidade urgente de fazer com que encarnados sirvam a nós. Ofereçam vantagens, favores fáceis, sirvam-os e, depois, eles nos servirão. Necessitamos de escravos, por isso deixem que eles pensem ser senhores nossos, enganem-nos, e aí desencarnarão e nos servirão, como eternos escravos. Não somos como os bobocas do outro lado, os que servem por amor (ironizou). Aqui, todos os serviços são pagos. Vocês tudo devem fazer para evitar que a massa comum de encarnados procure os trabalhos do outro lado, e evitem que busquem ajuda dos servos do Cordeiro, não os deixando ir a templos e orar, e impeçam-nos por todos os modos de buscar ajuda do Espiritismo, nosso maior inimigo no momento. Devemos incentivar nos encarnados os vícios, a inveja, o egoísmo e as idéias de vingança. Vingam para o bem da justiça!

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Após muitas palmas, que o orgulhoso orador nem agradeceu, finalizou:

- Se entre nós existem médicos, farmacêuticos ou enfermeiros, com conhecimentos, que se apresentem para melhor servir à justiça que executamos. Agora, devem ficar somente as pessoas a que atenderei em particular. Casos que clamam por justiça! Vingança!

- Vamos embora! - Tereza disse a Marcos. - Agora é uma reunião só para quem está interessado em vingança!

Marcos sentiu-se aliviado, mas nada expressou. Saíram em filas, silenciosos, só conversando ordenadamente do lado de fora e somente para elogiar o Grande Mestre. Guardas vigiavam a saída, e a estranha platéia foi se dispersando.

Distanciando-se alguns metros do local da reunião, começaram as arruaças dos grupos, surgindo até brigas. Tereza, de mãos dadas com Marcos, não parou, seguira, separando-se dos outros. Marcos indagou, curioso:

- Quem é este a quem chamam de Grande Mestre?

- O chefe do pedaço. O nome já diz, um mestre em maldades e magia.

- Parece instruído.

- Sim, é. Os umbrais não são só para os analfabetos, pois muitos de seus moradores são instruídos, principalmente os chefes, mas têm pouca moral.

- Tereza, por que impedir os encarnados de orar?

- Você é burro? Já pensou se todos orassem com fé, com sinceridade? Como iríamos nos alimentar? Sugaríamos energias de quem? Não se lembra do empurrão que você recebeu quando se aproximou de um protegido?

- Sim, lembro-me. São eles protegidos só pela oração?

- Uma boa parte. A oração fervorosa, sincera, envolve quem ora, formando uma barreira magnética que nos repele, quando nos aproximamos. Também há os encarnados que são guardados pelos servos desencarnados do Cordeiro: desses devemos passar longe.

- Por que o Grande Mestre quer médicos?

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

- Ele sempre quer, para servi-lo. Médicos sabem como causar doenças, isto é útil para as vinganças que planejam.

- Vingar do quê? De quem?

- De encarnados. Marcos, você parece idiota, não lhe fizeram nada de que quisesse desforra?

- Não. Pensei que fosse Deus que castigasse.

- Ora, claro que não. Deus deve ser bom demais para isso. São os justiceiros que castigam ou, como dizem os servos do Cordeiro, colhemos da nossa plantação. Mas como a colheita pode se atrasar, é mais garantido vingar. O fato, Marcos, é que se sofre sempre pelas más ações, os maus sofrem muito.

- Não parece que o Grande Mestre e seus seguidores sofram.

- Será que não? Tenho cá minhas dúvidas. Se for verdade mesmo que um dia teremos que dar conta de nossos atos ao Cordeiro, como será o acerto deles? Nunca vi nenhum deles feliz; demonstram alegria, mas não felicidade.

- Tereza, você já se vingou de alguém ou gostaria de vingar-se?

- Mataram-me. Meu corpo morreu assassinado, pois meu amante, por ciúme, deu-me uma facada. Não precisei me vingar, porque ele está preso. Na penitenciária, ele paga caro pelo que fez. Lá é tão horrível, tão cheio de ódio!... Detesto ir lá, embora alguns gostem, e lá vão para vingar-se. Você já foi lá? Não quer ir?

- Não, obrigado. Tereza, esses infelizes que encontramos pelo caminho, os que estão sofrendo nas furnas, não são socorridos?

- São, os trabalhadores do outro lado, os servos do Cordeiro, ajudam-os, eles estão sempre por aqui.

- O Grande Mestre não acha ruim?

- Claro que sim, mas não podemos com eles, são mais fortes que nós. Mas eles socorrem somente os que clamam ajuda com sinceridade, os que estão aptos a seguir com eles.

- Sofri aqui, e não fui mau.

- Sofre também, meu caro, por não ter feito o bem.

- 84

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Calaram-se, Marcos pensou: "Sofremos todos nós por aqui. Eu tenho dores incessantes na cabeça e sinto um frio, que nada me aquece. Todos do grupo sentem alguma dor. Tereza tem um ferimento no peito, da facada que a fez desencarnar, e que está sempre doendo e sangrando; ela procura esconder o ferimento com roupas extravagantes, mas sei que a dor a incomoda muito. Podemos farrear, parecer alegres, mas somos todos infelizes".

Chegaram à pracinha, deserta naquela hora da noite, e sentaram-se para esperar a turma. Marcos refletiu sobre tudo o que tinha ouvido e visto. Deu graças por não ter falado a ninguém que fora médico, não queria maltratar ninguém, seria horrível ter de prejudicar pessoas, para a vingança de outros.

DE Volta ao Lar

- Já ouviu falar em Vampiros?

Vampiros?! Claro, tive medo deles quando era criança!

- A lenda fala de um sugador de sangue. Sangue é vital aos encarnados como as energias que sugamos. Talvez, pelo tempo, a lenda fosse modificada, trocando-se a palavra energia, fluidos vitais, por sangue. Somos vampiros, sugamos energias, e assim roubamos, porque não pedimos.

- Então, fazemos mal a eles?! Pensei não estar prejudicando ninguém.

Marcos ficou aborrecido e, ao saber que prejudicava as pessoas, magoou-se, ficando mais triste ainda. Tereza observou-o e indagou:

- Está preocupado?

- Tereza, todos os que desencarnam, vivem como nós?

- Claro que não. Há os puxa-sacos do Cordeiro, que vivem em outro lugar.

- Quem é o "Cordeiro" de que tanto falam? É Cristo, Jesus.

- Ele foi tão bom!

- É melhor não comentar isto por aqui.

- Esses outros vivem melhor?

- Não sei. Como vou saber?

86

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Tereza, tive uma avó muito boa, desencarnou primeiro que eu, mas nunca a vi. Você tem alguém da família vivendo do outro modo?

- Não, meus parentes estão como eu, com alguns até piores. "Barra" de família, por isso quero-os à distância.

- Tereza, e as pessoas que farreiam conosco, as que bebem, prejudicamo-las?

- É bem verdade que induzimos alguns, mas eles têm sua liberdade, pois fazem porque querem, não os obrigamos. Eles gostam do que fazem.

- Beberiam sem nós? Parariam de se embriagar?

- Alguns, talvez. A maioria gosta de nossa companhia, porque se afinam conosco.

- Tereza, agora que sei que os prejudicamos, não sinto vontade de vampirizar ninguém. Isto tudo é para mim tão triste... Não quero dar uma de vampiro. Você sabe como mudar?

- Não sei mas, se quer mudar, talvez encontre resposta em si mesmo. Você já se analisou? Sabe o que quer?

- Talvez tenha razão. Preciso pensar e analisar a situação. Tereza, você é uma boa moça!

- Também não precisa ofender-me! Deixo-o a sós, volto mais tarde.

Alguns membros do grupo chegaram, e Tereza foi encontrar-se com eles, toda alegre. Marcos ficou só, e sentiu um enorme vazio. "Que tinha construído em sua vida?" indagou-se. "Nada, bem pouco. Se as obras acompanham as pessoas quando estas desencarnam, não tinha feito nada, para ter boa companhia".

Lágrimas correram-lhe pelas faces. Sentiu vontade de orar e pôs-se a recitar as orações de que lembrava. O Grande Mestre queria impedir as pessoas de orar, talvez aí estivesse o caminho da mudança.

"Que será dos meus filhos?"

Sentiu saudade dos seus, da família. Quando a turma se afastou, Marcos saiu rápido da praça e tomou o rumo de seu lar.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

Ao ver sua casa, lágrimas rolaram-lhe pela face:

"Oh, meu Deus! Que fiz da minha vida? Por que tenho que passar por tudo isso?"

Encostou-se no portão e ficou esperando que alguém o abrisse. A oportunidade veio logo: para entregar uma encomenda, um moço tocou a campainha e Madalena veio abri-lo. Marcos entrou, rápido.

Sabendo que ninguém o veria ou ouviria, entrou em casa, observando-a emocionado, pois ali vivera tão feliz! Sua antiga moradia estava um tanto descuidada, necessitando de pintura e retoques. Ao escutar vozes na sala, dirigiu-se para lá e viu seus pais conversando com Mara.

A emoção de vê-los foi enorme, tanto que se ajoelhou a certa distância deles e pôs-se a observá-los com carinho. Não sabia dizer se ficara daquela forma minutos ou horas, até que seus pais levantaram para despedir-se. Foi então que Marcos prestou atenção no que falavam.

- Seja feliz, Mara! Acho que agora nos veremos menos ainda, não é? - disse d. Adelaide.

- Por favor, d. Adelaide, não me leve a mal; convidá-los para ir à nossa casa poderia ser desagradável ao Leonel. Levarei as crianças para vê-los. Devem compreender-me. O que faço é para garantir o futuro deles, pois fiz o que pude para criá-los sozinha. Entretanto... Papai morreu e mamãe não pode continuar ajudando-me.

- E nós não podemos ajudá-la muito; quando nos pediu, pouco pudemos fazer. E com a doença de Dílson...

- Compreendo-os, porque cada um tem seus problemas, mas o pouco que me deram, ajudou-nos muito. Foi um prazer vê-los, e é pena que as crianças tenham saído, foram a uma festa de aniversário. Até logo, sr. Dílson, tchau, d. Adelaide.

Saíram. Marcos, da porta, observou-os: como estavam velhos seus pais, e como parecia cansado seu pai!

Ao perdê-los de vista, Marcos entrou novamente na sala, sentou-se ao lado de Mara.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

"Quem é este Leonel? Quem?"

Marcos indagou com tanta insistência e firmeza que Mara pôs-se a falar sozinha. Tenho pena de meus sogros, estão velhos, mas não posso deixar que se intrometam na minha vida. Foi melhor ser franca com eles e pedir que não nos visitem, pois zelo pela minha felicidade. Leonel se sentiria constrangido ao vê-los, de vez que tem quase da idade do sr. Dílson. Nada deve atrapalhar meu casamento, já tão confuso; se não sou esperta, os filhos dele desmanchariam tudo."

"Casar?!" - Marcos indagou. "Você? Tem coragem? Como pode?"

Mara sentiu as indagações do ex-marido por intuição, que todos nós temos, uns mais, outros menos. Respondeu no mesmo tom, falando alto, como se estivesse sozinha.

"Ora! A culpa toda foi de Marcos! Não me deixou rica e, sim, quase sem o necessário! Sinto falta do supérfluo, para mim o supérfluo é necessário! Marcos era um acomodado e, se não fosse eu a incentivá-lo, não iria ficar com nada. Depois, quem mandou ele morrer cedo. Tive, eu que nunca trabalhei, de fazer até o serviço de casa, de ficar só como uma empregada. Minha filha estudando em escola do Estado, e Rodrigo sem poder ir ao Maternal. Culpa dele! do Marcos! Não sei por que o troquei pelo Romeu. Juventude! Fui idiota! Romeu, sim, soube subir na vida, está rico no Rio de Janeiro. Procurei-o por duas vezes. Orgulhoso, recusou-me. Vingou-se. Pensei que me adorava, mas esqueceu-me, ou recusou-me por orgulho."

"Procurou-o?!" - Marcos exclamou, indignado.

Mara continuou, como se fosse empurrada a recordar:

"Quando Marcos estava doente, antes de casarmos, escrevi a ele contando meu erro e pedindo perdão. Romeu respondeu-me rudemente, recusando-me. Agora, viúva, fui procurá-lo no Rio de Janeiro e ele jogou-me na cara que amava Muitas vezes, desencarnados interferem nos pensamentos dos encarnados, chegando mesmo a dialogarem, trocando idéias, conselhos e até insultos.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

a esposa, que era feliz e não pensava em separação, nem em traí-la. Humilhação! A americana é horrorosa, certamente não a ama. Recusou-me por vingança. E a culpa é de quem? De Marcos! Somente dele! Se ele fosse uma pessoa de caráter, não roubaria a noiva de seu amigo e nada disso teria acontecido."

"Mara!" - Marcos falou, raivoso. "Não a obriguei a nada, trocou-o por mim, porque quis. Sorte de Romeu você não ter ficado com ele, pois não iria ele se especializar nos Estados Unidos e, tendo-a por esposa, gastadeira e gananciosa como é, não conseguiria nem ficar rico. Você nunca me amou! É incapaz de amar alguém. Você é que é culpada! Se não fosse leviana, não namoraria o amigo de seu noivo. É sua culpa, se sofre! Se não fosse seu incentivo, como diz, sua insistência em ter, em querer, faria o que havia prometido, teria feito o bem."

"Basta de falar sozinha! Marcos não iria escutar-me, mesmo. Falta pouco para tudo isso acabar. Adeus, falta de dinheiro! Mudarei para a mansão luxuosa de Leonel, e como sua legítima esposa. Ainda bem que seus filhos são casados e não nos importarão, embora exigissem que o casamento fosse com separação de bens. Mas não importa, saberei, queridos enteados, tirar muito deste velho que me adora. Começarei reformando esta casa que está em nome das minhas crianças. Depois..."

Saiu rindo da sala. Marcos sentou-se triste e pôs-se a pensar:

"Como me enganei, como me deixei enganar. Foi por esta mulher frívola que troquei a doce Rosely. Com ela não teria errado tanto. Como o arrependimento dói, pois seria diferente se pudesse viver novamente."

Um alvoroço fez com que saísse de sua amargura. Eram as crianças que chegavam.

"Como estão grandes! Lindos! Como cresceram!"

As crianças riam, contando as novidades da festa.

"Quanto tempo estou assim? Quanto tempo vivo como 'alma penada'?"

Correu para a cozinha e olhou o calendário.

"Meu Deus! Dois anos e meio se passaram desde aquele dia em que saí de casa para o trabalho. Dois anos e meio!"

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Resolveu ficar em sua casa. Queria descobrir o que se passara na sua ausência. No início da noite, Mara colocou os filhos no quarto para verem televisão, até que tivessem sono e depois se arrumou toda.

"Como é linda!" - Marcos disse, ao vê-la arrumada com muito bom gosto.

Mara ficou na sala esperando alguém, e logo um homem, desses cuja idade é difícil determinar, entrou, sorrindo, na sala. Marcos, estupefato, viu Mara correr para ele e oferecer-lhe os lábios.

- Leonel, que saudade!

- Mara, está linda! Ainda bem que falta pouco para o nosso casamento.

Marcos saiu da sala, de vez que não queria ver mais a cena, sentia ciúme, tristeza, e seu orgulho o maltratava por ter sido esquecido. Foi para o quarto das crianças.

"São tão puras, tão lindas! Será que gostam do padrasto? Será que ele vai ser bom para elas? E você, filhinha, como está? Esqueceu do papai?"

Abraçou Isabela e chorou lamentando-se. A menina se assustou. Sentindo os fluidos de angústia e de tristeza, começou a chorar alto e correu para a sala.

- Mamãe! Mamãe! Mara pegou a filha no colo. Que foi, Isabela? Que aconteceu?

- Não sei, tenho medo. Lembrei-me do papai e chorei. Rodrigo, assustado, veio atrás da irmã e ficou

observando-a. Mara acalentou a filha e Leonel a agradou, e assim ela parou de chorar e pôs-se a sorrir. Ele deu balas aos dois, e ficando tudo bem, voltaram ao quarto.

- Estranho, Leonel - Mara disse -, as crianças não falam do pai. Por que esta lembrança agora?

- Não se preocupe, é passageiro. São tão lindas e tão pequenas! Certamente foi algo que ela viu na televisão.

- Deve ser isto!

Marcos saiu da sala e foi sentar-se na cozinha. Não se atreveu a ir mais ao quarto dos filhos.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

a causa do choro de Isabela. Chorou muito e acabou por ficar ali a noite inteira.

No outro dia, teve mais cuidado, e só se aproximou dos filhos, controlando a emoção, a tristeza. Não lhes queria causar mal algum.

Marcos entendeu que, para o modo de viver de Mara, amante do luxo e do conforto, o dinheiro que recebia não dava mesmo. E, apesar de seu ciúme, percebeu que Leonel não era mau, mas carinhoso com as crianças, e amava realmente Mara. Os preparativos do casamento ocupavam o tempo todo de sua ex-esposa, e foi com espanto que escutou-a dizendo à empregada:

- Madalena, você irá conosco. Tanto tempo juntas! Terá o melhor quarto de empregada e ganhará bem mais. Será a governanta da casa, para cuidar de tudo e das crianças. Já combinei todos os pormenores com o Leonel; Isabela e Rodrigo irão estudar no melhor colégio de São Paulo. Ele faz tudo o que quero, não é ótimo?

- Está feliz, d. Mara? A senhora ama o sr. Leonel?

- Ora... Amo meus filhos e não quero que nada lhes falte. Amor... sentimento para românticos! Sou prática, anseio voltar à boa vida, ao luxo de que sempre gostei.

- Que lhe falta aqui?

- Que falta? Muitas coisas! Que você entende disto? Não foi acostumada ao luxo, como eu.

"Pobre Leonel!" - Marcos disse, ao sair da cozinha e ir em busca da filha.

Estava em sua ex-casa há duas semanas; logo seria celebrado o casamento de Mara, quando se mudariam, e ele não saberia para onde ir depois. Sentia-se bem ao lado da filha, tão meiga, tão pura. Não a encontrando no quintal, voltou e, ao passar novamente pela cozinha, escutou a empregada dizendo:

- D. Mara, Isabela não está bem. Está chorona, tem dores, fala sozinha, não se alimenta direito, queixa-se muito, nunca a vi assim!

92-

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Também notei. vou levá-la ao dr. i-ábio. Está pálida, não dorme direito, queixa-se de dores de cabeça e de frio, porém não tem febre.

Marcos voltou ao quintal, sentou num canto e chorou sentido. Entendeu que era ele a causa dos problemas da filha; mesmo sem querer, ele estava vampirizando suas energias, estava trocando as suas com as dela. Ele se sentia bem ao seu lado, e ela, a pequena Isabela, recebia seus fluidos acostumei a roubar energias de encarnados e faço isto até sem querer. Não quero prejudicar minha filha, não quero."

- soluçou: "Oh, Meu Deus! Que faço? Devo ir-me. Ajuda-me! Sei que não mereço ajuda, mas imploro auxílio. Como erreí, meu Deus, como erreí! Desencarnados que vagam, que não receberam orientação, socorro, vampirizam, sugam energias alheias ou as trocam pelas suas. Quando querem, ou simplesmente ao ficarem perto de encarnados, principalmente se estes são sensíveis, ou médiuns sem a devida proteção.

Saiu da ex-casa e foi andando rumo ao apartamento de seus pais. Chegou sem problemas. Foi grande a emoção ao entrar no lar de seus pais, recordando sua infância e juventude. Ficou olhando-os com carinho. Quase às dezoito horas, Solange chegou; formara-se em Psicologia e voltava do trabalho.

"Como está bonita!" - Marcos exclamou. "Simples, como sempre, e irradiando amor e bondade."

- Veio mais cedo, filha? - indagou d. Adelaide, sorrindo para a filha que, carinhosamente, respondeu:

- Hoje é dia dos nossos trabalhos no centro espírita. A senhora quer ir comigo?

- Não, estou indisposta; desde a tarde sinto dor de cabeça e frio.(1)

- Seria bom se tivéssemos uma só religião. Ainda bem que meu noivo é espírita, e assim seguiremos a Doutrina juntos, e nela educaremos nossos filhos.

- Acho que tem razão - concordou d. Adelaide. - Só não entendo você não querer casar na Igreja.

- Não seria desrespeito, mamãe, tomar a bênção em uma religião em que não cremos? Roberto e eu já decidimos.

- Filha, hoje estou lembrando tanto de Marcos, estou tão saudosa. Como estará ele?

111 Nem todas as indisposições de encarnados têm por causa fluidos de desencarnados.

-94

MUITOS SÃO os CHAMADOS

D. Adelaide suspirou, calaram-se, Solange sentiu a presença do irmão e falou com ele pensamento. Marcos escutou-a.

"Marcos, meu irmãozinho, acorde para Deus, entregue-se a Ele. Sente-se aqui e me espere, logo irei sair e o convido a acompanhar-me."

Marcos sentou-se e esperou. Logo Solange reapareceu na sala e ele se sentiu atraído para ela; e quando ela saiu, acompanhou-a.

Só via a irmã: com ela andou sem saber por onde, até que entraram num local que o agradou. Era um salão, com tudo muito simples, mobiliado com cadeiras e, em plano mais elevado, uma mesa com toalha branca e um vaso com lindas flores, que exalavam suave perfume e que lhe pareceram luminosas. Somente um quadro ornamentava a parede; era Jesus orando no Jardim das Oliveiras, e que o fascinou.

"Até Jesus, quando por aqui andou, orava" - Marcos pensou. "Ele parece tão tranqüilo, com tanta paz e fé. Ah! Jesus! Ensina-me a orar. Tenho necessidade de paz. Muita paz!"

- Boa-noite!

- Boa-noite!

Marcos respondeu a um senhor desencarnado de agradável aspecto e sorridente que lhe pediu o favor de ficar na fila que organizava.

- Onde estou? Que lugar é este? - Marcos se aventurou a perguntar.

- Está, meu filho, numa casa de oração, num centro espírita.

"Graças a Deus" - pensou ele - "o Espiritismo novamente me salvará. Se o Grande Mestre o teme, é aqui que acharei ajuda."

Viu Solange sentar em volta da mesa e, com ela, mais onze encarnados. Outras pessoas se sentaram nas cadeiras restantes: todos lhe pareceram pensativos e a orar. Muitos desencarnados iguais a ele, e outros em estado pior, uns inconscientes, outros gemendo, aguardavam na fila.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

Um senhor encarnado leu um texto do Evangelho, com voz firme, fazendo com que todos os desencarnados se calassem, mesmo os que gemiam. Em seguida, explicou o texto lido. Uma senhora desencarnada, irradiando uma luz suave e de deslumbrante beleza, colocou a mão sobre a cabeça do orador encarnado. Marcos pensou:

"Deve ser uma das que vivem do 'outro modo', basta olhá-la para saber que é feliz. Deve ser uma das servas do Senhor."

Todos prestaram atenção na lição evangélica. Ensinaram naquela noite a necessidade de perdoar todas as ofensas e também de reconhecer nossas falhas e pedir perdão a quem ofendemos. E que orar com ódio e rancor no coração não é agradável a Deus, completando com: "Felizes os que conseguem perdoar com sinceridade, porque serão perdoados e terão paz."

Um senhor encarnado fez uma oração pedindo a Deus proteção para os trabalhos que iam se realizar, e todos juntos oraram o Pai-Nosso. Marcos se emocionou e chorou, não conseguindo orar, pois sentia remorso e vontade de mudar de vida para melhor. Foi atraído para a irmã e se aproximou dela, ficando bem perto. Solange começou a chorar também.

Bondosamente, um senhor lhe perguntou o que estava acontecendo.

Marcos falou:

- Eu sofro... tenho frio... estou triste...

Surpresa a sua: Solange repetia palavra por palavra o que ele dizia. Marcos, perplexo, parou de falar, entretanto um desencarnado, o que havia organizado a fila, orientou-o:

- Continue, filho, fale de suas necessidades. Marcos lembrou então que, quando encarnado, vira um

trabalho de incorporação, de orientação, e isso quando estivera pela primeira vez no Santuário Espiritual Ramatis.

O desencarnado que lhe dirigiu a palavra, continuou:

- Calma, procure ficar tranqüilo, receberá ajuda.

- Quero mudar! - Marcos exclamou emocionado, e Solange, falando em voz alta, repetia o que ele dizia. - Quero viver de outra maneira. Sofro muito, tenho dores de cabeça e sinto frio.

96 -

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Marcos viu ao seu lado dois espíritos radiosos, que colocaram as mãos sobre ele, aplicando-lhe passes. Começou a sentir um agradável calor e a dor foi desaparecendo. Suspirou, aliviado.

- Obrigado, meu Deus!

- Graças ao Pai! - continuou o encarnado. - Sente-se melhor? O irmão sabe que desencarnou?

- Sei que meu corpo morreu. Sofro vagando, mas não quero prejudicar ninguém. Quando chego perto das pessoas, estas se sentem mal e sofro com isso.

- É pelos seus fluidos. Agora, tudo irá mudar.

- Para onde irei? Não quero vagar sem destino, não tenho para onde ir. Ajudem-me.

- Você irá para um lugar que lhe é próprio, onde aprenderá muito, e logo estará ajudando as pessoas e não mais prejudicando-as. Quer ir?

- Sim, quero. Agradeço-lhes.

Nisto, Marcos olhou à sua frente e viu d. Carmem, sua avó, sorrindo-lhe bondosamente e abrindo os braços para ele:

- Vovó, não mereço! Meu Deus! Perdoe-me! Vovó, vó... Marcos se sentiu feliz como há muito não conseguia, e

assim deixou-se abraçar pela avó que, carinhosamente, alisava-lhe os cabelos. Marcos então observou-se, viu que não estava mais sujo, porém limpo, e que a roupa fora-lhe trocada. Um sono suave foi obrigando-o a fechar as pálpebras. Como criança, adormeceu nos braços de sua avó.

Naquela sessão de caridade, vários necessitados foram ajudados e encaminhados. Ao término, uma senhora fez a oração de agradecimentos e a Prece de Cáritas. Com a luz acesa, os médiuns comentaram o trabalho da noite, e Solange disse, emocionada:

- Obrigado, Jesus, por ter atendido minhas preces, estou tão feliz! Marcos, meu irmão carnal, foi socorrido e encaminhado para onde irá aprender a servir, no plano espiritual.

O grupo, contente, se desfez.

Marcos acordou refeito, sentindo-se muito bem, eis que um agradável calor o envolvia. Remexeu-se no leito e recordou do frio que, por anos, o maltratara, e estremeceu.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

"Não quero recordar tudo o que passei. Onde será que estou?"

Olhou para todos os lados, mas não reconhecia o local.

"Devo estar na enfermaria de um hospital" - Marcos falou baixinho. "Será que sonhei tudo aquilo? Não, acho que não. Devo ter morrido mesmo. Estou bem agora, nenhuma dor incomoda-me."

- Fala sozinho, amigo? - indagou um senhor do leito ao lado. - Sou Fernando, e você?

- Marcos. Acordei e não sei onde estou. Sabe onde estamos?

- Claro. No Hospital da Luz.

- No espaço?

- Sim, sabe que desencarnamos?

- Então, tudo é verdade! Sei, mas me iludi por momentos. Acho tudo tão estranho! Como a morte é engraçada!

- Não, amigo, a morte não é engraçada. Nós é que fomos imprudentes. A morte do corpo é natural e para todos.

Nisto entrou um enfermeiro. i

- Bom-dia! - disse ele alegre. > -

- Bom-dia! - responderam todos. :: •'

Foi aí que Marcos viu que havia uns quarenta leitos e todos estavam ocupados por homens parecendo convalescentes. O enfermeiro parou à sua frente e sorriu:

- Que bom vê-lo bem! Avisarei Carmem que já despertou.

- Dormi muito? - indaguei.

- Por uns quinze dias.

Marcos se sentou no leito, respirou fundo e, lentamente, sentia-se muito bem. Estava com roupas claras e limpas, seu corpo aseado, com barba feita e cabelos cortados. Tudo lhe parecia agradável, muito agradável. Observou o enfermeiro, que tratava de todos, com dedicação e atenção, cuidando dos internos daquela enfermaria.

- Hora de visitas! - O enfermeiro falou.

Marcos, ansioso, notou muitas pessoas entrarem e, ao ver sua avó entre elas sorrindo, chorou de emoção, e ela o abraçou fortemente.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Que encontro feliz! Como lhe agradeço. Sei que não merecia nada disto, nem o seu perdão! Não falemos disto. Como se sente?

- Sinto-me bem. Mas deixe-me falar, vovó. A senhora foi tão boa, preocupava-se com todos. Quando tive câncer, foi pelos seus cuidados que consegui sarar. Fui ingrato! Quando estive doente, nada fiz pela senhora: nem fui cuidar, nem visi-tar. E, mesmo assim, quando desencarnou, a senhora tentou ajudar-me. Lembro-me dos meus sonhos, quando fazia-me recordar das responsabilidades de que fugi. Não seria a senhora que eu escutava vagamente, orientando-me enquanto vagava?

- Marcos, estive, sempre que possível, ao seu lado. Você não podia ver-me por vibrarmos diferentemente e por não querer isso. Quando revoltado, pouco pude fazer, porém minhas orações acompanharam-no e como fiquei feliz por vê-lo arrependido e pedir misericórdia! Nada tenho que perdoar e, por ter compreendido sua situação, nunca guardei mágoas. Quanto à doença, era necessário que eu passasse por tudo aquilo. Não reclamei, mesmo porque o sofrimento do corpo lavou-me o espírito tão necessitado daquela prova. Desencarnei e aqui estou, tão feliz!

- Vovó, a senhora se perturbou ao desencarnar?

- Não, Marcos, minha desencarnação foi tranqüila e suave, pois adormeci para acordar aqui, entre amigos.

- E eu perturbei-me tanto!

- Meu neto, a morte do corpo não é igual para todos, de vez que cada um tem a desencarnação que fez por merecer. Como também o estado de coma não é sentido, igualmente. A cada um é dado o que necessita, ou colhe-se o que quando encarnado se plantou!

- Vovó, poderei ser útil?

- O espírito é ocioso, se quiser. Em qualquer lugar em que estejamos, somos chamados à responsabilidade, a sermos úteis.

- Poderei estar sempre com a senhora?

- Tenho meus afazeres, mas estarei com você até que, ambientado, possa servir.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

O horário de visitas acabou, Marcos pensou por muito tempo na conversa que teve com sua avó. Depois, um senhor simpático e alegre, convalescente como ele, se aproximou e, após se apresentar, indagou:

- Marcos, gosta daqui?

- Sim, tudo me parece encantador. I

- E é. Este Posto de Socorro é lindo e cheio de paz. Mas estou doído para voltar ao meu lar.

- Quê?!

- Aqui tudo é lindo, mas não é como meu lar. Sinto falta de meus familiares, pois amo-os tanto! Ter vindo para cá foi como se tivesse feito uma viagem. Acho tudo lindo, gosto, mas quero voltar para casa.

- Celso, você desencarnou, não tem o corpo de carne e, se voltar, não será a mesma coisa!

- Sei disto tudo, mas meus familiares me amam, estão me chamando, de vez que sofrem com o meu afastamento. Eles saberão receber-me.

- Celso, você teve alguém que desencarnou antes de você, a quem muito amou?

- Sim, meu pai.

- Queria, quando você estava encarnado, vê-lo?

- Não!

- Poderá acontecer o mesmo com você, pois seus familiares podem não querer nem vê-lo!

- Ora, não seja desmancha-prazeres!

Saiu de perto de Marcos, indo para o outro lado.

"Ah! Muitas vezes necessitamos sofrer, como sofri, para dar valor ao socorro."

O enfermeiro escutou a conversa e, ao ver Marcos preocupado, disse-lhe:

- Não deixe que as preocupações o aborreçam.

- Celso disse-me que quer voltar ao lar, conseguirá?

- Sim, se ele quiser, voltará. No Posto de Socorro ficam os que querem.

- Sairá sem permissão?

-100-

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Quando estamos aptos a visitar nossos entes queridos, sem que os prejudiquemos, temos permissão. Celso quer voltar, não para visitá-los, mas para ficar com eles. Se desejar, realmente, irá, embora tenha recebido orientação para não fazê-lo.

- Ele os perturbará?

- Certamente, e logo se desiludirá, ao ver que os seus não o vêem, não o ouvem e nem desejam sua presença, no estado em que está. Por isso, perturbará e prejudicará seus familiares.

Marcos se recuperou rápido e foi, com sua avó, para a Colônia, deixando o Posto de Socorro agradecido. Encantou-se com o lugar, pois tudo lhe era maravilhoso: os prédios, os jardins, a biblioteca. Iria morar com sua avó e com os amigos dela, que o receberam como a um filho.

Em poucos dias se ambientou naquela maravilhosa forma de viver.

- Marcos - esclareceu d. Carmem -, a vida aqui, como viu, não é para ociosos, porque todos se ocupam de alguma obrigação.

- Pensava falar-lhe sobre isto. Quero também trabalhar. Que devo fazer?

D. Carmem apresentou-o a uma pessoa encarregada de introduzir os recém-chegados à vida ativa na Colônia. Tratado com imensa bondade por Eduardo, um senhor tranqüilo e risonho, já estava ele, no outro dia, trabalhando e estudando.

Seu tempo era repartido, ora como simples enfermeiro, nas dependências do hospital, ora estudando, numa das escolas da Colônia, onde aprendia a Moral Evangélica, tendo por mestre o instrutor Luís. Nas horas de folga, conversava muito com sua avó, fazia muitas amizades, assistia a palestras e lia muito.

O tempo passou. 101 Aprendendo

Marcos estudava com prazer, mas uma questão o incomodava, até que indagou ao mestre:

- Luís, se tivesse feito o que prometi, estaria encarnado? Estando com câncer, pedi a cura a Deus, e propus ser bom, fazer o bem; não o fiz, e nessa época desencarnei por um derrame cerebral. Desencarnaria, se tivesse feito o bem?

- Caro Marcos, a razão de ser do corpo físico é proporcionar à alma posição favorável para que aspire ao melhor. Mas muitos de nós vemos nas necessidades físicas não o motivo de melhoria, mas, sim, um castigo. Uma doença é, às vezes, um meio para que procuremos crescer, aprender, voltar a Deus. Se o corpo não está dando condições, motivos para que crescamos, não há razão para que permaneçamos encarnados. Muitos transviados permanecem no corpo físico, apesar de não se aperceberem desta verdade. Mas, para aqueles que estão mais propensos acordar, há preocupação de seus protetores espirituais, no sentido de que aproveitem a encarnação e que ela lhes seja útil. Entretanto cada caso, Marcos, é um caso. Sim, talvez você estivesse encarnado. Sua cura proporcionou-lhe o estímulo para que se aperfeiçoasse, e lhe deu oportunidade de pagar dívidas, simplesmente trabalhando para o bem e realizando o progresso espiritual. Você tinha um carma negativo, que ia se quitar com a doença. Foi então lhe dada, pela cura, a oportunidade de quitar esse carma trabalhando, deixando de ser um peso à sociedade, e passar a ser um pólo positivo aos seus irmãos. Por não aproveitar a oportunidade, sua dívida teve que ser quitada com o sofrimento.

-102-

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Para aqueles - continuou Luís - que têm o mundo físico só como fonte de prazer, a desencarnação é um castigo terrível. Não pagando seu carma pela oportunidade do trabalho, resta-lhes a dor da desencarnação, quando a dívida lhes é cobrada. Para as pessoas santificadas, estar no mundo físico ou fora não faz diferença, pois construíram o Reino de Deus dentro de si, e a desencarnação lhes representa somente uma outra forma de viver. Para elas, a morte física é uma felicidade.

- Uma libertação?

- Sim, entendendo que a libertação não é a perda do corpo físico mas, sim, dos vícios. Se não nos libertarmos de nossos vícios, continuaremos escravos, tanto encarnados como desencarnados. Se seguirmos os ensinamentos de Jesus, se colocarmos o Reino de Deus em nós, seremos felizes, libertos, onde quer que estejamos.

- Então, eu poderia estar encarnado?

- Para você, que amava a vida encarnada, foi um castigo abandoná-la. Se tivesse feito o bem, sendo útil, quitaria seu carma, proporcionando seu crescimento, e permaneceria encarnado, como prêmio. Porque, perante a vida, tanto faz ser útil aqui desencarnado, como encarnado.

- Mas fazer o bem encarnado é mais difícil! - exclamou Marcos.

- Sim, é, mas também é mais compensador. Marcos pensou: "Aqui é mais fácil, porque como

desencarnados sabemos com certeza da continuação da vida após a morte do corpo; e, como encarnados, acreditamos em tantas teorias... No corpo carnal, tem que se lutar pela sobrevivência, há o trabalho pelo ganho material, existe a família..."

- E muitas ilusões falsas - Luís concluiu, sorrindo. Marcos entendeu que seu mestre lera seus pensamentos e completou: - vou, como convidado, assistir hoje a noite a um trabalho num centro espírita. Não quer vir comigo? Verá, Marcos, que muitos encarnados contrabalançam todas as dificuldades que enumerou, com o trabalho espiritual.

-103-

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS sim. Marcos esperou ansioso a hora de irem. Com Luís, volitou pelo espaço até a cidade. O centro espírita era simples e acolhedor. Isso chamou a atenção de Marcos, que indagou a Luís:

- Todos os centros espíritas que conheço são simples, por quê?

- Os encarnados que planejam estes centros espíritas, quase sempre conhecem locais de orações no Espaço. A simplicidade é uma beleza, e lugares de oração não precisam ser luxuosos.

Foram acomodados, e Marcos prestou atenção em tudo.

- Marcos - disse-lhe Luís -, observe os trabalhadores deste local: há a equipe desencarnada e a equipe encarnada, formada de pessoas comuns com seus problemas e dificuldades, e que têm família e trabalho.

- Por trabalhar aqui, as dificuldades da vida dos encarnados não lhes são facilitadas?

- Não, Marcos. Não podem os desencarnados fazer as lições para os encarnados. Nada é feito com sacrifício, pois eles têm horas e dias certos para o trabalho espiritual. O que pode ocorrer, é que pessoas que fazem o bem, para si o fazem. A compreensão, o aprendizado que dá a Doutrina Espírita aos seus seguidores faz com que entendam o significado da Vida, porque ficam sabendo que tudo na Terra é passageiro e, assim, para tudo há explicação. Se o período como encarnado é mais difícil, também é mais proveitoso.

Um senhor encarnado, risonho, simpático, sentado à mesa, orava em silêncio. Luís esclareceu:

- É José Carlos Braghini, o orientador encarnado, da casa.

Uma senhora se aproximou dele e indagou:

- Zé Carlos, sofremos somente pelo carma negativo?

- Muitos de nós não o sabemos, e outros tantos sabem, mas se esquecem de que a Essência Divina se faz presente em todas as criaturas. Adquirimos carma negativo, quando agredimos a essas criaturas, prejudicando o veículo dessa Essência Divina, e impedindo a sua manifestação

- 104

MUITOS SÃO os CHAMADOS

harmônica. Da mesma forma adquirimos débitos, também, por desleixo ou preguiça. Nada fazer por nossa melhoria é impedir que a Essência Divina encontre um veículo propício em nós. O servo mau e preguiçoso da Parábola dos Talentos não destruiu o dinheiro do Senhor, e errou por não multiplicá-lo, tanto como aquele que o esbanjou. Os ociosos também falham, por não aproveitarem as oportunidades que o Pai Amoroso tanto lhes dá para crescerem. Quando trabalhamos, multiplicamos os talentos. O sofrimento, às vezes, consegue chamar-nos à responsabilidade.

- Que resposta interessante! - Marcos comentou.

- Sofre-se também pelo que deixamos de fazer, pelo bem que poderíamos praticar e não o fizemos. Foi o que ocorreu comigo. Luís, este encarnado, José Carlos, foi curado de alguma doença grave, ou foi alguém de sua família que o fez seguir o Espiritismo?

- Não, ele não foi curado, nem ninguém de sua família. Atendeu, simplesmente, o chamado do amor. Possuía tudo o que a maioria dos encarnados almeja: esposa dedicada, filhos, bens materiais. Sentia-se insatisfeito, desiludido com os posses do mundo e entendeu que elas não o levariam a lugar nenhum, pois possuía mas continuava angustiado. Sentiu a necessidade de procurar algo que lhe desse paz interior. Não sendo ocioso, procurou, estudou, e ainda muito estuda, faz o bem por amor. Está multiplicando pelo trabalho os talentos que o Pai lhe confiou.

Neste instante, José Carlos começou a falar:

- O sol nasce todos os dias irradiando a Natureza, e os seres irracionais cantam a beleza, a glória a Deus. A Natureza é sinfonia, beleza, luz e vida. Parece que a maioria das pessoas não comunga com essa harmonia. São as mal-humoradas, insatisfeitas e revoltadas. Essa revolta, insatisfação de desejos não realizados, vai se acumulando, até que um dia a dor as reajusta às leis de Deus. Quanto maior a insatisfação, o egoísmo, a vaidade e a luxúria em que estes indivíduos têm vivido, maior será a sua dor. E o sofrimento chega, às vezes, por doenças. O homem que poderia viver no Paraíso, constrói

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

para si um vale de lágrimas. Os homens doentes, sofrendo dores iguais, dividem-se em dois grupos. O primeiro grupo revolta-se contra Deus e indaga: "Que mal fiz a Deus para sofrer assim? Por que meu corpo está em chagas?" O outro grupo, parando para pensar, mais amadurecido, volta-se ao seu passado e entende que teve muito e não deu valor, pois quis somente ser servido e não se propôs a servir.

Esses dois grupos, doentes, unidos em sofrimento, são como os dez leprosos da passagem evangélica. Tiveram eles notícia de que Jesus de Nazaré estava naquela região e que poderia curá-los. Correram, então, todos eles a pedir a cura e o socorro a Jesus. O Mestre, lendo os pensamentos de cada um, sem julgar ninguém, viu em todos a presença de Deus e que eles eram seus irmãos. Em nome da Bondade Infinita, mandou-os que fossem até a autoridade da época e, no caminho, ficaram curados.

Continuava José Carlos sua exposição:

- O primeiro grupo, formado por aqueles que só pensavam em si, partiu em busca dos prazeres que lhe foram proibidos no tempo de doença. Queriam eles descontar o tempo perdido e se esqueceram daquele que, em nome do Ser Supremo, da Bondade Divina, lhes havia dado nova oportunidade. No seu egoísmo, achavam que Ele não fizera mais que sua obrigação, e que eles tinham o merecimento de receber a cura, porque haviam sofrido muito sem dever nada e que agora, curados, deveriam voltar a viver para os prazeres.

O orientador prosseguia:

- O segundo grupo, representado por um indivíduo que, como os dez leprosos, fora curado, indo também à autoridade, e que voltou. Espírito mais amadurecido, brotou em seu coração o amor. O primeiro impulso desse amor foi a gratidão. Voltou, indo ao encontro daquele que o curou. Ao agradecer a Jesus de Nazaré, ele o fez Àquele que O enviou, a Deus, que lhe concedia nova oportunidade de poder servir, de ser útil. Demonstrando seu reconhecimento para com Aquele que tudo dá, ele já não era o mesmo homem de antes. Agora, só queria amar e ser grato a todos os que o ajudaram; os familiares, queria

MUITOS SÃO os CHAMADOS

envolvê-los com carinho e afeição. Queria ajudar, porque em seu sofrimento viu que todos são iguais. Não se importava mais consigo, queria que a humanidade fosse feliz, desejava fazer feliz os que estavam à sua volta.

Todos ouviram em silêncio, e ele continuou:

- É a atitude perante o sofrimento que vai redimir o indivíduo. O episódio dos dez leprosos repete-se dia a dia. Quantos são curados pela Bondade Infinita e quantos grupos se repartem? Poucos são os que despertam pela cura do corpo e se curam também pelo espírito. Hoje, mais que nunca, temos a oportunidade de renascer para a verdadeira vida. E morrer para o egoísmo, desejos e gozos. É preciso não mais querer ser servido e aprender a servir. É necessário amar a Deus e dedicarmo-nos ao próximo, tratando-o como irmão. Não sejamos ingratos, amemos a Deus que está pelos séculos, milênios, nos sustentando. Voltemos para agradecer pelo muito que recebemos.

Oraram, e Marcos não mais conseguia fixar a atenção no que se falava, pois voltava no tempo, e entendeu, então, que ele pertencia ao primeiro grupo, fora curado em nome de Jesus e partiu para desfrutar dos prazeres materiais. Foi grato de forma externa, foi curado em seu corpo, porém não se interessou em curar seu espírito.

As luzes se acenderam, acabara o trabalho. Marcos voltou sua atenção para o que ocorria. Viu uma moça desencarnada de muita beleza, loura, de olhos azuis brilhantes, a sorrir e a cumprimentar os trabalhadores desencarnados do centro espírita, e estes a cercavam de mimos e carinhos.

- É filha do sr. José Carlos - disse uma senhora que estava perto de Marcos.

O aprendiz se espantou, indagou rápido a Luís:

- Luís, esta moça é filha do sr. José Carlos?

- Sim, é, chama-se Patrícia.

- Filha na outra existência, presumo.

- Não, é desta encarnação, mesmo.

Nesse instante, Patrícia se aproximou de uma senhora encarnada, simpática e beijou-a. A encarnada era sua mãe, que

-VERA LÚCIA MAHINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

a sentiu em espírito e sorriu. Os encarnados conversavam trocando comentários doutrinários, e Patrícia se acercou carinhosamente do pai e também o beijou. Marcos comentou:

- Não entendo como um casal que tem uma filha tão maravilhosa, desencarnada na flor da idade, não se revolta.

- Marcos, se para alguns desencarnar é castigo, porque são privados dos prazeres materiais, para outros nada mais é que uma continuação feliz da existência. Que você vê aqui? Eles não estão separados, porque o amor e o carinho os unem. Não há razão para revolta, aos que compreendem. Aqueles que crêem, já estão consolados. Por que tanto espanto? Não sabia você que o médium que foi instrumento de sua cura, o Waldemar, teve um filho que era doente e que desencarnou adolescente?

Marcos não ousou comentar mais nada, muito tinha que meditar no que viu e ouviu. Voltaram à Colônia.

108

Marcos estudava e trabalhava com afinco e os dias para ele passavam rápidos e agradáveis, pois entusiasmava-se com suas novas aspirações.

- Marcos! - d. Carmem veio ao seu encontro. - Venho trazer boa notícia. Você teve permissão para ver seus entes queridos. Eu o acompanharei, amanhã à tarde, numa visita de doze horas.

- Oh! Vovó, que bom!

Marcos se alegrou, agora seria diferente, porque poderia abraçar seus entes queridos, sem prejudicá-los. Ansiava por vê-los.

Na hora marcada, volitou com sua avó e desceram num bem cuidado jardim que rodeava uma bonita piscina. Sentada numa cadeira estava Mara, pensativa e triste. Marcos se emocionou ao ver sua ex-esposa linda e muito elegante.

- Aqui, Marcos, é a nova residência de seus filhos explicou d. Carmem.

- Bonita casa. Eles estão felizes?

- Sim.

- Por que estará Mara tão pensativa? Parece triste.

- Vamos ver o que a aflige.

D. Carmem colocou a mão na testa de Mara, Marcos imitou-a, e pôde, assim, auscultar os pensamentos da bela moça.

"Não devo estar saudosa do passado. Como fui feliz no interior com meus pais, e que tempo gostoso o da minha juventude, sempre mimada e sem problemas! Meu casamento: tudo tão lindo, meu vestido, Marcos... tenho saudade de você. O destino separou-nos tão cedo. Se ele estivesse aqui, seria tudo diferente. Estaríamos construindo nossa casa, tão

-109-

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

bela como esta e não seria como prisão. Marcos não me sufocaria; com ele... a vida era bela, como passeava então, que bom tempo!"

"E Leonel?" - Marcos indagou mentalmente.

"Leonel!... Talvez seja velho para mim. Aqui tenho tudo, mas nem posso mostrar isso aos meus amigos. Que adianta possuir tantas roupas, se não saio. Ele é bom, é como um pai para meus filhos, nada nos falta, mas sou infeliz."

- Coitada... - Marcos disse à avó e se afastou de Mara.

- Sente-se como um pássaro na gaiola dourada. Paga caro o preço de seu egoísmo, porque não se casou por amor e, sim, por interesse. Queria conforto e tem o que deseja, porém tudo isto não a fez feliz.

- Marcos - falou d. Carmem -, todas as pessoas que colocam a felicidade nas coisas perecíveis, podem iludir-se, todavia não são felizes. Mara se esquece de ser grata e de amar. O segundo esposo é um homem bom, honesto, caseiro. Sente ciúme doentio da jovem esposa, fazendo-a sentir-se sufocada, contudo foi ela quem tudo fez para conquistá-lo, para que ele a amasse, a ponto de se indispor com seus filhos para casar com ela. Mara não fez questão de amá-lo ou mesmo querê-lo bem, mas agora o convívio é difícil. Não trabalha, não estuda, não faz nada de útil, e quem perde o tempo na ociosidade, este lhe parece pesado e lento. Mara é infeliz, meu neto, por desejar facilidades e por ser egoísta, pois só pensa em si. Se prestasse atenção aos que estão à sua volta, veria como ocupar seu vazio tempo, fazendo o bem. Venha, vamos orar por ela. Carinhosamente, d. Carmem deu-lhe um passe, Mara suspirou relaxando-se, e Marcos se aproximou da ex-esposa, beijando-lhe a testa; ela, então, se levantou, dizendo em voz alta:

"vou ler o Evangelho que ganhei na Igreja. Acho que é uma boa idéia."

Entrou em casa mais animada.

- Leonel é presbiteriano, querido neto, e Mara o tem acompanhado aos domingos à Igreja. Vai lá somente para sair de casa, porém é obrigada a ouvir os sermões, as leituras bíblicas, e isso é sempre bom. Vamos ver as crianças.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Eles estavam brincando com várias coleguinhas, no parquinho ao lado da piscina.

"Como estão lindas!" - Marcos se emocionou e não conseguiu segurar as lágrimas. Esforçou-se para se acalmar e, quando se sentiu seguro, foi até elas, abraçou-as e beijou-as.

- Estão bem, não é, vovó? Estão fortes, alegres e saudáveis. Quando encarnado não tive tempo para contemplá-las, brincar com elas, sinto isto agora. Como gostaria de estar sempre com elas!

Sentou-se perto dos filhos e ficou admirando-os, escutando seus risos e conversas. As outras crianças foram embora, enquanto Isabela e Rodrigo ficaram a brincar na areia. Auxiliado pela avó, Marcos as observou e viu que estavam bem, felizes, porém não guardavam nenhuma lembrança do pai.

- Venham, crianças, hora do banho!

Correram alegres para Madalena. Marcos não as seguiu, e falou à avó:

- Não se recordam de mim! Não importa, não devo ser egoísta, porém quero-as bem e não quero vê-las sofrer. Como iriam lembrar-se de mim? Quando desencarnei eram eles tão pequenos! Padeceria se os visse sofrer por mim.

- Orgulho-me de você, pois amadureceu. Querer que sofram por nós é muito egoísmo. Quando nossos entes queridos estão bem, é motivo de alegria para nós. Um dia saberão que tiveram um pai amoroso.

Em seguida, foram ao apartamento dos pais de Marcos. Permanecia tudo como sempre. O sr. Dílson estava bem doente, e isto deixou o visitante consternado por um instante. Lembrando das recomendações que recebera, tratou de afastar a tristeza, de vez não queria transmitir nada de ruim a eles. Sabia ele que a tristeza transmitiria fluidos pesados e angustiantes.

Ao chegar perto de sua mãe, esta o sentiu em espírito, ficando com muita saudade, e se pôs a recordar passagens alegres da infância e da mocidade do filho. Marcos sentiu-se bem com seus pais, de vez que entendeu não ter sido bom filho, mas os amava muito.

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

Querendo ver todos, foram à casa de Tércio. O lar do irmão era simples, mas confortável. Rosely preparava o jantar. Continuava meiga e alegre.

- Meu irmão é feliz! - Marcos exclamou. Passaram rápido pela casa de Gabriela, e viu que os

sobrinhos já estavam moços, todos bem. Foram visitar Solange que se casara e estava muito feliz. Marcos gostou do cunhado, e sentiu a casa agradável além de muito bonita. Abraçou a irmã.

"Solange, agradeço-lhe. Devo a você e ao seu grupo por estar bem. Obrigado, irmãzinha, continue sempre ajudando os que sofrem. Só Deus e os socorridos podem avaliar o trabalho que fazem. Continue... A Doutrina Espírita mostra-nos o verdadeiro caminho a ser percorrido. Para aqueles que vivem e praticam o Espiritismo, a desencarnação é bem mais fácil. Obrigado."

Solange sorriu, sentiu a presença tranqüila do irmão, respondeu também em pensamento: "Marcos, é você? Está bem! Agradeça somente a Deus e sirva também, ajudando a outros que sofrem, em nome dele.

Orou com sinceridade, e Marcos, emocionado, viu raios coloridos caindo sobre eles.

- Como é linda a oração sincera! Se soubessem disso, os encarnados orariam mais.

- Sabe, todas as religiões ensinam e aconselham a orar com fé. Poucos fazem assim. Solange é privilegiada, pois ora como lhe ensinaram.

- Solange é médium, vovó, e isto é maravilhoso. Sentiu-me e até respondeu-me. Ter mediunidade constitui uma graça!

- Nem todos os que têm mediunidade pensam assim, porque para muitos é um estorvo, um incômodo, uma perturbação e, se pudessem, se livrariam dela.

- Não lhe sabem dar valor!

- É verdade, em vez de fazerem dessa faculdade um instrumento de trabalho para multiplicar os talentos, enterram-na, deixando-a sem uso, e será com tristeza que terão de devolver o talento, sem multiplicá-lo.

-_ 112

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Vovó, tenho orado muito por Tereza, uma amiga e companheira de infortúnio. Gostaria de ir vê-la e ajudá-la, se possível. Será que me seria permitido?

- Pensei que gostaria de passar o resto do tempo que temos, na companhia de seus filhos.

- Eles estão bem, graças a Deus. Mas Tereza está a vagar, há tanto tempo. Ela ajudou-me à sua maneira, e ainda deve ter um ferimento no peito, e eu gostaria de curá-la. Seria possível?

D. Carmem sorriu contente.

- Que bom vê-lo a preocupar-se com os outros e querendo ajudar. Vamos até ela, e ajudarei você a socorrê-la. Sabe onde achá-la?

Volitando, foram à praça onde o grupo costumava reunir-se e avistaram Tereza no meio do bando. Eles não os viram.

- Não podem ver-nos, por vibrarmos diferentemente d. Carmem explicou ao neto.

- Gostaria de falar com ela, mas como?

- É fácil, ficamos neste canto e você a chama. Marcos chamou-a, e Tereza se inquietou e se separou da

turma, andando vagarosamente. Foi em direção dele e se sentou num banco ali perto.

- Vovó, que faço para que ela me veja?

- Pense como você era quando estava com eles, pense firme, ajudo você.

Marcos fez o que sua avó recomendava e Tereza pôde vê-lo.

- Marcos! É você?

Assustou-se e, com os olhos arregalados, observou-o dos pés à cabeça. Marcos ficou sorrindo para ela.

- Está estranho, bicho! Que roupa é essa?

- Tereza, não se assuste, estou bem. Vim visitá-la, porque senti saudade. Passei para o outro lado, o do Cordeiro.

- Por que fez isto?

- Vazio, medo, sofrimento. Tereza, minha amiga, nos iludimos muito com essa vida, pois damos uma de "contente", mas longe ficamos da felicidade.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

- Por que se veste assim, todo de branco? Está parecendo alguém importante. É médico?
- Só estou limpo. Sim, sou médico.
- Escondeu isto de mim, hein? Como está você? Gosta deles? Vive rezando? Recebe muitas ordens? Está preso? Maltratam-no?

Marcos sorriu, esperou que Tereza parasse de fazer perguntas para respondê-las. Sabia que neles tinham colocado muitas idéias erradas sobre os trabalhadores do bem, e isso para que os temessem e evitassem que lhes pedissem ajuda.

- Tereza, minha amiga, aqui vocês têm uma idéia falsa dos que vivem do lado do bem. Nada disso que pensa é real. Pedi auxílio, e primeiro me curaram, e agora não sinto mais dores, nem aquele frio horrível. Estou em paz e moro com amigos num lugar de luz e beleza. Tenho orado, sim, mas porque me dá prazer, e oro como se conversasse com Deus, nosso Pai, que nos criou. Vive-se lá com disciplina, para se ter ordem: cada um colabora com o bem geral. Recebem-se menos ordens do que aqui. Não necessito vampirizar e sou feliz.

- É mesmo, cara? É feliz? Como se alimenta?
- Onde estou, agora, tudo é diferente. Alimento-me do ar, na comunhão com a Natureza, sustento-me pela vontade.
- Hum!... Você fala difícil. Legal você lembrar de mim, estando numa boa.
- Somos amigos, tive saudade. Agora já me viu, estamos como sempre. Não quer que lhe feche seu ferimento?
- Ora! Quem é você para isto? Sabe que tenho este ferimento aberto há tempo, desde que desencarnei.
- Eu o fecharei para você e, assim, poderá ficar sem esse incômodo.
- Se conseguir, acredito em você.

D. Carmem ficou ao lado, mas Tereza não a viu, e ela sorriu ao neto mostrando-lhe confiança. Marcos, orando com fé, pediu a Deus auxílio para a amiga. Concentrou toda sua força e conseguiu fechar o ferimento, que Tereza tinha bem na altura do coração.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

- Marcos! Viva! Você conseguiu! - exclamou maravilhada a moça, e se atirou nos seus braços, beijando-lhe a face.

Delicadamente, ele a afastou e sentou-se ao seu lado.

- Deus nos ama muito, a Ele deve sua cura. Tereza, você não gostaria de mudar o modo de viver? Ter paz, ser feliz?

A moça se calou, pensativa. Mas já estava quase na hora de Marcos voltar, deveria ir. Despediu-se dela:

- Tereza, devo ir-me, porém deixo com você um endereço. Nesse local, reúnem-se pessoas de bem em orações espíritas, e foram eles que me ajudaram. Pense, minha amiga, e vá lá, pois será bem recebida, orientada, e conhecerá o outro lado, a outra forma de viver dos desencarnados, a mais feliz. Irei embora, mas minhas orações seguirão você. Que Jesus nos abençoe!

Mudou seu pensamento, sua vibração. Tereza não mais o viu e pôs-se a cismar. Marcos e a avó partiram.

Regressou ele contente, de vez que as visitas poderiam repetir-se com frequência. Amava o trabalho e procurava fazer tudo com carinho. Dois meses se passaram...

Foi com enorme surpresa que foi levado pela avó, à ala de recuperações, para visitar uma pessoa querida.

- Tereza!

- Marcos!... Que bom vê-lo!

- Minha amiga, que alegria vê-la aqui!

- Guardei o endereço que me deu e pensei muito no que me disse. Você me curou, mas não me sentia feliz, pois não estava bem comigo mesma. Acabei ficando inquieta, sem vontade de acompanhar as farras da turma, nem querendo vampirizar ninguém. Fomos convocados para a reunião do Grande Mestre e tive medo de ir e eles descobrirem que mudara. Temi o castigo. Pensava muito em você, e quis sentir-me bem como você estava, naquele dia em que me visitou. Senti vergonha de mim e indaguei: "Como pedir ajuda, eu que sempre fui tão má!" Aí, lembrei-me que Jesus havia perdoado Maria Madalena e que perdoaria a mim também, se pedisse a Ele. Arrependi-me realmente dos meus erros e chorei muito. Como não vampirizei mais ninguém, estava

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

fraca e triste. E certo dia, enchi-me de coragem e fui até o local do endereço que me deu. Achei lá tudo tão lindo, entrei, e fiquei envergonhada num canto. Tudo o que escutei me fez chorar de arrependimento e pedi misericórdia, auxílio. Atenderam-me carinhosamente e... aqui estou!

- Tereza, como me alegro!

- Agradeço a você também, sei que suas orações me ajudaram nesta luta. Estou com uma vontade enorme de aprender a ser útil. Marcos, poderei conversar outras vezes como você?

- Sim, virei sempre vê-la e, nas nossas folgas, poderei mostrar-lhe as belezas deste lugar bendito. Seremos bons companheiros!

- Quero ter muitos amigos, quero mudar, aprender.

Conversaram muito. Marcos deixou-a feliz e esperançosa e, como prometera, sempre que possível ia visitá-la. Tereza se recuperou rápido e logo passou a fazer pequenas tarefas e a ser útil à Sociedade que a abrigava.

Excursão

acompanharão ao estudo que faremos entre encarnados que se dedicam ao bem, e que prestam valiosos serviços aos que sofrem.

Marcos simpatizou com seus novos companheiros que, tanto como ele, ansiavam por aprender. Luís iria como instrutor, fato que os deixou muito alegres.

Volitando, desceram à Terra, ficaram hospedados num Posto de Socorro, perto da Crosta, onde o serviço era intenso. Foram visitar vários grupos de orações, e se encantaram ao ver tantos samaritanos espalhados pela cidade, num trabalho incansável de ajuda.

- Marcos, vamos, logo mais, visitar o centro espírita onde sua irmã Solange trabalha - informou Luís.

Marcos alegrou-se ao ver o local onde tantas bênçãos recebera e foi grande sua surpresa ao ver dr. Marcondes sentado à mesa.

- Dr. Marcondes - Marcos exclamou -, mas ele era um ateu!

- Marcos, sua cura não foi em vão - Luís explicou. Dr. Marcondes, estudioso e com espírito ávido para aprender, se encabulou com sua inexplicável cura e procurou entendê-la nos estudos espíritas. Converteu-se e, hoje, tem afeição ao Espiritismo e é um dos seus mais sinceros seguidores. Você não se lembra? Foi ele quem o ajudou, desligando-o do seu corpo morto, impedindo que viesse a vê-lo enterrado.

- Devo muito a ele, vendo-o aqui, fico feliz, porque sei que terá no Espiritismo o entendimento e a compreensão a que faz jus.

Ver o centro espírita como aprendiz era diferente para Marcos, de vez que o trabalho era muito e não ficaram como

-117

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

espectadores, pois ajudavam nas tarefas mais simples. Isto os deixava contentes. O número de necessitados era grande e a equipe médica trabalhava sem cessar, com os mentores da casa dando atenção a todos.

- Como há desencarnados doentes! - Luzia exclamou.

- A maioria não pensa na sua própria morte, não pensa como será após a separação do corpo, e outros vivem a encarnação como se nunca fossem morrer. A desencarnação traz muitas surpresas e uma delas é continuar sentindo as dores e as doenças que o corpo tinha - Luís elucidou-os.

Um grupo de arruaceiros tentou entrar no local e tirar alguns desencarnados que tinham pedido abrigo, mas os guardas os afastaram. Luís, vendo seus pupilos espantados, esclareceu:

- Os trabalhadores do bem acolhem sempre os que lhes batem à porta, porém há necessidade de manter a ordem, por isso não foi permitida a entrada deles aqui, porque somente queriam badernar. Aqui é um Posto de Socorro para doentes, são auxiliados os que pedem. E os irmãos arruaceiros são, na verdade, mais necessitados, porque nem querem socorro. Há para eles outros grupos, que os acolhem e instruem.

O trabalho começou com a leitura do Evangelho.

Os três excursionistas admiraram o processo de intercâmbio entre os dois planos. Os mentores colocavam em filas os necessitados da incorporação mediúnica e de fluidos materiais. A incorporação para muitos é um choque de reconhecimento do seu estado de desencarnado.

Marcos pensou que muitos como ele se iludiam, rejeitavam a idéia de que seu corpo estivesse morto e que, aproximando-se de um encarnado e vendo a diferença entre seus corpos, entendiam sua situação. E, também, porque se achavam muito materializados, os fluidos densificados, doados pelos médiuns e encarnados presentes, ajudavam com mais rapidez a sanar suas doenças e deformidades perispirituais.

Os desencarnados chegavam perto do encarnado, com a distância que variava de oitenta a vinte centímetros. O médium, preparado, entrava em sintonia com a faixa mental do

-118-

MUITOS SÃO os CHAMADOS

desencarnado. Fios saíam da mente do médium e se ligavam aos da mente do desencarnado. Todo este processo era feito ou supervisionado pelos mentores, trabalhadores desencarnados da casa. Luís aproveitou para elucidá-los:

- Os médiuns sintonizam facilmente com outras mentes. Por isso há necessidade de o encarnado, com mediunidade, aprender a lidar com ela. Esse aprendizado, chamado por muitos de "desenvolvimento", é muito necessário ao médium. E, quando o médium trabalha para o bem, há sempre um desencarnado guia, mentor ou protetor, que impede que esse processo de sintonização se faça em qualquer lugar. Conhecendo e aprendendo a usar sua mediunidade o próprio médium saberá como usá-la.

- Como a mediunidade possibilita fazer o bem! - Luzia exclamou.

O socorro daquela noite foi grande. Após socorridos todos os desencarnados, foram eles transportados para mais assistência no plano espiritual, e a equipe médica auxiliou os encarnados doentes, que aguardavam.

O trabalho estava para terminar e o mentor da casa se aproximou da pequena equipe de convidados e disse:

- Marcos, convido você para fazer a oração de encerramento, através de sua irmã carnal.

Emocionado e encabulado, Marcos voltou-se para Luís, que o incentivou com o olhar. Aproximou-se, enxugou as lágrimas da emoção e falou. Sua irmã Solange, comungando os mesmos pensamentos, repetiu em voz alta:

- Irmãos, como é importante esta reunião para todos nós, e mais ainda para os que sofrem e aqui buscam o conforto e o bem-estar para seus males. Foi nesta casa que recebi socorro. Encarnado, imprudente, não pensava na morte para mim. Meu dia chegou, enfim. Vaguei sem rumo e sofri muito, até que vim ter a este local, onde fui esclarecido e encaminhado. Agora, aprendo e começo a ser útil. Meu agradecimento é sincero a Deus e a todos os que aqui auxiliam, orientando e que também aprendem. Que as bênçãos do Pai caiam sobre nós e que estes trabalhos permaneçam sempre, para a ajuda aos necessitados. Pai-Nosso...

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS-

Afastou-se de Solange e ela, emocionada, agradecia a Jesus por seu irmão estar bem. Abraçado pelos companheiros, Marcos chorou de alegria e gratidão.

Findo o trabalho, os encarnados se despediram e voltaram aos seus lares. A pequena equipe de aprendizes também se despediu dos amigos espirituais, sendo convidados a visitá-los novamente. Regressaram ao Posto de Socorro, onde se hospedavam.

- Nosso estudo agora - Luís esclareceu - será numa cidade no interior, conhecida de Marcos. Visitaremos grupos de auxílios e aprenderemos preciosas lições.

- Como me será agradável voltar lá! - Marcos exclamou.

- Lá, Marcos, você foi, como encarnado, em busca da cura de uma mal físico, agora volta para estudar, conhecer. Iremos amanhã.

Foi com grande alegria que Marcos reviu a cidade. Ficariam alguns dias e se hospedariam num Posto de Socorro, no plano espiritual da citada cidade.

Visitaram locais de oração, reunião de estudos, onde pessoas unidas pela amizade ajudavam tanto encarnados como desencarnados.

Na terça-feira à noite, Luís levou-os a visitar uma casa singela, toda rodeada de folhagens e flores. Foram saudados pelos guardas e entraram, caminhando até os fundos. No quintal havia uma sala, local onde o grupo se reunia para os trabalhos espirituais. Encarnados ali estavam, Luís esclareceu seus pupilos:

- Este é o sr. Mário Pozzi, dono da casa e orientador dos trabalhos espirituais; esta é d. Mirinha, sua esposa e Jerusa, sua filha; esta é Claudete e o Sr. Eduardo. Estão organizando o local para o trabalho da noite.

Foram acolhidos gentilmente pelos trabalhadores espirituais da casa e se acomodaram. O sr. Mário viu-os e foi informado pela desencarnada Irmã Maria, que se tratava de visitantes.

O movimento de desencarnados era grande. Grupos de jovens vieram assistir aos trabalhos, alguns necessitados de

MUITOS SÃO os CHAMADOS

amor e caridade, outros para aprender a ser úteis. Uma equipe médica se preparava para atender a encarnados e desencarnados carentes.

O que chamou a atenção dos três excursionistas foi uma fila que se formava, de desencarnados, os quais tinham nas mãos folhas escritas e esperavam ansiosos pelo início da sessão.

- Por que estão com estas folhas nas mãos? - Henrique indagou curioso.

- Logo veremos - Luís esclareceu.- Aqui trabalha uma médium que psicografa e estes desencarnados estão escalados para transmitir, pela psicografia, notícias aos seus entes queridos encarnados.

- E se acontecer de o médium não poder comparecer?

- quis saber Luzia.

- Esses irmãos esperarão por mais uma semana. Poucos querem responsabilidades de um trabalho mediúnico, entretanto muitos poderiam fazê-lo.

- Como gostaria de escrever aos meus familiares, amo-os tanto - falou Henrique.

- Todos esses desencarnados estão ansiosos por mandar notícias, muito mais que os encarnados de receber. Continuamos vivos e ansiámos dizer isto a eles, mas poucos encarnados acreditam - Luís comentou.

- Os meus não acreditam - Henrique concluiu. - Nunca iriam pedir notícias minhas. Para eles, estamos separados.

Com a chegada dos encarnados, calaram-se. Os do grupo foram tomando seus lugares, eram pessoas conscientes e com vontade de ajudar.

D. Mirinha fez uma linda oração, Claudete leu um texto do Evangelho e começou o trabalho.

Os espíritos da citada fila chegavam perto do instrumento que lhes servia e liam o conteúdo das folhas, que era um rascunho do que queriam ditar. Muitos se emocionavam e até choravam ao escreverem aos seus afetos. Luís esclareceu:

- A psicografia é importante para muitos desencarnados que, dando notícias aos seus, amenizam a saudade e a angústia-121

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

que seus familiares encarnados sentem. E estes, encarnados, ao saberem que os mortos dos corpos, desencarnados, continuam vivos, amando-os, suavizam sua aflição, e se desligam cada vez mais de seus afetos que partiram, ajudando-os a reiniciar na Vida Espiritual. Para muitos desses desencarnados que ditam aos seus, é como remorrer, isto é, conseguir partir para o plano espiritual.

No prazo de duas horas muito se fez, pois muitos eram os desencarnados socorridos e os encarnados orientados. Com a oração do Pai-Nosso, terminaram os trabalhos da noite e as luzes se acenderam. Os médiuns, contentes, fizeram alguns comentários sobre o trabalho.

- Estão sendo entregues algumas das mensagens. Será que todos os encarnados acreditam? - Luzia indagou a Luís.

- Vamos observar.

Três pessoas liam as mensagens.

A primeira a receber foi um moço que demonstrou incredulidade, e pensava ao lê-la:

"Não é minha mãe, se fosse, teria citado a pouca vergonha do meu pai que casou com aquela mulher... Apesar da assinatura parecer... Não sei..."

A segunda a receber era uma jovem que se esforçava para não chorar de emoção. "Meu Deus! Respondeu às minhas indagações. Meu pai escreveu-me, respondeu-me..."

A terceira, uma mãe saudosa, que tremia ao ler:

"Meu filho! Que saudade! Como Deus é bom! É a sua assinatura! Ele chamou-me pelo nome, era assim que costumava se referir a mim. Esta carta tem tudo dele: o jeito de expressar, o tom brincalhão. Sei, meu querido, que está do lado de lá e que nos ama como o amamos."

O grupo foi se desfazendo, e enquanto os encarnados voltavam ao lar, os donos da casa organizavam o local e, do lado de cá, também havia despedidas e agradecimentos.

Luís aproveitou para novos esclarecimentos:

- Como vocês viram, com boa vontade, encarnados e desencarnados trabalham na ajuda aos necessitados. Muitos recebem esses benefícios como a boa semente e a plantam em

MUITOS SÃO os CHAMADOS

boa terra, outros, conforme a Parábola do Semeador, recebem-na entre espinhos e pedregulhos. Os desencarnados que ditaram mensagens, fizeram-no cheios de esperança de serem acreditados, entretanto, quando há indiferença dos seus, dói-lhes muito. Alguns encarnados querem provas difíceis para conseguirem crer e, como nem sempre isso é possível, não aceitam. Outros querem ler nas mensagens o que pensam ser certo, como aquele moço, a querer que a mãe condenasse o casamento do pai e, como ela não o fez, porque já possuía conhecimentos e não censurava, mas compreendia e, não podendo as mensagens trazer discórdias, ele não acreditou.

- Nem todas as assinaturas saem iguais às que tinham quando encarnados, não é mesmo? - Luzia indagou.

- Para que se assemelhassem, necessitaria um treino maior do desencarnado com a médium que recebe essas mensagens, num intercâmbio consciente ou, preferentemente, pela psicografia mecânica. Se a assinatura é simples, fica mais fácil. Também, muitos nem querem assinar, ditam somente o nome. Esse fato para alguns encarnados é importante, mas para outros o que importa é o conteúdo. Luzia, para incrédulos tudo é impossível e para os que crêem, um ponto é letra. Quem acredita, já está consolado.

- Luís - perguntou Marcos -, todos esses encarnados que freqüentam centros espíritas e os médiuns que lá trabalham, já são os escolhidos?

- Infelizmente, não. Escolhidos são aqueles que uniram espontaneamente a sua vontade à vontade de Deus. Médiuns e pessoas que freqüentam uma casa espírita, desfrutam da oportunidade de aprender a serem úteis. Assemelham-se a alunos que freqüentam um educandário, onde sua presença, por si só, não os ensina, porque se não se esforçam, não adquirirão instrução e, do mesmo modo, podem ficar vários anos no meio de mestres e saírem tão analfabetos quanto aqueles que nunca foram ao colégio. A presença na casa espírita não é um fim, sim um meio propício para que, compreendendo a realidade espiritual, a ela se integrem. Num centro espírita, entram em contato com desencarnados, e isso lhes prova a sobrevivência

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

da alma após a morte do corpo físico. Muitos desses desencarnados são irmãos evoluídos que vêm para amparar em nome de Deus.

A quem tem mais, muito será pedido. Aos médiuns, a quem muito foi dado, é natural deles se esperar que muito seja pedido. Não em atitudes externas mas, sim, na sua transformação interior.

O ato de fazer o bem proporciona ao indivíduo não propriamente ter créditos, embora possa ter, mas seu principal prêmio será tomar-se cada vez melhor, até um dia vir a ser elevado. Fazendo o bem, tem-se a oportunidade de se tomar bom. Quando agimos assim, os maiores beneficiados somos nós mesmos, pois tivemos oportunidade de demonstrar ou, talvez, consolidar ensinamentos aprendidos. Praticar o bem do melhor modo que pudermos, com toda dedicação, não se importando a quem seja, deve ser a atitude dos escolhidos, pois Deus age assim e muito nos ama.

Muitos médiuns, por freqüentarem uma casa espírita e por beneficiarem a muitos através de seu corpo físico, presumem-se desobrigados de sua integridade moral e física. Iludem-se, pois quase todo o mérito do bem que distribuem, cabe aos desencarnados socorristas que sofrem suas vibrações inferiores, próprias de um mundo rasteiro, tendo eles que higienizar a aura do encarnado para que possam ser úteis. Mesmo com esse trabalho, os nossos irmãos desencarnados permanecem para ajudar e amar em nome de Deus. A esses médiuns só caberão repreensões e censuras, porque devem mais do que os que não receberam essa oportunidade.

Fazer, por si só, não tem valor. O valor está na intenção pela qual o bem é feito. O fazer é importante, mas muito mais é o ser. Muitos pensam que ao realizar o bem não necessitam ser, todavia se enganam e sofrem. Mas os que praticam o bem e tomam-se bons, atenderam o chamado e serão os escolhidos.

O Espiritismo dá muito esclarecimento, por isso aos espíritas muito será pedido: não em atitudes externas mas, sim, na vivência interna.

-124-

- MUITOS SÃO os CHAMADOS

Voltaram ao Posto de Socorro, onde ficaram servindo e ajudando os muitos necessitados que lá se abrigavam, e isso até a noite de sexta-feira.

O pequeno grupo volitou pela cidade, vendo diversos locais iluminados de forma diferente, por luzes espirituais.

- Luís, que são estes pontos luminosos? - Henrique indagou, curioso.

- São os diversos locais onde grupos afins se reúnem em oração e ajudam aos irmãos necessitados.

- E aquele lá - apontou Luzia - na parte alta da cidade?

- É uma reunião de amor e caridade de que participam laboriosos e bondosos espíritos, juntamente com atenciosos encarnados, a prestar grandes serviços na Seara do Bem
Luís fez uma pausa e finalizou: - Onde há luz, as trevas são dispersas!

- São esses os que não se recusam a trabalhar na Vinha do Pai! - Marcos exclamou, emocionado. Calaram-se, meditando.

-125-

Muitos São Os Chamados rever o local onde estivera encarnado, período difícil, doente, Marcos teve que conter a emoção.

O centro espírita estava mais bonito, diferente, oferecendo aos encarnados melhores acomodações e alojamentos.

A pequena equipe de aprendizes maravilhou-se com o trabalho que os obreiros desencarnados faziam no local. No plano espiritual, mantinham enorme hospital e Posto de Socorro para desencarnados necessitados.

Foram gentilmente recebidos por um de seus trabalhadores, que lhes pediu ficassem à vontade, e lhes explicou que ali grupos de estudos eram sempre bem recebidos.

Muitos encarnados aguardavam o início dos trabalhos, para consultas. Luís pediu aos seus pupilos que se juntassem a eles e ouvissem seus comentários.

- Não sei se conseguirei sarar - comentou um senhor.

- Há tempo estou doente, mas, como muitos dizem ter se curado, não custa tentar.

- Vou sarar, tenho fé, vim de tão longe! - falou uma moça.

- Sinto dores terríveis, quem sabe Deus me atende através desses irmãos - falou esperançoso um homem.

- Se não fizer bem, mal não me fará! - comentou uma senhora.

- Minha filha vai se curar, tenho certeza! - convicta, falou outra senhora.

Marcos olhou-os, apiedou-se de muitos, lembrando-se dele mesmo. A maioria ali estava pensando só em si, na sua melhora física, pois vieram usufruir sem pensar sequer em doar. E não seriam doações materiais, porque ali não se

-126.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

cobrava nada, mas darem algo de si, melhorarem suas maneiras de ser e viver. Muitos tinham fé, acreditavam, outros nem isso. Aproximaram-se de duas mulheres. A mais moça tentava convencer a mais idosa da existência de espíritos, mas ela dizia com convicção:

- Não creio em espíritos, de vez que se morre e não se volta mais à Terra, ou vão para o Céu, ou para o Inferno, aqui não virão mais.

- Você não deveria pensar assim, porque a maioria tem o corpo físico morto, e fica vagando junto a nós, encarnados. E tudo o que nos acontece de ruim, é interferência dos desencarnados.

- Grande bobagem, os "desencarnados", como você chama os mortos, nada podem fazer conosco.

- Hoje mesmo escorreguei, e foi um espírito que me empurrou!

- Não creio. Que veio fazer aqui, então? Penso curar-me pela força mental do sensitivo. Luís esclareceu:

- Estas duas senhoras são exemplos de dois extremos. Uma não crê na interferência dos desencarnados, e a outra acha que tudo o que acontece é por causa dessa interferência. Ambas estão erradas, uma por não crer e a outra por colocar toda a culpa na parte espiritual, até mesmo por um simples escorregão e por acontecimentos corriqueiros na vida encarnada.

O movimento no plano espiritual era maior que no plano terreno. Muitos desencarnados, julgando ainda estar no corpo físico, buscavam curas dos seus males, enfileirando-se com os encarnados.

Grande era o número de trabalhadores do plano espiritual. A equipe médica trabalhava incansavelmente, ao lado dos guardiões e dos samaritanos, encarregados de ajudar os desencarnados sofredores.

- Este é um dos trabalhadores da casa, é médico - Luís apresentou.

-VERA LÚCIA MAHINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

Encantaram-se com a simplicidade do apresentado, que cumprimentou-os, sorrindo.

- Espero que se sintam à vontade entre nós.

- Que prazer conhecê-lo! - Marcos disse. - Curou-me., fui curado aqui quando encarnado. Porém não dei o devido valor. - Sorriu amorosamente, incentivando-o a continuar, e Marcos completou: - O senhor não se importa? É indiferente com a ingratidão de muitos?

- Não pensamos no bem que fazemos. - respondeu tranqüilo. - Preocupamo-nos somente com o bem que deixamos de fazer!

Os médiuns foram chegando e começou o trabalho da noite.

Houve grande silêncio e todos se aquietaram, tanto encarnados como desencarnados, para ouvir a palavra sr. Waldemar:

- Irmãos, somos de muitas formas chamados a conhecer a Verdade, o bom caminho. Todas as religiões cristãs orientam seus seguidores a praticar o bem, a amar o próximo. Mas é o Espiritismo que muitas orientações nos tem dado, esclarecendo-nos os ensinamentos de Jesus de maneira clara e raciocinada. Abençoada seja a Doutrina codificada inclusive pelos muitos esclarecimentos de Allan Kardec, pois ela nos chama e nos dá oportunidades de fazer, para sermos os escolhidos. Irmãos, pelo Espiritismo somos sempre chamados. Alguns pela cura de seus males físicos, porque, desenganados pela Medicina terrestre, são curados pelos bons espíritos, que lhes provam inclusive a continuidade da vida após a morte do corpo material. Porém muitos, surdos a esses chamamentos, justificam suas curas, negando que foram curados pelos desencarnados. Voltam com saúde a viver, como se nada tivesse acontecido, e se recusam a se transformarem em escolhidos. Tantos se livram, pelo Espiritismo, de obsessões, de "encostos" como dizem na simplicidade, mas continuam sofrendo, na existência desencarnada: os bons continuam bons, os maus, às vezes, piores ainda.

Outros são chamados pela psicografia, a provar que os entes queridos, cujos corpos morreram, não se acham separados,

MUITOS SÃO os CHAMADOS

mas ausentes, e que podem se comunicar conosco. Cada encarnado que recebe uma mensagem, recebe também um apelo para crer. O Espiritismo prova-nos de muitas formas que continuamos vivos após a morte do corpo físico e que necessitamos pensar nessa sobrevivência, porque a desencarnação acontecerá para todos os chamados "vivos". E nossa vivência no plano espiritual tanto pode ser boa como ruim, pois será de conformidade com a conduta que estamos tendo aqui como encarnados. Vamos, irmãos, atender ao chamado que estamos recebendo, despertemos e passemos do caminho largo, o das facilidades, para o caminho estreito, mudando nossa forma de viver, tomando-nos bons. É necessário entender e praticar os ensinamentos de Jesus e nos esforçarmos para sermos escolhidos.

Em seguida, começou a atender os encarnados doentes.

Enquanto Henrique e Luzia ajudavam o grupo que estava dando passes de irradiação nos enfermos, Luís e Marcos foram até a sala onde faziam o trabalho de orientação aos desencarnados, ou seja, trabalhos de desobsessão.

Marcos não só viu desencarnados doentes, como também maus e vingativos, mas todos eram socorridos, orientados e encaminhados para assistência no plano espiritual.

- Luís - Marcos comentou -, quando aqui estive, passei por este trabalho, e estavam comigo dois desencarnados que queriam se vingar e disseram ter agido inclusive instigados pela vontade de dois encarnados.

- Alguns desencarnados vingativos aguardam os encarnados, a quem querem prejudicar, caírem na vibração infeliz para poderem agir. Certamente, conseguiram prejudicá-lo, em virtude de você ter ofendido a outros e eles, revidando, desejaram-lhe o mal.

- Que será deles? Por que estavam comigo?

- Se receberam orientação aqui e foram encaminhados, estão bem. O porquê, o motivo de eles quererem se vingar, pode estar no passado distante. Se um dia recordar suas outras existências, poderá saber o motivo.

- Devo tê-los ofendido, gostaria de pedir-lhes perdão.

VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS

- Numa rixa, há culpa de ambos os lados. Ofendidos devem perdoar e não guardar rancores, e ofensores devem arrepende-se e reparar a falta. Se eles se encaminharam, perdoaram-no e, se um dia houver necessidade, a vida os aproximará. O que importa, Marcos, é que você também foi prejudicado por eles e os perdoou.

- Luís, lembro-me, agora, das propostas que fiz e que não cumpri. Mas a culpa também foi de Mara, que me impediu.

- Marcos, meu companheiro, não jogue a culpa de seus atos em outros. Se quisesse, se tivesse realmente vontade, teria feito. Deixou-se dominar por ela, porque no fundo era isto o que desejava. Mara é realmente voluntariosa e, para você, foi mais cômodo atendê-la. Do mesmo modo, muitos aqui no plano espiritual dizem: "Não trabalhei espiritualmente, quando encarnado, não atendi a conselhos e apelos de amigos, porque minha esposa, ou meu esposo, filhos etc. impediram-me". Outros desculpam-se dizendo que eram pobres, não tinham nada para dar, eram necessitados. São desculpas que dão a si mesmos. Esquecem que pobre materialmente pode dar de si fluidos, bondade, horas de trabalho, orações. Necessitados? Há tantos modos de se passar de necessitados a colaboradores, e todos têm essa obrigação, só não se transformam os acomodados e os que realmente não querem. Nem a doença física é empecilho para quem quer ser útil. O cego pode usar a palavra; o mudo, as mãos, etc. Exemplos não faltam: desencarnou há pouco Jerônimo Ribeiro Mendonça, um tetraplégico e cego, que com seus livros e palestras chamou muitos irmãos ao caminho do bem e, com seus exemplos, incentivou muitos a se resignarem, a serem como ele.

E os necessitados espiritualmente - Luís continuou, após ligeira pausa - podem mudar de hábitos e atitudes, evangelizando-se e seguindo o caminho do bem, porque assim as dificuldades serão ultrapassadas. É sempre mais fácil colocar a culpa de nossas falhas e fracassos, nos outros, como se eles fossem donos do nosso livre-arbítrio. Quando queremos, sempre damos um jeito, embora reconhecendo que, em muitas ocasiões, os empecilhos são fortes e que se necessita de muita coragem para vencê-los. Mas este não foi o caso que mencionamos.

MUITOS SÃO os CHAMADOS

Marcos abaixou a cabeça, mas foi abraçado amorosamente pelo instrutor, pois entendeu que não recebera uma censura, porém preciosa lição.

- É verdade, Luís, não foi o meu caso. A "porta larga" me foi mais cômoda, mais fácil. Tentava isentar-me, culpando Mara. Aqui, neste local, prometi dedicar-me aos pobres, às crianças doentes, carentes de médicos e remédios. Adiei, deixei para amanhã o que poderia ter feito e... não tive amanhã! Penso mesmo que adiará sempre e sempre esse "amanhã".

- Quando podemos fazer, é nosso dever realizar. Adiar, ou não fazer, é tarefa não cumprida, é lição não aprendida. Sofremos muito quando podemos e não fazemos o bem.

- Será, Luís, que um dia serei digno de trabalhar em nome de Jesus?

- Poucos de nós são dignos de trabalhar em nome de Jesus, e, como a Sua misericórdia é grande, todos os de boa vontade poderão fazê-lo. Basta querer!

Quando todos foram atendidos, reuniram-se os médiuns na frente da figura de Jesus e oraram a Prece de Cáritas: uma chuva de fluidos salutares, coloridos, caiu sobre todos, terminando o trabalho da noite.

Luís e seus pupilos despediram-se dos amigos da casa, os quais tão bem os receberam e seguiram para o pátio. O instrutor, aproveitando os últimos momentos em que estariam juntos, pois a excursão terminara e agora iria cada um para seus afazeres na Colônia, elucidou-os:

- São duas as parábolas em que Jesus se refere aos muitos que são os chamados e poucos os escolhidos. A dos Trabalhadores da Vinha, em que o Senhor contratou trabalhadores em diversas horas do dia e pagou-os igualmente. Aprendemos nessa Parábola que o Senhor da Vinha sai a chamar pelos trabalhadores, dizendo ser muito importante que eles estejam à disposição do chamado Divino. Prepararemos-nos para a hora em que formos chamados, para que estejamos prontos a atender. Porém, o que acontece conosco é que sempre estamos envolvidos nos acontecimentos materiais, preocupados com o mundo físico, e ficamos apegados ao que

-VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO / ANTÔNIO CARLOS -

gostamos. Permanecemos escravizados aos bens terrenos, como se essa fosse a finalidade da existência humana. E ficamos surdos aos chamamentos!

Na Parábola da Festa das Nupcias, há os escolhidos. Primeiro o Senhor mandou seus servos chamarem os convidados, que se recusaram ao apelo. E as recusas continuam as mesmas até hoje, quando se trocam as coisas materiais pela realidade espiritual. São preocupações com propriedades materiais, prazeres sensuais e divertimentos sociais. E muitos não têm coragem para atender ao convite do Senhor, envergonhando-se porque, para a maioria, quem não corre atrás dos bens materiais é considerado tolo, digno de compaixão. E as recusas são desculpas mentirosas e enganadoras.

O convite se deu para todos, por toda a Terra, para bons e maus. E os chamamentos continuam, pois todas as religiões convidam os homens ao "grande banquete". Só que não basta freqüentar uma seita, embora seja isso importante, porque as religiões podem nos dar um ambiente propício, mas não é o bastante, temos que fazer, construir em nós "a vestimenta nupcial", isto é, purificar-nos, tornarmo-nos bons.

Depois de os chamados chegarem ao "banquete", o Senhor vê um que não está com a "veste nupcial" e pergunta o porquê de estar presente sem estar devidamente vestido. O convidado emudece. O Senhor ordena que seja lançado às "trevas exteriores". O mundo físico, Jesus o comparava às trevas, e o mundo espiritual, à Luz, ao Banquete.

E escolhidos são somente aqueles que se esquecem de si mesmos, que amam a Deus e as criaturas acima do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

Nossa responsabilidade é grande, pois não significa que, por estarmos desencarnados, é que somos os escolhidos, porque ainda estamos sujeitos a outras reencarnações. Somos peregrinos e, por períodos, estamos ora desencarnados, ora encarnados. Somos sempre chamados e, por nossas atitudes, é que seremos os escolhidos. Como donos de nosso destino, podemos decidir sobre nosso amanhã. Para adquirir

MUITOS SÃO os CHAMADOS

felicidade, necessitamos estudar, trabalhar, meditar. Não nos redimimos por atos externos, que podem até ser úteis, mas só o amor, o fazer por amor, é que nos redimirá.

Estamos sempre sendo chamados, vamos, portanto, atender ao Pai Amoroso que, de braços abertos, recebe carinhosamente a seus filhos pródigos.

Após pequena pausa, Luís finalizou:

- Bem-aventurados os que fazem por onde ser escolhidos. Porque muitos são os chamados...

Uma nova esperança motivou Marcos, porque teria outras oportunidades, para purificar-se e atender ao convite do Banquete, e se esforçar para ser um dos escolhidos.

Emocionados, partiram. Do alto, via-se a Terra Azul, este abençoado educandário celeste...

FIM